



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica

MARIA ELY SILVA CAMARGO

O CONCEITO DE PULSÃO (*Trieb*) NA PSICANÁLISE:
CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO

SALVADOR
2009

MARIA ELY SILVA CAMARGO

O CONCEITO DE PULSÃO (*Trieb*) NA PSICANÁLISE:
CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada para obtenção do
Título de Mestre em Educação à Universidade
Federal da Bahia. Área de Concentração:
Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica.
Linha de Pesquisa:
Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Kleverton Bacelar

SALVADOR

2009

UFBA/ Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

C172 Camargo, Maria Ely Silva.

O conceito de pulsão (Trieb) na psicanálise : conexões com a educação /
Maria Ely Silva Camargo. – 2009.
128 f.

Orientador: Prof. Dr. Kleverton Bacelar.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Educação, Salvador, 2009.

1. Teoria das pulsões. 2. Sujeito (Filosofia). 3. Sexualidade. 4.
Civilização. I. Bacelar, Kleverton. II. Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Educação. III. Título.

150.1952 – CDD 22.ed.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica

MARIA ELY SILVA CAMARGO

O CONCEITO DE PULSÃO (*Trieb*) NA PSICANÁLISE: CONEXÕES COM A
EDUCAÇÃO

Prof. Dr. Kleverton Santana Bacelar - UFBA. Orientador

Profª. Dra. Caroline Vasconcelos Ribeiro – UESB

Prof. Mestre e Psicanalista Mário Henrique Soares Nascimento - UFBA

Prof. Dr. Edvaldo Couto - UFBA

Resultado: Aprovada

Data de aprovação: 22 de maio de 2009

O cérebro eletrônico faz tudo, faz quase tudo, faz quase tudo, mas ele é mudo. O cérebro eletrônico comanda, manda e desmanda, ele é quem manda, mas ele não anda.

Só eu posso pensar se Deus existe, só eu. Só eu posso chorar quando estou triste, só eu. Eu cá com meus botões de carne e osso, eu falo e ouço, eu penso e posso...

eu posso decidir se vivo ou morro, por que, porque sou vivo, vivo pra cachorro, e sei, que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro no meu caminho inevitável para a morte.

Porque sou vivo, sou muito vivo e sei que a morte é nosso impulso primitivo, e sei, que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro, com seus botões de ferro e seus olhos de vidro.

Cérebro Eletrônico

Música e letra de **Gilberto Gil**

Homenagens

Ao meu adorado pai Mário, Waldemar Barbosa da Silva (1927-1965), e à minha amada netinha Ana Carolina, Carol, (1998-2000), *in memoriam*.

À minha querida mãe Josefina Camargo Silva, Jove, 85 anos, filha caçula de Padrim Zezim e de Dindinha Sinhazinha, da Fazenda Lagoa Grande, Urandi/Bahia.

Dedico e agradeço

Aos filhos Maurício, Rodrigo, e Águeda, mãe do querido neto Ian.

Aos amigos, às amigas, aos mestres, doutores, colegas, vizinhos, companheiros, amores.

Ao orientador desta pesquisa - Prof. Dr. Kleverton Bacelar Santana - e ao Programa de Pós-Graduação da FAGED/UFBA.

Salvador, maio de 2009.

Resumo

O objeto desta pesquisa é o estudo do conceito de pulsão na psicanálise, conceito-limite entre o psíquico e o somático, suas características, impulsos, fontes, objetos, metas, seus destinos como o recalque e a sublimação que possibilitam ao sujeito a educação, a criação, as atividades psíquicas, científicas, artísticas, ideológicas, e as especulações filosóficas. A metodologia é de análise teórico-conceitual para interrogar e interpretar o material bibliográfico encontrado. As pulsões são sexuais, parciais, compõem o aparelho psíquico estruturado por Freud em duas tópicas: a do inconsciente, consciente, e pré-consciente, e, a do eu, supereu, e isso (Es, id). Analisamos a diferença entre o instinto para os animais e a pulsão que amplia para o ser falante o conceito de sexualidade e tem a libido como energia, e observamos alguns dos transtornos pulsionais encontrados na clínica freudiana. A civilização em nome de sua evolução impõe repressões às pulsões do sujeito e o dualismo inicial entre as pulsões sexuais e as do eu, ou de autoconservação, modifica-se surgindo um novo dualismo entre as pulsões de morte, e Eros, o amor, as pulsões de vida que buscam prevalecer.

Palavras-chave: Sujeito, pulsão, sexualidade, civilização, educação

Abstract

The subject of this search is the study of the concept of drive in psychoanalysis, the term-limit between somatic and psychic, their characteristics, pulses, sources, objects, goals, their destinations as the repression and the sublimation that allow the subject to education, the creation, the psychological activities, scientific, artistic, ideological, and the philosophical speculation. The approach is theoretical and conceptual analysis to interrogate and interpret the bibliographic material found. The drives are sexual, partial, up the psychic apparatus structured in two topical by Freud: the unconscious, conscious, and pre-conscious, and that of I, super, and that (Es, id). We analyzed the difference between the instinct for animals and the drive that extends for the speaker being the concept of sexuality and has the libido as energy, and found some of the drives disorders encountered in clinical Freudian. The civilization in the name of its development requires the repression of the subject drives and the initial dualism between the sexual drives and the I drive, or of self-conservation, modifies itself emerging a new dualism between the drives of death, and Eros, the love, the drives of life seeking prevail.

Key-words: Subject, drive, sexuality, civilization, education

Sumário

Introdução	09
Capítulo 1 – Análise do Conceito de Pulsão (<i>Trieb</i>)	18
1.1 As pulsões e os impulso no <i>Projeto de uma Psicologia Científica</i>	20
1.2 A terminologia freudiana: pulsão (<i>Trieb</i>) e instinto (<i>Instinkt</i>)	24
1.3 O aparelho psíquico e as pulsões na <i>Interpretação dos Sonhos</i>	27
1.4 A Teoria da Sexualidade: pulsão sexual parcial (<i>sexuelle Partiel Trieb</i>).....	35
1.4.1 As zonas erógenas das pulsões sexuais parciais.....	38
1.4.2 O eu narcísico: eu real, eu ideal, e o ideal do eu ou supereu	45
1.5 A teoria da pulsão: seus termos, suas definições	50
1.5.1 As principais características da pulsão	54
Capítulo 2 – As pulsões e seus destinos	59
2.1 Um destino da pulsão: o recalque (<i>Die Verdrängung</i>)	64
2.2 O inconsciente, a sede das pulsões	67
2.2.1 As qualidades especiais do inconsciente	69
2.3 Compulsão à repetição de situações desprazerosas.....	71
2.3.1 A repetição nas neuroses e nas brincadeiras das crianças	74
2.4 Vida e morte: dualismo ou monismo pulsional?	79
2.5 As pulsões e a estrutura psíquica: o eu, o supereu, e o isso (<i>Es, id</i>).....	85

Capítulo 3 – Conexões entre Psicanálise e Educação	91
3.1 Evolução da cultura: métodos educacionais	92
3.2 A sublimação da pulsão em realizações culturais	95
3.3 O mal-estar na cultura, na civilização	103
3.4 O sentimento de culpa, consciente e inconsciente	106
3.5 Psicanálise e educação: amor e solidariedade	112
Conclusão	118
Referências bibliográficas	124

Introdução

O objeto desta nossa pesquisa é o estudo do conceito de pulsão (*Trieb*) na psicanálise, e escolhemos a obra de Freud como referência para esta investigação considerando a importância desse conceito, do início ao final de suas elaborações teóricas e clínicas, concebido como um conceito fundamental da psicanálise.

Perguntamo-nos sobre o que quer dizer pulsão, quais as suas características, termos, definições, como as pulsões são agrupadas na primeira e na segunda teoria pulsional de Freud, como compõem o aparelho psíquico, tanto na primeira quanto na segunda tópica, e que papel as pulsões desempenham na constituição da sexualidade, da vida, do ser humano.

O nosso objetivo geral é a análise do conceito de pulsão nos principais textos de Freud que tratam dessa temática, e visamos a, especificamente: destacar os destinos do recalque e da sublimação das pulsões referidos por Freud à cultura e à educação; relacionar exemplos de transtornos pulsionais derivados das observações clínicas; avaliar as diversas fases e transformações pelas quais passam as pulsões e estabelecer a diferença introduzida entre o emprego da palavra instinto (*Instinkt*) para os outros seres animais e o de pulsão (*Trieb*) para o ser humano. O interesse pelo tema da pulsão partiu da nossa experiência em psicanálise - e em educação - levando-nos a empreender um aprofundamento sobre as diversas manifestações pulsionais do sujeito.

Este estudo justifica-se pela importância que o tema suscita na própria psicanálise, na história, na filosofia, na pedagogia, na psicologia, na medicina, em diversas outras disciplinas e nos meios científicos e acadêmicos, onde podemos encontrar registros de citações e referências à psicanálise, e aos seus conceitos e pressupostos, em áreas multidisciplinares do conhecimento.

A relevância do tema parte da constatação de Freud de que as pulsões estão presentes no sujeito desde o bebê, a criança, o jovem, e o adulto, o que justifica uma abordagem sobre o pulsional, procurando obter uma maior compreensão sobre a pulsão.

O estado atual do conhecimento sobre o conceito de pulsão remonta ao início da psicanálise por conta das diversas sintomatologias encontradas em pacientes que buscavam tratamento. Os conflitos psíquicos e transtornos físicos eram considerados, à época, como sendo determinados por causas orgânicas, e, que, na sua grande maioria, tinham uma origem psíquica por possuírem um significado e um sentido psíquico. Se hoje a psicanálise é reconhecida e aceita, inclusive na Universidade, causou, entretanto, uma revolução no modo

de se pensar o sujeito em suas determinações inconscientes, além de ter causado muitas resistências. Foram os analisantes de Freud, mais exatamente as suas pacientes histéricas que, sendo ouvidas e consideradas em seus sofrimentos, puderam mostrar-lhe o caminho para a descoberta do inconsciente, de realidade sexual, pulsional, e o do tratamento analítico, o da ‘cura pela palavra’, *talking cure*, como foi chamado por uma delas, a jovem paciente Anna O.

Foram observados sintomas histéricos enigmáticos em sua causação, notadamente para a medicina: conversão, paralisias, tosses, dores, distúrbios corporais e da linguagem sem causas orgânicas, somatizações, perturbações, alucinações e confusões do pensamento.

Freud, desde o início da psicanálise, já sinalizava para seus pacientes um tratamento para os seus sofrimentos por meio do seu método, e, muitas vezes acontecia de se defrontar com objeções e resistências: se ele insistia tanto em dizer que a doença em questão, provavelmente, teria relação com as circunstâncias e os acontecimentos vividos, e se Freud não podia alterá-los, como poderia propor ajuda? A resposta de Freud leva em conta a questão do sujeito que demanda uma análise que tem como ética a do bem dizer do desejo:

Sem dúvida o destino acharia mais fácil do que eu aliviá-la de sua doença. Mas você poderá convencer-se de que ganharemos muito se conseguirmos transformar seu sofrimento histérico em infelicidade comum. Com uma vida mental restaurada em saúde, você ficará melhor preparada contra essa infelicidade.¹

A despeito dos infortúnios e da infelicidade corrente, o homem quer ser feliz, é feliz, embora esta meta de felicidade não seja atingível plenamente, chegando Freud a dizer que a felicidade não é um valor cultural, no seu artigo sobre o mal estar na civilização. Para ele, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, a felicidade constitui um problema da economia da libido, e não existe uma regra que se aplique a todos. Há que se descobrir por si mesmo, cada um, de que modo específico pode ser ‘salvo’, quer dizer, feliz, e diferentes fatores ocorrerão para que o sujeito dirija a sua escolha, dependendo de quanta satisfação real se pode esperar obter do mundo e de si próprio. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas.²

Passando do registro da clínica para o da cultura, uma tendo ligação com a outra, Freud chama a atenção sobre o mal estar na civilização fazendo uma crítica à modernidade, referindo-se aos seus modelos, seus malefícios, suas contradições, e a perda, ou o excesso, do

¹ FREUD, Sigmund. *Estudos Sobre a Histeria* (1893-1895), p.366.

² FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (1930[1929]), p.103.

erotismo nesta economia libidinal cada vez maior e mais complexa para o sujeito pela exigência da civilização, representando um fardo pesado para as individualidades ao preço de um aumento dos adoecimentos em consequência de uma maior severidade do supereu que, como veremos, se expressa em exigências imperativas, e rigorosas, feitas ao sujeito.

Como observa Birman, o modelo civilizatório desenvolvido na modernidade se contrapõe de maneira cerrada ao campo das pulsões, mas, apesar das críticas de Freud sobre a modernidade, existem compromissos sempre renovados deste discurso com a tradição da racionalidade ocidental, chamando à atenção “para que não percamos de vista o horizonte ético e político que está em pauta na crítica do discurso freudiano da modernidade.”³

O conceito de pulsão e o de inconsciente, e tantos outros fundamentais da psicanálise, foram sendo teorizados à medida que Freud decidia sobre o que fazer com o que lhe era dito pelos pacientes que lhe apontavam os caminhos a seguir e, numa postura ética, considerou o sofrimento do sujeito e um saber inconsciente onde só se via a encenação do histórico. Todavia, nem a existência do inconsciente na desculpa ‘foi sem querer, foi inconsciente’, nem as restrições pulsionais impostas pela cultura gerando ‘doenças nervosas’, nem mesmo o ‘distúrbio mental’ retira a responsabilidade dos sujeitos pelos seus atos.

A pulsão, como veremos, faz parte da realidade do inconsciente, e, ao ampliar o conceito de sexualidade, Freud revela a originalidade ética da psicanálise, pois, segundo Vieira, é apenas no âmbito da reflexão ética que o gozo pode ser tratado como a outra face do desejo, o que situa as coordenadas de uma análise como prática que faz recair “sobre o sujeito a responsabilidade por seu gozo. É com relação a estas coordenadas que devemos conceber o afeto: no registro da ética, com relação ao desejo e ao gozo.”⁴

O funcionamento das pulsões revela o âmbito da afetividade no inconsciente, e, para Lacan, esta impressão só tem valor no drama como significante, pois o material analítico é material de linguagem que, para constituir o recalcado, como Freud o define, tem que ser assumido pelo sujeito como fala, tratando-se, para o ser falante, com efeito, da sua história, daquilo que ele viveu como historicizado, sendo que os conceitos da psicanálise são captados num campo de linguagem, situando-se na ordem simbólica, essencial, e, por não reduzir o real ao mutismo, a psicanálise considera que o real com que se defronta a análise é a de um sujeito a quem é preciso deixar falar, pois há determinações inconscientes ligadas à sua história.⁵

Sobre o estado da arte do conceito de pulsão situamos a importância do comentá-

³ BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*, p. 64.

⁴ VIEIRA, Marcus André. *A Ética da Paixão. Uma teoria psicanalítica do afeto*, p.115.

⁵ LACAN, Jacques. *Outros Escritos. Discurso de Roma. (1953)*, p. 144.

rio de Lacan quando diz que Freud estabelece a pulsão como um conceito fundamental, mostrando-se bom epistemólogo, e que a partir do momento em que Freud introduz a pulsão na ciência, ou este conceito será guardado, ou será rejeitado, e será guardado se funcionar, se ele traçar sua via no real que se trata de demarcar, como todos os outros conceitos fundamentais no domínio científico. Na pulsão não se trata da energia cinética, de algo que vai se reger pelo movimento, enfatizando Lacan que a descarga em causa é de natureza completamente diferente, e que a definição de Freud para a pulsão é a de que ela é uma força constante. Referindo-se ao impulso, que é um dos termos da pulsão, diz:

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante. Seria preciso levar em conta igualmente os textos e a experiência.⁶

Para Marcuse, que levou em conta os textos da psicanálise em suas implicações filosóficas e sociológicas, Freud desenvolveu uma teoria do homem colocando-se na grande tradição da Filosofia e ao abrigo de critérios filosóficos. No seu ensaio sobre *Eros e Civilização* faz um resumo de algumas características da teoria psicanalítica das pulsões, que levaremos em conta, embora seu estudo tenha tido por finalidade contribuir para a filosofia da psicanálise e “não para a psicanálise em si.”⁷

Neste sentido, o filósofo Ricouer estudou as pulsões e os destinos pulsionais, numa reflexão crítica sobre a obra de Freud, e não sobre a psicanálise enquanto tratamento clínico, confessando que a leitura dos textos de Freud, que traduziu, o ajudou muito.⁸

Em visões distintas, tanto Ricouer e Marcuse quanto o filósofo e psicanalista Jacques-Alain Miller criticaram as leituras que os neofreudianos fizeram da psicanálise.

Ao comentar sobre *Eros e Civilização* Robinson diz que Marcuse era, e ainda é, extremamente brilhante como crítico, e essa qualidade ficou mais evidente na sua dissecação do neofreudianismo, onde mostrou que os revisionistas tinham chegado às suas conclusões aperfeiçoadoras abandonando os fatos crus e desagradáveis da metapsicologia de Freud, ou seja, o papel preponderante da sexualidade na psicologia humana, a função do inconsciente, a primazia da infância, “o instinto de morte e a teoria do crime primordial. Portanto, foram cul-

⁶ LACAN, Jacques. *Seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964), p. 157.

⁷ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, p.30.

⁸ RICOUER, Paúl. *Freud: una interpretacion de la cultura*, p. 482. Tradução livre.

pados de covardia intelectual e superficialismo teórico.”⁹

Miller põe em relevo a teoria pulsional em Freud e a importância dos dois aspectos da pulsão considerados por Lacan, tanto a sexualidade quanto a morte, e, para ele, a história da psicanálise estava firmada por uma ruptura, um desvio, um abandono, e mesmo uma infidelidade, “inclusive uma renegação do espírito de Freud que teríamos que reparar.”¹⁰

Castoriadis estuda o modo de ser do inconsciente, a realidade psíquica feita essencialmente de representações uma vez que a pulsão só pode manifestar-se na ‘psiquê’ por intermédio de uma representação, e de uma delegação por afeto. Dedicou dois tópicos à sublimação: a sublimação e a socialização da psique e o conteúdo social-histórico da sublimação. Lembra que o inconsciente, para Freud, ignora o tempo e a contradição, que do material essencial do inconsciente, a representação ligada ao afeto e a intenção inconsciente, nada podemos dizer se nos mantemos dentro de nossa lógica usual, e quando se fala da sexualidade infantil assume-se o ponto de vista do adulto imputando à criança uma vivência que não é a sua, e que talvez o essencial de Freud tenha consistido na descoberta do elemento imaginário da ‘psiquê’. A sublimação da pulsão, para ele, seria a socialização da psiquê considerada como processo psíquico, que foi imposta às pulsões pela civilização, e é evidente que a civilização - qualquer forma de sociedade instituída, e já a linguagem - só pode existir, se, e somente se, há sublimação da pulsão, afirmando que,

Por esta razão, também, não é possível dizer que a sublimação e repressão são destinos da pulsão que se excluem mutuamente. De fato, as repressões sucessivas que ocorrem desde que a cisão consciente /inconsciente se instaura, correspondem a respectivos momentos do processo de sublimação. Estas repressões são, em verdade, impossíveis sem mudanças concomitantes, ainda que embrionárias, do fim e do objeto da pulsão. O *infans* deve investir a visão ou a apreensão de outros objetos que não o seio, como deve investir a palavra, sem o que ele não falaria.¹¹

⁹ ROBINSON, Paul A. *A esquerda freudiana. Wilhelm Reich, Geza Roheim, Herbert Marcuse.*, p.155

¹⁰ MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, p. 147. Tradução livre.

¹¹ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*, pp.324, 357. A tradução do livro de Castoriadis usa o termo ‘instinto’ para ‘*Trieb*’ que traduzimos por pulsão, e ‘repressão’ para ‘*Verdrängung*’ que traduzimos por ‘recalque’ para um dos destinos da pulsão que é diferente do destino da sublimação, e, ambos, mecanismos psíquicos do sujeito. Os pais, as autoridades, a civilização, reprimem, oprimem, mas é o sujeito quem recalca, quem possui, ou não, o mecanismo do recalque, quem passa pela vicissitude do recalçamento. A repressão social diz de um fator externo, do suprimir ‘*Unterdrückung*’ da pulsão, do reprimi-la, ‘*Unterbindung*’, da ‘*Repression*’, da proibição exercida sobre as manifestações pulsionais do sujeito, diferença pouco considerada na maioria das traduções, notadamente nas traduções do alemão para o inglês, e para o espanhol, que utilizam a palavra *repression*, de origem latina, para os dois casos: repressão e recalque (*Verdrängung*).

Como e porque o recalque e a sublimação da pulsão são considerados por Freud como processos que possibilitam ao sujeito o trabalho, a educação, a invenção, a criação, a arte, a poesia, o construir civilizatório?

A hipótese a verificar: o recalque e a sublimação são dois destinos da pulsão, e, a pulsão sublimada possui, em alto grau, a capacidade de se desviar dos objetivos sexuais diretos, desviando-se do seu alvo, mudando de objeto, dirigindo-se no sentido de outros fins, outras metas mais elevadas, também investidas de libido, energia, desejo, portanto também sexualizadas, no sentido da satisfação que é a finalidade da pulsão, e, pelo recalque, uma pulsão passa ao estado de recalçamento sendo inibida quanto ao seu alvo, sua meta.

Qual a vinculação entre recalque e sublimação da pulsão com a educação?

Pode-se verificar que as pulsões do sujeito quando sublimadas e, principalmente, quando são passíveis de recalçamento, capacitam-no a empregar as suas energias para efetuar contribuições importantes às realizações sociais e artísticas da humanidade. Este vínculo foi o próprio Freud quem deixou formulado quando se refere à educação (*Erziehung*) para dizer que o processo chamado de sublimação (*Sublimierung*) desvia no homem as suas pulsões de finalidades primitivas e não civilizatórias para outras finalidades mais valiosas.¹²

As pulsões sofrem o destino do recalque (*Verdrängung*) se são incompatíveis com as representações culturais, morais e éticas que o sujeito reconhece como um padrão para si, submetendo-se, com maior ou menor cota de sacrifícios, ou de saúde, às exigências e as restrições das suas pulsões, impostas, externamente, pelos ideais culturais, e internalizadas pelo próprio sujeito que levanta obstáculo, recalca, às suas manifestações pulsionais.

Buscamos constatar a hipótese de que tanto o recalque quanto a sublimação da pulsão constituem um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural do sujeito, por possibilitarem os processos que se destinam a fazer com que ele encontre lugar na comunidade cultural, e, segundo Freud, por tornarem possíveis as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas, ideológicas, em suma, “as especulações filosóficas, o desempenho de um papel tão importante na vida dos povos civilizados.”¹³

Para Freud, e isto lhe parece importante, é impossível desprezar o ponto pelo qual a civilização é construída sobre uma renúncia pulsional, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação de pulsões ‘poderosas’, e o consegue por alguns outros meios que não só os da sublimação, uma destinação da pulsão efetuada pelo próprio sujeito diante dos interditos da

¹² FREUD, Sigmund. *O Interesse Científico da Psicanálise*, (1913), p.195.

¹³ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]), p.117. In: Bücher des Wissens, p.132.

cultura, e nem só através do recalque, mecanismo psíquico inconsciente do sujeito, como também através da opressão externa, das repressões às pulsões.

Deste modo, a renúncia à pulsão é imposta por vários motivos, e são qualificados de internos quando uma parte das potências inibidoras, proibitivas e repressoras do mundo externo é interiorizada, internalizada, e mediada pelo eu que impõe o recalque.

Esta ‘interdição da cultura’ (*Kulturversagung*) domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos e é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm que lutar. Não é fácil privar de satisfação a uma pulsão, propósito que não está livre de danos se a perda não for economicamente compensada:

Conforme sabemos, os sintomas da neurose são, em sua essência, satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados. No decorrer de nosso trabalho analítico, descobrimos, para nossa surpresa, que talvez toda neurose oculte uma quota de sentimento inconsciente de culpa, o qual, por sua vez, fortifica os sintomas, fazendo uso deles como punição. Agora parece plausível formular a seguinte proposição: quando um impulso da pulsão experimenta o recalque seus elementos libidinais se convertem em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa.¹⁴

Quanto à metodologia utilizada nesta pesquisa, levando em conta a existência de um dos tipos básicos de dissertação nas ciências humanas, optamos por uma interpretação do conceito de pulsão em Freud através de uma análise teórica. Tendo em vista que a nossa pesquisa em Educação se insere na linha de ‘Filosofia, Linguagem, e Práxis Pedagógica’ utilizamos os procedimentos requeridos às pesquisas em filosofia que consistem na organização coerente das idéias de um filósofo/pensador, extraída de uma bibliografia reconhecida, na análise crítica dos conceitos de uma determinada teoria.

Portanto, a nossa escolha foi dirigida para a pesquisa bibliográfica, consistindo em interrogar a obra de Freud sobre o conceito de pulsão em psicanálise, e as conexões deste conceito com a educação, para verificarmos as hipóteses que foram levantadas.

A metodologia adotada nesta nossa pesquisa é de cunho teórico-conceitual, tratando-se de uma pesquisa eminentemente bibliográfica, o que nos possibilitou a explicitação dos pressupostos freudianos para a interpretação do material.

O recurso interpretativo consistiu em interrogar o conceito de pulsão em Freud, requerendo os cuidados da crítica e sistematização das fontes,¹⁵ e a nossa fonte principal é a

¹⁴ Ibid., p.163. In: Bücher des Wissens, p.182.

¹⁵ ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. p. 37.

obra crítica da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, em vinte e quatro volumes, comentada pelo editor, como também os textos originais ao alcance desta pesquisa. Desta forma, os textos de Freud foram selecionados para os nossos objetivos, e buscamos situar, em passagens selecionadas, as primeiras aparições da concepção de pulsão, desde o início das formulações do aparelho psíquico, até as concepções finais quando ocorrem modificações no dualismo pulsional e na estrutura do psiquismo.¹⁶

Para a nossa finalidade, recorreremos aos estudos de pesquisadores e psicanalistas que comentam a obra de Freud, os já citados e outros que o serão, como Loparic, Mezan, Monzani, Lou Salomé, notadamente em trabalhos que tratam sobre o tema da nossa investigação, e estes aportes epistemológicos criaram as condições para a nossa pesquisa.

No primeiro capítulo procedemos a uma análise do conceito de pulsão, seus termos, destinos, suas características, as primeiras formulações deste conceito, o dualismo entre as pulsões do eu ou de autoconservação e as pulsões sexuais, e, paralelamente, abordamos o aparelho psíquico estruturado em consciente, pré-consciente, e inconsciente, na primeira tópica freudiana. Estudamos as diversas fases da organização da libido na pulsão oral, anal, fálica, e na fase genital, bem como as transformações pelas quais passam as pulsões, ressaltando a organização pré-genital da sexualidade infantil com as suas especificidades, suas particularidades, que diferem da sexualidade como esta é concebida no adulto.

Vimos que a condição do inconsciente é a linguagem, e, sabemos que só há consciente, inconsciente, pulsão, sexualidade, desejo, fantasia, formações do inconsciente, enquanto tal, no ser falante, ser humano. Contudo, tanto os impulsos instintivos nos outros seres animais, quanto os impulsos das pulsões nos seres humanos fazem parte dos seres vivos para manter a vida. Destacamos o emprego da palavra instinto e o de pulsão por haver uma marcada escolha de Freud por pulsão (*Trieb*) para o que seja específico do ser humano, distinção importante nos adoecimentos psíquicos para que não seja levada em conta.

O instinto (*Instinkt*) tem fixo tanto seu objeto quanto a sua meta, e a pulsão, pelo contrário, pode variar de metas para atingir seus alvos e mudar de objetos para conseguir a sua satisfação. As pulsões sustentam toda a atividade psíquica, e o objeto (causa) do desejo é destacado desde as primeiras concepções de Freud, e, como veremos, é na obra da *Interpretação dos Sonhos* onde o inconsciente é teorizado, sendo que a força pulsional do sonho busca a realização de um desejo, desejo que, para Freud, deriva das pulsões.

O primeiro dualismo é composto das pulsões do eu e das pulsões sexuais, distintas

¹⁶ Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1966 a 1980. 24 v.

entre si, sendo que o eu não existe desde o começo, o eu precisará se desenvolver, revelar-se, desdobrando-se depois em identificações.

No segundo capítulo estudamos as pulsões e os destinos da pulsão (*Triebe und Triebchicksale*), quando destacamos os destinos do recalque e o da sublimação das pulsões, e alguns dos principais artigos de Freud na teorização da sua segunda tópica onde o dualismo pulsional é modificado com a introdução da pulsão de vida, *Eros*, e da pulsão de morte, de destruição. Definido este novo dualismo, a teoria da pulsão atinge um enorme avanço ao considerar o conflito entre a pulsão de morte, que trabalha silenciosamente, e o ruidoso e vivaz *Eros*, o amor, o clamor das pulsões de vida que buscam prevalecer.

As pulsões de vida e as pulsões de morte lutam entre si, umas a favor das outras, ou de forma contrária, pulsões que se antagonizam ou se combinam em um constante conflito psíquico. *Eros* é pulsão amorosa, conservadora da vida, sendo que a vida pode ser definida como um conjunto de forças que resiste à morte, e a morte, como a perda do gozo da vida.

A pulsão de vida representa a impulsão de viver, a luta pela vida, e a pulsão de morte busca uma quietude, um retorno ao inorgânico, à extinção de qualquer tensão ou excitação, e, neste sentido, uma volta ao inanimado.

A pulsão é definida como ‘uma força constante’, e as pulsões se inscrevem no psiquismo manifestando-se através dos representantes das suas representações, tanto na primeira quanto na segunda tópica, ou seja, na divisão do psiquismo em consciente, pré-consciente e inconsciente, e depois, em supereu, eu, e isso (*Es, id*), instâncias que se superpõem, com as suas respectivas funções e as relações mútuas entre si.

O terceiro capítulo aborda as conexões da psicanálise com a educação enfatizando as repressões, proibições, e as interdições da cultura às manifestações pulsionais do sujeito, o que gera mal-estar na contemporaneidade, impondo ao sujeito do inconsciente a sublimação e o recalque das suas pulsões, que possibilitam, por outro lado, sua inserção no social, no cultural, no mundo civilizado.

Os distintos processos psíquicos do recalque e da sublimação da pulsão denotam a complexidade da estruturação psíquica do ser humano na sua submissão à trama simbólica, cultural, da linguagem. Segundo Freud, pela necessidade humana de amor, as pulsões egoísticas podem transformar-se em pulsões sociais, e a educação, como um importante fator externo, exerce um papel que representa as reivindicações do nosso ambiente cultural.

Capítulo 1 – Análise do Conceito de Pulsão (*Trieb*)

Faremos uma análise do conceito de pulsão em textos específicos da obra de Freud, e de alguns dos seus comentadores, ressaltando a importância deste conceito, fundamental na psicanálise, posto que as pulsões compõem o aparelho psíquico estruturado por Freud, na primeira tópica, em três instâncias: inconsciente, pré-consciente, e consciente.

Este primeiro modelo do psiquismo é ampliado na segunda tópica quando o dualismo pulsional sofre uma reviravolta, e, às instâncias psíquicas se acrescentam o eu, o supereu, e o isso (*Es, id*). Desta forma, as teorias da pulsão e do psiquismo passam por avanços, e veremos a importância delas no *Projeto de uma Psicologia Científica*, na *Interpretação dos Sonhos*, na *Teoria da Sexualidade*, e na *Introdução ao Narcisismo*.

A pulsão, definida por Freud como uma energia, uma força constante, tem por finalidade a busca de satisfação que é alcançada por diversos meios e que se traduz numa descarga da tensão, no baixar da excitação, sendo a pulsão um conceito limite entre o psíquico e o corporal. A pulsão é a representação psíquica das excitações vindas do interior do corpo, força contínua e intra-somática, diferente das excitações vindas do mundo externo.

Pesquisaremos a diferença que Freud estabelece entre o conceito de pulsão para o que é próprio do ser humano, ser falante, e o conceito de instinto para os outros animais.

Acompanharemos as diversas modificações introduzidas no conceito de pulsão na medida em que a teoria e a clínica psicanalítica avançavam, entre elas, a do primeiro dualismo pulsional entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, ou as de autoconservação.

O conceito de pulsão e o dualismo inicial são modificados, em 1920, com a introdução da pulsão de morte que impõe uma complexidade maior e faz um contraponto à pulsão de vida, *Eros*, o amor, as pulsões sexuais que buscam prevalecer sobre as de morte, procurando reunir e manter juntas as partes da substância viva, enquanto que as pulsões de autopreservação do eu passam a ser designadas como pulsões de morte que buscam morrer à sua própria maneira, sendo que ambas as pulsões, de vida e de morte, são investidas de libido.

Articuladas à questão do sujeito, as pulsões encontram-se presentes no bebê, na criança, no jovem, e no adulto, e levaremos em conta a importância concedida por Freud à teoria pulsional, e a relevância do estudo das vinculações das pulsões e seus destinos com a educação, uma vez que dois destes destinos pulsionais, a sublimação e o recalque, acham-se ligados à vida do sujeito em sua história pessoal, social, cultural, civilizada.

Sabemos que a nossa cultura impõe coerções e restrições às satisfações das pulsões, em nome da sua própria evolução, embora haja possibilidades de deslocamentos de libido para a produção e a obtenção de prazer, de satisfação, por outras vias, como as que ocorrem quando as pulsões são passíveis de sublimação. Convém lembrar que Freud submeteu-se a uma análise, mesmo sendo o fundador da psicanálise, escrevendo ao médico Fliess, aquele que funcionou como o seu analista, relatando com abertura e de maneira direta as suas concepções teóricas e dificuldades pessoais mais íntimas.¹⁷

Podemos constatar que no ‘*Projeto*’ Freud tece as primeiras construções da teoria da mente, os processos psíquicos em geral, e, segundo suas palavras, é das pulsões que derivam o poder da vontade e o impulso que sustentam toda a atividade psíquica.¹⁸

Este manuscrito foi reencontrado e só publicado em 1950, restituído em seu valor, e nele Freud já ressalta a grande importância da sexualidade no psiquismo humano, onde considera o trauma psíquico por observações sobre os sintomas histéricos nas paralisias motoras de ordem psicológica, e, nos estudos sobre as afasias, onde comprova que as perdas das palavras têm ligação com o aparelho de linguagem.

Deste modo, Freud vai se afastando, pelo teor do que descobria, do positivismo científico a que pertencia, e do qual teve que partir, distanciando-se do ponto de vista fisiológico, biológico, neurológico, e psiquiátrico, ao descobrir, diante dos sintomas, uma outra forma de tratamento, uma vez que sua significação inicial foi terapêutica e visava a criar um método novo e eficiente para tratar as doenças neuróticas, e um maior aprofundamento dos distúrbios graves como nos casos de suicídios causados pela doença da melancolia.

A partir de 1915, numa série de artigos metapsicológicos, Freud esclarece o seu método de abordagem segundo o qual todo processo psíquico é considerado em relação a três coordenadas, descritas como: dinâmica, topográfica, e econômica, respectivamente; “e isso me pareceu representar a maior meta que a psicologia poderia alcançar”.¹⁹

Do ponto de vista dinâmico, sendo a pulsão uma força constante, há conflito no psiquismo entre as forças pulsionais contrárias: o aparecimento de um desejo estranho em oposição aos demais desejos do sujeito, e incompatível com suas aspirações morais e estéticas. Ainda assim, o impulso de desejo, mesmo recalcado, continua a existir no inconsciente, sendo que o sintoma é uma formação substitutiva, uma exigência pulsional.

¹⁷ MASSON, J. M. *A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, pp. 128-9.

¹⁸ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma Psicologia Científica*, (1950[1895]), p. 395. In: *Entwurf Einer Psychologie*, p. 305.

¹⁹ FREUD, Sigmund. *Um Estudo Autobiográfico* (1925[1924]), p. 75.

Conflito e neurose combinam-se, e Freud apresenta soluções: ou o analisante reconhece que repelira o desejo e passa a aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo pode ser dirigido para um fim mais elevado e irrepreensível para ele na possibilidade da sublimação do dito desejo, ou pode ainda reconhecer totalmente justificada sua reprovação, substituindo o recalque por um julgamento, um juízo de condenação e conseguindo, deste modo, o domínio consciente do desejo.²⁰

O ponto de vista tópico, vimos o dinâmico e ainda há o econômico, refere-se às instâncias psíquicas em suas tópicas, ou lugares psíquicos ‘virtuais’ como Freud os define e dos quais deixou uma representação espacialmente configurada, fazendo com que “a primeira divisão tópica que dera do psiquismo – inconsciente, pré-consciente, consciente – e a nova tópica do eu, do supereu e do isso se recobrissem”.²¹

O aspecto econômico envolve o que se relaciona com as pulsões, e com o aparelho psíquico cuja tarefa é manter o mais baixo possível o nível de excitação que por ele circula, buscando meios de descarregar esta excitação para a obtenção de prazer, lidando com maior ou menor quantidade de energias, evitando, normalmente, o desprazer, a dor.

1.1 As pulsões e os impulsos, no *Projeto de uma Psicologia Científica*

O objetivo do *Projeto* Freud o diz claramente:

é fornecer uma psicologia que seja uma ciência natural, (*naturwissenschaftliche Psychologie*), isto é, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais especificáveis, e com isso, torná-los claro, intuitivo, e livres de contradição.²²

²⁰ FREUD, Sigmund. *Um Estudo Autobiográfico* (1925[1924]), p. 75.

²¹ LACAN, Jacques. *Seminário 2, o eu na teoria de Freud e na téc. da psicanálise* (1954[1955]), p.33.

²² FREUD, Sigmund. *Projeto para uma Psicologia Científica*, (1950[1895]), p. 395. In: *Entwurf Einer Psychologie*, p. 305. Este original do *Projeto* foi incluído nos ‘*Primórdios da Psicanálise*’, -*Anfängen*- e é posto em questão pelo próprio Strachey de posse do manuscrito original de Freud. O exame feito por Strachey do *Projeto* (*Entwurf*), “- logo confirmou a existência de inúmeras divergências em relação à versão publicada. Entretanto, ele confessa que “Na maioria desses casos, por sinal, nosso modo de proceder coincide com o observado nos *Anfänge*.” (ambos fiéis ao método de escrever de Freud). In: Osmyr Faria G. JR. *Projeto de uma Psicologia - Notas Críticas* (Tese), p. 9.

Definido o interesse pelos processos psíquicos, Freud lança mão de todos os recursos científicos e, de início, ao lado do colega médico Breuer, num trabalho conjunto, escreve os ‘*Estudos sobre a Histeria*’ onde são apresentados cinco casos clínicos, e a ‘divisão da mente’ em representações inconscientes e conscientes.

No *Projeto*, Freud relata o caso de sua paciente *Emma* que sofria da compulsão de não poder sair mais sozinha à rua, e suas associações são desdobradas em duas cenas, uma de recordações da adolescência, ativando a vivência anterior de quando tinha oito anos, ligadas entre si, demonstrando que algo vivido na infância, despertou, na adolescência, uma liberação sexual que, à época do atentado, do assédio sexual, sofrido em criança, não teria sido despertada, convertendo-se no ‘*só depois*’ (*nachträglich*) numa grande angústia e pânico.

O recalçamento incide, preferencialmente, sobre a sexualidade, em experiências separadas no tempo, cuja recordação recalçada torna-se traumática, posteriormente, com um novo sentido e eficácia psíquica, e volta à memória, na compreensão posterior, no ‘*só depois*’.

O ‘a posteriori’ freudiano é teorizado neste caso clínico do *Projeto*, mas, para Rouanet, é na novela do escritor Meyer que Freud vai buscar um dos seus melhores exemplos de *Nachträglichkeit, a posterioridade*: “o fenômeno pelo qual experiências sexuais, que na época não tiveram nenhum efeito traumático sobre a pessoa, devido à sua imaturidade biológica, são reavivadas mais tarde, adquirindo, a posteriori, uma significação sexual.”²³

Para Freud, os fatores causadores da histeria remontam à infância e à sexualidade, e as fantasias das recordações da infância reinvestidas durante os anos de puberdade são transformadas em sintomas. A importância do fator sexual nas neuroses passa por evoluções na teoria, mas foi mantido o essencial das fantasias históricas do *Projeto*.

Qual poderia ter sido a causa do sintoma de Emma?

A liberação sexual que chegou à consciência na lembrança do atentado, vinculada ‘*só depois*’. Da rememoração histórica é deduzido que o trauma está implicado no sintoma, e, introduzindo a dimensão sexual e temporal da compulsão histórica, diferentemente da atemporalidade do inconsciente, Freud demonstra, neste caso, este tempo como portador de uma lógica que leva em conta outros processos que não só o do tempo cronológico, e nem só o do tempo consciente. Além da realidade (*Wirklichkeit*) das cenas, há que se considerar a realidade (*Realität*) psíquica, inconsciente, da recordação recalçada que retorna como sintoma, ou seja, com o retorno do recalçado em suas manifestações.

O primeiro postulado do *Projeto* é o da concepção quantitativa onde o *quantum*

²³ ROUANET, Sergio Paulo. *Os dez amigos de Freud*. V. 2, p. 353.

das excitações se sobressai, e estas considerações na economia das forças, das energias psíquicas nunca serão abandonadas, sendo observado que há quantidade de excitação de origem externa e interna, de função primária e secundária, como as impostas pela urgência da vida (*Not des Lebens*). O sistema psi Ψ rege as incitações internas, ou seja, as precisões do organismo que necessitam ser descarregadas, que se originam nas células corporais e dão lugar às grandes precisões, carecimentos, necessidades: fome, respiração, sexualidade.²⁴

O segundo axioma do *Projeto* é o da teoria neuronal que trata das sinapses, e é introduzido o primeiro sistema de neurônios de símbolo *Phi*, Φ , ϕ . Assim, o ponto de vista biológico admite os sistemas Ψ e Φ , *psi e phi*, mundo interior e mundo externo, onde um receberia os estímulos externos, e, o *Psi* as excitações internas, endógenas. São descritas outras formulações, como as das ‘*Barreiras de Contato*’, o ponto de vista *biológico*, o problema da *quantidade*, da *qualidade*, da *dor*, chegando Freud à questão da *Consciência*.

Distinguindo a consciência das outras teorias existentes, situa-a entre, por um lado, a da teoria mecânica moderna avançada, para quem a consciência não passa de um acessório aos processos fisiológico-psíquicos, e, por outro, a da teoria que diz que a consciência é o lado subjetivo de toda ocorrência psíquica, inseparável do processo fisiológico-mental. Freud define a consciência como o lado subjetivo de uma parte dos processos do sistema nervoso, da percepção, sendo os outros processos inconscientes.

Os fenômenos da consciência são incluídos na estrutura da psicologia quantitativa, mas encontra-se nela as qualidades sensoriais, e a série de sensações de prazer - desprazer. Há uma tendência no sentido de evitar o desprazer, e o prazer corresponderia à sensação de descarga, e também chegariam à consciência os processos quantitativos em *psi*, Ψ , mais uma vez como qualidades. A consciência nos dá o que se chama de qualidades, as sensações que se diferenciam segundo as relações com o mundo exterior, e a consciência não proporciona conhecimento completo, nem seguro, destes processos e cabe a Freud considerá-los inconscientes. Um esboço do funcionamento do aparelho psíquico é apresentado num grafo ilustrativo, que inclui o mundo externo e os estímulos, e, na representação do aparelho formado por Φ , *phi*, *phisis*, física, a natureza, e por Ψ , *psi*, psíquico, anímico, o mental, há o sistema perceptivo, ω , (*Ómega*), do grego semelhante ao *w* (*Warnehmung*) da percepção.

São estudados no *Projeto* os neurônios, os estímulos endógenos, psíquicos, as quantidades de excitações, sensações, o qualitativo, as sinapses, a memória, e os traços de me-

²⁴ FREUD, Sigmund. *Projeto para uma Psicologia Científica*, (1950[1895]), p. 305. In: *Entwurf Einer Psychologie*, p. 397; S. FISCHER, p. 307; Gabbi Jr., p.11.

mória no psiquismo, um estímulo maior com efeito psíquico mais forte, percorrendo mais caminhos, trilhamentos, e, no funcionamento deste complexo aparelho, Freud chega às Condições Ψ , *psi*. De um lado, *psi*, está exposto sem proteção às quantidades, e nisto reside precisamente o *impulso motor*, a *mola pulsional* (*Triebfeder*) do mecanismo psíquico:

- Aqui Ψ está abandonado à Q e deste modo surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos esse poder como a vontade, o derivado das pulsões.²⁵

A introdução do eu (*Ich*) deriva da suposição da atração do desejo e da inclinação para o recalque. O eu é uma organização formada no psiquismo, e a percepção, do sistema percepção-consciência, núcleo do eu, é distinguida em representações de palavras do sistema pré-consciente-consciente, enquanto no inconsciente há as representações de coisas.

A vivência de satisfação inaugura o desejar para o bebê, e ela é fonte originária de todos os motivos morais. Freud chama a atenção, como sempre o fez, para o estado da criança que retrata o desamparo inicial do ser humano, e os cuidados que devem ser dispensados a ele, à sua sobrevivência considerada emocional, psicológica, e fisicamente.

O *Projeto* segue por inúmeros outros desdobramentos e concepções, como os do objeto de anseio, de desejo (*das Wunschobjekt*), e, um ano depois, Freud deixa de lado a formulação tríplice do aparelho psíquico para se ocupar das paralisias cerebrais infantis.

Vale lembrar que muitas das teorizações do *Projeto* são reconhecidas e até hoje válidas, enquanto que outras foram descartadas, ou modificadas, numa postura eminentemente científica de Freud que sempre retornará ao *Projeto* (*Entwurf*) desenvolvendo-o ao longo da teoria. É no *Projeto* que Freud refere-se ao objeto do desejo, mas é no grafo do *Rascunho G – Melancolia* - onde desenha e indica o lugar reservado ao objeto sexual, de anseio, desejo.²⁶

Neste *Quadro*, rabiscado em forma circular, é delimitado um espaço de lugar vazio para um objeto ausente. Freud nomeia aí um grupo psíquico que inclui o *Eu e seus Limites*, e o *Mundo Externo*, enfatizando a complexidade e a importância da sexualidade humana, demarcando o lugar do objeto, sem preencher o espaço destinado a ele, visto ser o objeto o que há de mais variável na pulsão, como definirá depois, concluindo que a pulsão é realmente independente de seu objeto ainda que seja por ele que ela busque atingir o seu alvo.

Neste manuscrito - *Melancolia*, Freud exemplifica a existência não só das pulsões,

²⁵ Ibid, p. 421; S. FISCHER 18-323. Gabbi Jr., pp. 30-31;

²⁶ FREUD, Sigmund. *Rascunho G - Melancolia*. (1895), p. 277.

mas das pulsões transtornadas. Há transtornos pulsionais em quem sofre uma perda de um objeto na área da vida afetiva, resultando numa tristeza normal do luto por esta falta, seja a morte de uma pessoa, de um amor, a perda de um valor, um ideal, um objeto, com a possibilidade de uma saída pelo ‘*trabalho do luto*’, ou seja, pela elaboração da perda sofrida.

Porém, na melancolia, o que está em questão é um adoecimento psíquico, há um empobrecimento pulsional ainda maior, numa vivência de uma perda, um luto como uma doença, sem a possibilidade do trabalho de luto pela falta sofrida, o que se faz acompanhar de grave depressão, de uma tristeza profunda, maior, com o risco e a possibilidade de suicídio.

O sintoma da anorexia, o de comer nada, e o da bulimia, o de nada digerir, também demonstram, em termos sexuais, pulsionais, uma perda de libido, da energia das pulsões sexuais, resultando numa inapetência doentia, numa alteração sintomática das pulsões, principalmente da pulsão oral, na falta de prazer, e de satisfação, e na alteração do gosto e do gozo de viver. E isto a despeito da poderosa necessidade orgânica do objeto alimento da fome que fica submetida à problemática pulsional que se revela mais forte do que a pura e simples satisfação com um objeto da necessidade, no caso, a comida.

Por si só, nenhum objeto de nenhuma necessidade satisfará à pulsão, e o sujeito em relação à pulsão encontra-se punctionado à demanda, ligado ao desejo, mais do que à necessidade orgânica, também fundamental para a sobrevivência.

Este objeto que falta, pré-figurado no grafo descrito acima, será mais tarde alçado a objeto da pulsão. Para o sujeito, há o desejo e a fantasia entre a pulsão e o objeto, melhor dizendo, a falta de objeto que satisfará à pulsão, posto que o objeto absoluto falta, objeto perdido, a ser reencontrado, mas que ainda assim não satisfará a pulsão que o contornará, numa repetição sintomática do circuito do desejo, da sexualidade, do ansiar humano.

1.2 A terminologia freudiana: pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*)

Vimos no *Projeto* que Freud, no seu então naturalismo, na busca de uma nova psicologia que fosse uma ciência natural, não usou a palavra instinto (*Instinkt*), nem a usa depois quando a psicanálise já é nomeada, teorizada, e o método psicanalítico de tratamento psíquico fundado, sem precedentes na história, numa clínica ética e sob transferência.

Freud refere-se à pulsão - (*Trieb*) - desde os seus escritos iniciais até o final da sua obra, à vida pulsional, à excitação, o estímulo, a força, a energia do impulso, à libido, às

motivações pulsionais, aos desejos, as intenções inconscientes, e, mesmo dispondo da palavra instinto, muito empregada e usual na filosofia e na ciência do seu tempo, considerada apropriada, não a emprega para o ser falante, e sim a palavra e o conceito de – *Trieb* - que traduzimos por pulsão, palavra que difere tanto em concepção quanto em grafia da de instinto, sendo que a pulsão implica o sujeito do inconsciente, de linguagem, e de fala.

Quis Freud que o conceito de pulsão fosse distinguido do de instinto, como este se apresenta em outros animais, considerando que ambos, tanto os instintos nos animais quanto as pulsões nos seres humanos, expressam a existência de um saber a eles inerente.

No ser humano, entretanto, este saber se revela problemático, faltoso, em manifestações inusitadas, sintomáticas, desnaturalizadas, por conta mesmo da falta de naturalidade do homem para com a sua própria natureza, e com a natureza externa, numa luta para sobrepujá-la, vencê-la, modificá-la, e, quando muito, na tentativa de reconciliar-se com ela, respeitando-a. Vale ressaltar que o sujeito acha-se atrelado ao discurso, à linguagem, ao simbólico, ou seja, à função simbólica por seu ser de fala, de transmissão de cultura e da sua acumulação, algo estranho à vida dos outros seres animais.

A busca de satisfação das suas pulsões não se efetua pelos caminhos mais curtos, ou a qualquer custo, podendo encontrar desvios, derivações, adiando a satisfação que pode ser trocada por outra, sendo o resultado desta busca de satisfação modificado pelas condições impostas pelo mundo interno e externo, diferindo, assim o homem do puro animal.

Sujeito às trocas de palavras, aos mal-entendidos, o ser humano é passível de esquecimentos, por vezes fatais ou desastrados, de atos falhos, acidentais, sintomáticos, de erros e perdas frequentes de objetos na vida cotidiana, reconhecendo-os Freud como realização de intenções inconscientes. Uma análise sua nos mostra “que os atos ‘inocentes’ e sem o ‘menor sentido’ nos permitem penetrar nos domínios da vida psíquica, indicando-nos ainda o quanto precocemente se desenvolve na vida a tendência à simbolização”.²⁷

Freud lança mão da simbolização, recorrendo ao simbólico, ao sentido dos sintomas, ao significado dos atos falhos, paradoxalmente bem sucedidos do ponto de vista do desejo inconsciente, seja em indivíduos saudáveis, sãos, ou em enfermos, doentes, quer dizer, sintomas que são reconhecidos tanto em casos normais quanto em patológicos, existindo, entre eles uma tênue linha de separação - a fronteira entre o normal, a normalidade, e a anormalidade, o patológico é fluida - chegando a dizer, nesta sua obra sobre a psicopatologia da vida cotidiana, de 1901, que todos somos, em maior ou menor grau, nervosos, neuróticos.

²⁷ FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Atos sintomáticos e acidentais* p. 523, v. IV, ed. Delta.

Embora Freud tenha se esforçado para desenvolver suas teorias independentemente de outras ciências viu-se obrigado, inicialmente, a procurar uma base para a teoria das pulsões na ciência natural, declarando, depois, que também da biologia a psicanálise se afastava, para basear-se inteiramente em sua própria pesquisa. Ainda assim, embora de terminologia própria, reconhece os avanços da biologia, adota conceitos de outros campos colhendo palavras e idéias de outros pesquisadores, dando-lhe novas abordagens, e criando os seus próprios conceitos. Ressaltando o emprego simples de palavras que passavam despercebidas, criava com elas novas expressões, locuções, conotações, de fácil ou de difícil entendimento, palavras cujas polissemias e inúmeras composições semânticas, e combinações lingüísticas, característica da língua alemã, constituem ainda hoje um desafio para as nossas traduções. Sobre as possibilidades de empregos a que a palavra pulsão (*Trieb*) introduz e possibilita, são ressaltados os mais variados e múltiplos usos.

A palavra *Trieb* e *Trieb/en* são traduzidas por pulsão, pulsões, impulso, vontade, inclinação, impulsividade, força motriz, o pulsional, instintual, o instinto, a impulsão, pulsação, propensão, motor, mola, motivo, ânsia.

A palavra ‘*instinto*’ remonta ao latim ‘*instinctu*’, que diz de um estímulo interior que determina os impulsos dos animais cujo comportamento espontâneo, inato e invariável parecem inscrito em sua estrutura biológica.

Freud emprega a palavra instinto uma única vez nas centenas de páginas da sua brilhante obra sobre a *Interpretação dos Sonhos*, e, ainda assim, por outro autor a quem Freud fez referência, sendo que a palavra ‘*instinto*’ era muito usada nos estudos comparativos entre os animais e os seres humanos, sem distinção quanto à terminologia:

Deste modo, (Maeder) estabeleceu um paralelo entre o sonho e os jogos dos animais e das crianças, jogos que devem ser considerados como uma atividade preliminar dos instintos inatos e uma preparação, para uma ação posterior mais fundamental e deduz a existência de uma “*fonction ludique*” do fenômeno onírico.²⁸

Quando Freud qualificou um comportamento animal hereditário, próprio de uma espécie, num desenvolvimento já formado e adaptado ao seu objeto útil, ele usou a palavra *Instinkt*, e, para o que é próprio do ser humano, ele usou a palavra *Trieb*, pulsão:

²⁸ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. (1900), *A Psicologia dos Processos Oníricos*. (1900), p. 617. Nota de rodapé, acrescentada em 1914.

Peixes que migram para a desova, pássaros que voam em migração, e, possivelmente, tudo o que qualificamos como manifestação do instinto (*Instinkt*) em animais, realiza-se sob as ordens da compulsão à repetição que exprime, no homem, a natureza conservadora das pulsões (*Triebe*).²⁹

A distinção entre instinto e pulsão já havia sido feita, expressamente, e em analogia, seguindo o seu modo de fazer ciência, quando comparou o conteúdo do ‘*Inconsciente*’ a presença de uma população aborígene na mente:

se existem no ser humano formações mentais herdadas – algo análogo ao instinto (*Instinkt*) nos animais - elas constituem o núcleo do inconsciente. Depois, se junta a elas o que foi descartado durante o desenvolvimento da infância como sendo inútil, e isso não precisa diferir, em sua natureza, daquilo que é herdado.³⁰

1.3 O aparelho psíquico e as pulsões na *Interpretação dos Sonhos*

A *Interpretação dos Sonhos* (*Die Traumdeutung*) completou cem anos.

Os sonhos nunca haviam recebido um tratamento como o realizado por Freud, e nem a sua interpretação, e a ‘*Traumdeutung*’ é considerada a sua maior obra, a que ele mais gostava.

²⁹ FREUD, Sigmund. *Conferência XXXII, Angústia e vida pulsional*. (1932), p.132-133. Esta citação é uma das raras vezes, ou talvez a única, encontrada em nossa pesquisa, em que Freud usa os dois termos juntos, *Instinkt* e *Trieb*, fazendo, indubitavelmente, a distinção a que nos referimos.

³⁰ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente* (1915), p.223. Na tradução do texto ‘*O Inconsciente*’ Strachey chama a atenção para o raro emprego de Freud do termo ‘*Instinkt*’ e não o usual ‘*Trieb*’, muito embora Strachey não faça diferença alguma entre os dois termos. Ele editou as obras completas de Freud, em vinte e quatro volumes, traduzindo para o inglês ‘*ego, superego, e id*’ do ‘eu, supereu e Isso’ (*Ich, Über-Ich, Es*), tendo Freud concordado com esta tradução se fosse a melhor para o inglês. A tradução de Strachey é considerada referência por ser a obra crítica mais completa de Freud e ele justificou o uso de ‘*instinto*’, e o ater-se a ele, por ser uma palavra vaga e indeterminada para traduzir *Trieb* e *Instinkt* sem distinção, mas reconhece: “- *A única complicação, de menor importância, é que, numa meia dúzia de situações, o próprio Freud usa a palavra alemã ‘Instinkt’, sempre, talvez, no sentido de instinto nos animais*”. Contudo, a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, editada e comentada por Strachey, constitui um trabalho pioneiro e dos mais importantes, com todos os inevitáveis erros e tropeços, como o próprio Strachey admite. In: Prefácio Geral do Editor Inglês, v.1, p. 19. Imago, 1977. Renato Mezan diz ter encontrado menos referências de Freud à palavra instinto: “Freud utiliza a palavra *Instinkt* apenas três ou quatro vezes em toda a sua obra.”(cf., MEZAN, Renato, p. 155, *Freud: A Trama dos Conceitos*, 2003). Freud usou a palavra ‘instinto’ para os outros seres animais, em torno de umas dez vezes, conforme a nossa pesquisa.

Certa vez, Ernest Jones perguntou a Freud quais eram as suas obras preferidas e ele apresentou-as, retirando-as da sua estante: *A Interpretação dos Sonhos* e os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Da *Interpretação dos Sonhos*, disse esperar que ela ‘logo esteja obsoleta, por ter aceitação geral’. Quanto aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, acrescentou, ‘esta durará muito mais’.³¹

Os estudiosos do pensamento de Freud quando citam a *Interpretação dos Sonhos* “quase sempre a indicam como o lugar privilegiado onde o objeto da psicanálise brilha com toda a intensidade”.³²

Trata-se do inconsciente, para situarmos este objeto a que toda ciência reclama, da descoberta das suas leis, a condensação e o deslocamento, inconsciente concebido no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, que, para alguns estudiosos, com o conceito de inconsciente Freud inaugura a metapsicologia freudiana.

O inconsciente é uma das instâncias do aparelho psíquico composto também do consciente, e do pré-consciente, sendo que o sonho não é o inconsciente e sim uma das suas formações, o seu real. Os processos primários são inconscientes e acham-se, desde o princípio, no aparelho psíquico, e os processos secundários, conscientes, desdobram-se no decorrer da vida, limitando e sobrepondo-se aos primários até alcançar um domínio sobre eles, talvez, duvida Freud, na plenitude da vida:

Em conseqüência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago do nosso ser (*der Kern unseres Wesens*) continua constituído de impulsos de desejos inconscientes, e inapreensíveis à inibição do pré-consciente; o papel desempenhado pelo pré-consciente restringe-se, de uma vez por todas, a dirigir ao longo dos caminhos mais adequados os impulsos de desejo que surgem do inconsciente. Estes desejos inconscientes exercem uma coerção sobre todas as aspirações psíquicas a que tem que se submeter, mas que podem esforçar-se para derivá-las e dirigi-las para fins mais elevados.³³

O âmago do nosso ser, nossa essência, portanto, consiste em impulsos de desejos inconscientes, sendo o desejo o que põe o aparelho psíquico em movimento, e o curso da excitação dentro dele é regulado por dois princípios: o princípio de prazer-desprazer, e o princípio de realidade.

³¹ JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud. Os anos de formação e as grandes descobertas (1856-1900)*, vol. 1, p. 352.

³² MONZANI, Luiz R. Freud. *O Movimento de um Pensamento*. (Tese), p.140.

³³ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. (1900), *ESB*. p.642, In: Band II, p. 573.

O desejar parece a Freud ter consistido numa carga alucinatória da primeira lembrança de satisfação e há busca da repetição desta satisfação em que se obteve prazer. Ao contrário, a evitação da lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva, desprazerosa, ou seja, a exclusão do que é penoso, doloroso, do processo psíquico da memória nos dá o modelo e o exemplo do recalque psíquico (*psychischen Verdrängung*).³⁴

O recalque, deste modo, aparece nas formulações da *Interpretação dos Sonhos* sendo ele um mecanismo estruturante do sujeito neurótico, normal, seja da neurose histérica ou da neurose obsessiva. A possibilidade do recalque, que, como vimos, define a neurose, encontra-se ausente nos casos de psicose como na paranóia e na esquizofrenia, ausente na perversão, e em outros casos graves como o do autismo infantil, categorias clínicas que portam diferenças estruturais entre si. Destas descobertas, que transformaram as teorias psicológicas, foram extraídas diversas inferências teóricas e clínicas para o entendimento da vida normal, dos sintomas normais, e dos sintomas patológicos.

Os sintomas são formações do inconsciente, como o sonho, a psicopatologia da vida cotidiana, os atos falhos, os esquecimentos sintomáticos, as trocas de palavras, e o engraçado dos chistes nas piadas que produzem prazer no riso.

Existem muitas definições em Freud para enunciar o sonho, principalmente a de o sonho é a realização de um desejo, a expressão de um desejo, e, mais fundamental, os sonhos têm um sentido, mesmo no seu sem sentido.

Retomamos a *Interpretação dos Sonhos* para evidenciarmos as pulsões e,

ali nos relembremos que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonemático e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva.³⁵

A teoria dos sonhos, dando destaque ao que as crianças sonham, considera os desejos originários da infância como o motor, a mola, a pulsão, o desejo imprescindível para a formação dos sonhos, sendo o sonho um ato psíquico importante e completo.

Exceto em alguns casos de sonhos de crianças, as censuras tornam difícil reconhecer um sonho como a realização de um desejo, censura psíquica que atua durante a

³⁴ Ibid. ,p. 639; In: Studienausgabe, Band II, p. 570.

³⁵ LACAN, Jacques. *Escritos. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1958)*, p.268.

formação do sonho, em suas muitas deformações, condensações, deslocamentos, e absurdos, alterando completamente a expressão do desejo para conseguir, desta forma, chegar de volta a ser admitido ao consciente, à consciência, de onde foi recalçado.

Freud nos diz que a força pulsional do sonho é sempre um anseio, um desejo por realizar,³⁶ e provém do inconsciente o desejo onírico que fornece a força impulsora do sonho.

Um sonho de punição, por exemplo, pode significar o desejo daquilo que a punição reprime, e o sonho do *'salmão defumado'* que uma analisante relata como prova de que o sonho não é um desejo, Freud o considera como sendo o desejo de ter um desejo insatisfeito.

Além da necessidade de escapar da censura, outros fatores contribuem na formação do sonho e em sua deformação, como a exigência da condensação e a do deslocamento do material psíquico, além da consideração à sua representabilidade, quer dizer, os meios de encenação dos sonhos em imagens. A condensação pode reunir em um único elemento de representação, pensamentos, recordações, sentimentos, sensações, falas, significantes, palavras, frases, imagens, numa colagem de todo um processo que envolve demandas, desejos, e pulsões. Deve-se à condensação a estranha impressão que os sonhos nos causam, e cabe ao deslocamento a obscuridade e os absurdos deles, com suas trocas dos acentos psíquicos: uma palavra que provocaria uma grande comoção é destituída deste tom, e, uma outra pode vir carregada de emoção, de sentimentos, de afetos. Para Freud, participam na formação dos sonhos dois diferentes processos psíquicos: um deles produz pensamentos completamente corretos, e de valor igual aos do pensamento normal; enquanto que o outro maneja tais pensamentos de um modo estranho e incorreto, burlando a censura, resultado da elaboração do sonho. A instigação a um sonho sempre se encontra em dados do dia anterior, e um caráter psicológico mais geral e evidente do sonho é o de que um pensamento sobre algo desejado, e de desejo insatisfeito, em regra, objetiva-se no sonho e é representado como uma cena, ou, segundo nos parece, como sendo vivenciado, vivido, realizado.

Realizações de desejos que proporcionam prazer, sonhos de angústia, impulsos de desejos bons, maus, desejos de morte, rivalidade, sentimentos infantis, impulsos de ódio, e de amor. A deformação no sonho é um ato de censura, por haver dois conteúdos no sonho: o conteúdo manifesto, que é o relato do sonho, como se apresenta na rememoração, e o conteúdo latente, oculto, do sonho, com suas fontes nos pensamentos, na escolha das palavras para expressá-lo, nos estímulos somáticos tais como a fome, sede, frio, calor, e nos estímulos

³⁶ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*, (1900), *A Psicologia dos Processos Oníricos*. p. 569. In: Band II, p. 510.

psíquicos. Estas excitações podem perturbar o sono, despertando o sonhador, a despeito de uma das funções do sonho que é o de fazê-lo dormir. No trabalho do sonho o pensamento a ser representado se transforma em imagens visuais, em discurso, oração. Neste trabalho de elaboração, o sonho lança mão dos recursos e dos meios de representação, vale dizer, em consideração à representabilidade, em imagens visuais, e em palavras, sendo que a motivação é egoísta, o eu no sonho sempre representa o sujeito.

O conteúdo do sonho é como que uma transcrição dos pensamentos em outro modo de expressão, cujos caracteres, e leis sintáticas, são passíveis de serem lidos em sua relação simbólica, pois há, no sonho, segundo Freud, representação por símbolos, palavras, mudança de uma expressão verbal substituída por outra, enfim, versões do mesmo assunto em diferentes linguagens. Palavras que só farão sentido no relato consciente, e, assim, este quebra-cabeça feito de figuras, deixa de parecer absurdo e sem sentido, deixando de ser considerado alheio ao próprio sujeito que sonhou. Desta forma, o sonho é uma formação do inconsciente, tem um sentido, é uma realização de desejo, é movido pela pulsão, e, subjetivo, diz respeito ao sujeito, àquele que sonha. A força (*Kraft*) pulsional do sonho, sua potência, energia, é a de um desejo a realizar, insatisfeito por estrutura.

O sonho, cuja análise remonta à antiguidade, teve sua importância restaurada pela psicanálise que, conhecedora das leis que regem o inconsciente, o tratou de modo diferente. Numa elaboração primária e secundária os sonhos condensam, deslocam e constroem estruturas compostas, que constituem mecanismos inconscientes, suas próprias leis, que são as condensações ou as metáforas, ou seja, a substituição de um termo por outro, e os deslocamentos que correspondem às metonímias, a parte pelo todo, a combinação de um termo com outro, e a importância do uso linguístico é revelada.

Freud constata que o sonho já procede por interpretação pelo inconsciente daquele que sonha e a tarefa da interpretação posterior é feita por aquele mesmo que sonhou.

O conteúdo manifesto do sonho é o seu relato, consciente, em contraste com os pensamentos latentes, ocultos, do sonho, descobertos na interpretação. O que ficou da lembrança do sonho, do que foi possível recordar numa análise mais detida, encontra o que o trabalho do sonho lutou para fazer chegar à consciência de onde foi recalcado, agora de volta bem mais disfarçado, e mais admissível à parte consciente e moral do sujeito, visto serem as pulsões acéfalas em relação ao sujeito e amorais em sentido inconsciente.

Freud introduz um método que difere do antigo de interpretar sonhos: estabelecida a transferência entre o analista e o analisante, e a regra fundamental da psicanálise que é o da associação livre pelo analisante, o analista interpreta, precipuamente, mas impõe também a

tarefa de interpretação ao analisante que vai descobrindo a vinculação dos pensamentos latentes com a sua vida de vigília, nos resíduos, nos restos do vivido, e do visto, falado, ou percebido, pinçado do dia anterior ao sonho.

Muitos foram os sonhos analisados por Freud: “-Pai, não vês que estou queimando?”, é uma frase que ficou de um sonho e que faz um apelo ao pai, um significante de fundamental função. O sonho do ‘salmão defumado’, sonho de contra desejo, apresenta a censura e a deformação onírica: uma força constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto que outra exerce uma censura distorcendo sua expressão. O sonho da ‘bela açougueira’ define o desejo histórico como modelo do desejo humano, desejo insatisfeito, sempre renovado, desejo indestrutível. E, como lembra Monzani, foi através da análise do sonho da “Injeção de Irma” que ficou postulado que o sonho é a realização de um desejo.³⁷

Freud se atribuiu uma placa comemorativa pelo sonho de ‘Irma’, e por todos os seus achados que se constituíram em uma grande descoberta, tendo sido estabelecido o aparelho psíquico com as suas instâncias em processos mentais próprios.

Percorrendo a vasta literatura científica cujas opiniões das autoridades se caracterizavam pelas mais agudas contradições, Freud resgata algumas parcelas de verdade, mas negou duas delas: a visão de que o sonho é um processo sem sentido e a visão de que é só um processo somático. As relações entre os sonhos e as doenças mentais são traçadas, além de outros sonhos como os das crianças, e do infantil que reside, e persiste, atemporalmente, em cada adulto, chegando Freud a afirmar que um desejo que é representado num sonho deve ser, tem que ser, é, um desejo infantil.

Prescindindo da idéia de uma localização anatômica deste aparelho psíquico Freud permaneceu no campo psicológico, recorrendo a analogias, os pontos de semelhança entre coisas diferentes, a representação indireta, a fim de visualizarmos como ele funciona, análogo a um microscópio, um aparelho fotográfico, ou algo assim.

As analogias utilizadas por Freud são inúmeras, e, ele próprio descobre que o chiste e o sonho, citando estas duas formações do inconsciente, fazem uso da analogia, ou seja, a analogia, como representação indireta, como comparação, chega a ser uma técnica do chiste. Assim, para Freud: “- Há um outro tipo de representação indireta utilizada pelos chistes, a saber, a ‘analogia’.”³⁸

O recurso ao sentido alusivo, figurado, analógico, sempre ajudou Freud na trans-

³⁷ MONZANI, Luiz Roberto. *Freud O Movimento de um Pensamento*, p. 57.

³⁸ FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), *A Técnica dos chistes*, p. 100.

missão do seu trabalho teórico e clínico, científico como ele o queria, e muitas de suas analogias, são analogias suas, como veremos, e outras nem sempre são novas, e sim comparações acertadas, analogias afortunadas, bem aceitas no uso linguístico.

Assim, a fim de visualizarmos o funcionamento do psiquismo, Freud recorreu a uma analogia, a do aparelho mental funcionando como um telescópio, sem uma localização anatômica específica, permanecendo no campo virtual, psicológico.

Desculpou-se pela imperfeição dessas imagens, esclarecendo que esta localização psíquica corresponderia a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem não situada em nenhum componente concreto do aparelho.

Tanto o nosso aparelho psíquico quanto tudo aquilo que pode ser objeto de nossa percepção interna é virtual, *'ist virtuel'*,³⁹ tal como a imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos.

Nossas lembranças, recordações, memórias, sem excluir as que estão mais profundamente gravadas, são inconscientes em si, podem tornar-se conscientes, mas podem produzir todos os seus efeitos mesmo em estado inconsciente, e, inadmissíveis à consciência só chegam a ela através de suas formações que passam pela censura do pré-consciente onde se ligam às palavras.

O pré-consciente, por sua vez, é em parte inconsciente, e separado deste por outra censura que mais seleciona do que deforma os processos psíquicos e os conteúdos que chegam a ele, mas ao contrário do inconsciente, o pré-consciente pode chegar à consciência mesmo passando por esta outra censura. A transferência de uma carga de energia psíquica pré-consciente para um investimento consciente é marcada pela censura do consciente.

À diferença do inconsciente, as excitações e ligações com as formas verbais do pré-consciente são capazes de atingir a consciência, sistema que chega a ser chamado de percepção-consciência. Quanto ao recalque, identificado como inconsciente, ele afeta as lembranças com muito mais facilidade que as percepções.

Um pensamento sofre o recalque, porque, inadmissível para o sujeito, é empurrado pela censura do consciente para o inconsciente. Sobre os processos de pensamento eles são sem qualidades, exceto pelas excitações agradáveis ou desagradáveis que os acompanham e que, em vista de seu possível efeito perturbador sobre o pensamento, têm de ser mantido dentro de limites.

Da consciência há toda uma multiplicidade: existe a vida diurna consciente e,

³⁹ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*, (1900), *A Psicologia dos Processos Oníricos. O Inconsciente e a Consciência – Realidade*, ESB., p. 649. In: Band II, p. 579.

paralelamente, uma outra atividade psíquica inconsciente durante o dia. De dia nossos pensamentos criam diversos atos psíquicos: juízos, conclusões, referências, refutações, negações, comparações, afirmações, expectativas, propósitos, intenções, e desejos.

À noite esta atividade psíquica inconsciente acha-se perceptível no sonho, como realização de desejos, garantindo o sono do sonhador, mesmo que ele não se lembre do sonho ou do que sonhou, e os desejos inconscientes são os derivados das pulsões.

De onde se originam, em cada caso, os desejos que se realizam no sonho?

Primeiro Freud localiza no pré-consciente o desejo que pode haver sido provocado durante o dia e não haver achado satisfação por causa de circunstâncias exteriores, e então perdura pela noite um desejo reconhecido e insatisfeito.⁴⁰

Segundo, o desejo pode haver surgido durante o dia, porém pode haver sido desaprovado e então perdura como desejo suprimido (*unterdrückter Wunsch*).⁴¹

Quando se decide dormir, pode-se conseguir a cessação provisória das cargas de energia psíquica do pensamento desperto. Problemas não resolvidos, questões não solucionadas, preocupações que atormentam, e muitas outras impressões, sensações, afetos, excitações, estímulos mentais, e impulsos do pensamento, podem atrapalhar o sono, e estes conteúdos podem aparecer no sonho.

Fugiria do nosso propósito acompanhar Freud por mais longe, bastando-nos este percurso que efetuamos na sua *Interpretação dos Sonhos* onde destacamos a força pulsional do sonho reforçada por um desejo, sendo que o impulso do pensamento do dia se encarrega de ligar-se a este desejo que atua como força motivadora, a força da pulsão do sonho.

Vimos como foi teorizada a primeira tópica, a primeira formulação do aparelho psíquico, ou seja, os lugares, topológicos, virtuais, e o seu funcionamento em três sistemas, com suas características próprias, suas funções, suas designações: inconsciente, pré-consciente e consciente.

Passaremos a investigar o modo como o conceito de pulsão aparece, e tem a sua importância definida, na obra de 1905, nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde a pulsão é concebida como sexual, como sexualidade, e de forma parcial.

⁴⁰ Ibid., p. 587; In: Band II, p. 525.

⁴¹ Ibid., p. 587; In: Band II, p. 526.

1.4 A Teoria da Sexualidade: pulsão sexual parcial (*sexuelle Partiel Trieb*)

As teorias de Freud sobre a sexualidade ganharam um aprofundamento e uma relevância científica cada vez maior e fundamentaram-se, principalmente, nos relatos clínicos das memórias de lembranças dos pensamentos da infância dos seus pacientes adultos, e das suas próprias observações, como ele faz questão de repetir e deixar destacado.

A psicanálise pôde situar a criança enquanto sujeito, sujeito do inconsciente, com as suas particularidades, especificidades, e enquanto criança, em suas fases, tempos, evoluções, desenvolvimento, crescimento, em sua sexualidade infantil, ou seja, em sua vida.

A descoberta das teorias sexuais infantis e a relevância da sexualidade na constituição do psiquismo do sujeito mostraram que o método psicanalítico, em muitos pontos, divergiu em opiniões e resultados dos de base meramente biológica, por ter Freud evitado introduzir “expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral ou das espécies animais no estudo da função sexual do ser humano”.⁴²

O mito de Sófocles é referido, e dele Freud formulou o *complexo de Édipo*, núcleo da neurose, conceito que veio à luz ao descobrir os complexos edipianos que definem a sexualidade do ser humano como problematizada. Inclui a criança, o pai (função e nome), a mãe (desejo da mãe), em suma, o complexo familiar que prevalecerá na educação precoce e na aquisição da língua materna. Educação familiar onde ocorrem aprendizados, cuidados, trocas, afetos, identificações, sentimentos, interdições, surgidas dessas relações estruturais, e a proibição do incesto sobrepõe para o homem o reino da cultura ao da natureza, sendo que a presença da função simbólica, quando instaurada, é identificada com a imagem da lei, fórmula lacaniana que eleva como suporte da função simbólica o nome do pai.

Definida nos *Três Ensaio*s, artigo dos que mais receberam acréscimos, correções e atualizações, a pulsão é um conceito de delimitação, demarcação (*der Abgrenzung*)⁴³ entre o psíquico e o corporal. A pulsão é a representação psíquica de uma fonte de excitação contínua e intra-somática.

A hipótese mais simples e próxima sobre a sua natureza seria a de que as pulsões não possuem em si qualidade alguma, devendo-se considerá-las tão só como quantidades de exigências de trabalho à vida psíquica que elas representam, diferenciando-se, entre si, por

⁴² FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), p. 133. In: Band V, p. 43.

⁴³ *Ibid.*, p.171; In: Band V, p. 76

seus objetivos, e pelas fontes somáticas, onde há um processo de excitação, cujo fim mais próximo está em fazer baixar esta excitação, em descarregá-la.

Deste modo, dos órgãos do corpo emanam excitações, e a boca, o orifício anal, e o genital-urinário, por exemplo, são designados como ‘zona erógena’ da pulsão sexual parcial, zona que se conduz como parte da sexualidade, daí também a sua parcialidade, e que dá às funções dos órgãos em que aparecem as trocas naturais uma significação sexual.

Assim, a pulsão parcial (*Partiel Trieb*) revela objetivos sexuais ligados a fontes orgânicas das pulsões, as zonas erógenas, e, cada pulsão parcial procura a sua satisfação de prazer no próprio corpo. No prazer de ver, no de se mostrar, se expor, no exibicionismo, o olho corresponde a uma zona erógena, e esta pulsão escópica, a pulsão de ver, tem como objeto o olhar, a mirada, chegando Freud a considerar a pele como zona erógena por excelência, principalmente as suas zonas de bordas, de orifícios.

Obtendo prazer e satisfação por lugares do corpo que proporcionam prazer, desprezando a destinação da ‘união sexual’, a sexualidade infantil mostra-se perversa polimorfa por desviar-se do rumo em direção à genitalidade, e à reprodução da espécie.

Nos *Três Ensaios*, Freud inicia por fazer um levantamento exaustivo das aberrações, dos extravios (*Abirrungen*) sexuais, e conclui que o sintoma neurótico, dito normal, mostra traços com o que tem estudado da vida sexual patológica.⁴⁴

A sexualidade, da qual derivam os sintomas neuróticos, não coincide com a pulsão sexual normal (*normalen Sexualtrieb*): os sintomas representam uma exteriorização das pulsões consideradas perversas, que foram recalcadas, e se originam, portanto, em parte, à custa da sexualidade anormal, sendo os sintomas um substituto da sexualidade.

Os sintomas histéricos são transcrições de diversos processos pulsionais, inclinações, fantasias, desejos, que foram impedidos por meio do recalque de obter descarga, através da atividade psíquica consciente. Estas representações das pulsões recalcadas, retidas no inconsciente, tendem a uma exteriorização, dando origem a sintomas diversos, tanto em homens e mulheres quanto em crianças.

O sujeito histérico, portanto neurótico, seja da neurose histérica ou da neurose obsessiva, reconhece um recalque sexual (*Sexualverdrängung*) numa resistência à pulsão, ou seja, determinadas pulsões encontram resistências por parte do sujeito, e do social, por ‘vergonha’, ‘repugnância’ e ‘moralidade’, como que numa ‘fuga instintiva’.⁴⁵

⁴⁴ Ibid., p. 167.

⁴⁵ Ibid., p.167. In: Band V, p.73. Neste estudo sobre a pulsão, assinalar que esta é a única vez, nos *Três Ensaios*, que Freud se refere ao instintivo, fazendo uma comparação: ‘como uma fuga instintiva’.

O sujeito neurótico esconde o que o sujeito perverso revela, chegando Freud a afirmar que a neurose é, por assim dizer, “o negativo da perversão”.⁴⁶

Portanto, na neurose, há um recalçamento numa resistência a determinadas pulsões por parte do sujeito e do social, por vergonha, repugnância e moralidade.

O afeto (*Affekt*) que acompanha o curso normal dos acontecimentos sempre é substituído por angústia se há a incidência do recalçamento, sendo que a angústia constitui moeda corrente pela qual qualquer impulso afetivo pode ser trocado se o conteúdo da representação vinculado a ele estiver sujeito ao recalque.⁴⁷

Quando temos um estado de angústia, seu correspondente inconsciente pode ser um impulso de características semelhantes – angústia (*Angst*), vergonha (*Scham*), embaraço (*Verlegenheit*) – ou, uma excitação libidinal, agressiva, hostil, de irritação, ou raiva.

Norbert Elias acrescenta, levando em conta estas concepções de Freud:

Não menos característico de um processo civilizador que a ‘racionalização’ é a peculiar modelação da economia das pulsões que conhecemos pelos nomes de ‘vergonha’ e ‘repugnância’ ou embaraço. (...) Ambas, tanto a intensificação da vergonha como o aumento da racionalização, constituem distintos aspectos da crescente cisão que ocorre na personalidade do indivíduo com o aumento da divisão de funções, distintos aspectos da diferenciação sempre maior entre pulsões e controle de pulsões, entre as funções do ‘id’, ‘ego’, ou ‘superego’.⁴⁸

Observando a infância Freud descobre a existência da sexualidade propriamente infantil e a existência das teorias que as crianças constroem sobre o sexual.

Empreende toda uma pesquisa para desvendar a sua evolução e de como se compõem a partir de diversas fontes, frisando sempre a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da vida da energia da libido, deste ‘*órgão*’, trazendo para o primeiro plano o fator infantil da sexualidade.

Revelações em associações até então inconscientes das lembranças infantis dos seus pacientes permitiram-lhe traçar as principais manifestações da sexualidade infantil: a pulsão sexual parcial encontra-se presente na infância, desperta aí e não só na puberdade, sendo esta uma das principais descobertas dos *Três Ensaio*s, além da grande relevância da própria descoberta da sexualidade infantil enquanto tal.

⁴⁶ Ibid., p. 168; In: Band V, p. 74.

⁴⁷ FREUD, Sigmund. *Conferência 25. A Angústia*. (1917). p. 470. In: Band I, p. 390.

⁴⁸ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Vergonha e Repugnância*., pp. 242-243.

O recém nascido (*das Neugeborene*)⁴⁹ já traz consigo o germe, a semente, das excitações sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo e que depois sofrem uma supressão, e o caráter mais notável das manifestações da sexualidade infantil é o fato de que a pulsão sexual não está orientada para outras pessoas, encontrando satisfação no próprio corpo, isto é, autoeroticamente.

Portanto, a vida sexual (*Sexualleben*), no sentido das pulsões parciais, não começa só na puberdade, senão que se inicia logo depois do nascimento com as manifestações das satisfações prazerosas no mamar, no excretar, no olhar, no ouvir, no balbuciar, no falar, numa clara distinção entre os conceitos de sexual libidinal infantil, e o de sexual genital do adulto. Convém lembrar que o ‘sexual’ em psicanálise é um conceito ampliado, assim como a própria sexualidade, por envolver as pulsões sexuais parciais, por incluir a função de obter prazer em zonas erógenas do corpo, função que depois é posta a serviço da procriação, na fase adulta, porém as duas funções não chegam a coincidir integralmente.⁵⁰

Freud insiste em chamar sexualidade às primeiras manifestações de prazer da infância, as satisfações, a partir das quais o sexual, na vida do sexual adulto, vai mais tarde constituir-se, sendo observadas, mesmo no lactente, atividades prazerosas como a sucção.

1.4.1 As zonas erógenas das pulsões sexuais parciais

Freud identifica na vida sexual infantil, como já visto, desde o nascimento do bebê, o começo de uma organização dos componentes da pulsão sexual parcial, em primeiro plano o erotismo oral, derivado da pulsão oral. Deste modo, os impulsos já estão presentes no recém-nascido, pulsões que se satisfazem autoeroticamente. A boca é, a partir do nascimento, o primeiro órgão que aparece como zona erógena e que faz exigências libidinais ao psiquismo. O sugar da pulsão oral, o gozo da sucção pelo lactente, e a pulsão de agarrar (*Greiftrieb*) um objeto, de pegar o peito, um dedo, uma chupeta, uma fralda, um trapo, produtores de prazer, exemplifica a sexualidade do bebê designada por Freud como uma disposição ‘*polimorficamente perversa*’.

A sexualidade vê-se dividida em fases, como a da primeira organização, a oral, e a da segunda fase, a anal, e depois a fálica, denominadas por Freud, nas crianças, de ‘*pré-*

⁴⁹ FREUD, Sigmund. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, (1905), p. 186. In: Band V, p. 88.

⁵⁰ FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]), p. 177. In: Bucher des Wissens, p. 15.

genital, no sentido em que a zona genital assumirá o seu papel anos mais tarde.

A satisfação da pulsão oral vê-se associada com a necessidade de alimentação, uma vez que a atividade sexualizada se apóia em uma das funções postas ao serviço da conservação da vida, porém se torna independente dela, e a primeira atividade do bebê, e de importância vital para ele, a mais primitiva satisfação sexual, ainda vinculada à nutrição, é a sucção do seio, este objeto da pulsão oral que a criança vem a perder e a reencontrar, sendo que o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro, diz Freud.⁵¹

A noção de apoio (*Anlehnung*) designa, grosso modo, as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação que se encostam, apoiando-se, umas nas outras.

A função corporal apoia a sexualidade por via das suas fontes, fontes da pulsão, como veremos adiante, as chamadas ‘*zonas erógenas*’, que no caso exemplificado de um bebê, por sua pulsão sexual parcial oral ele busca a satisfação da boca no prazer encontrado na sucção do seio, ligada a uma outra ordem de satisfação que não só a do alimento da necessidade, sem o qual não se faz possível à conservação da vida.

As pulsões sexuais, portanto, enquanto ainda não independentes, apoiam-se nas funções vitais, corporais, somáticas.

A escolha do objeto sexual pelo adulto é a continuação de uma tendência onde se trata de encontrar um objeto, objeto a ser reencontrado, e esta escolha do objeto sexual varia muito, sendo que o objeto é o que há de mais variável na pulsão, como varia o modo das pulsões de obterem satisfação. E na eleição de objeto os conflitos surgem da economia libidinal em consequência da disposição bissexual inerente aos indivíduos, conflitos pelos quais passam para assumir o seu próprio sexo, e, depois, na escolha do objeto amoroso, seja ele do mesmo sexo, ou do sexo oposto.

Na pulsão não se trata do objeto pleno e satisfatório, posto que a pulsão é parcial, objeto este que venha a preencher a falta, satisfazer o desejo, o objeto por excelência, absoluto, harmonioso, que funda o homem numa realidade adequada, adaptada, e numa completude. Pelo contrário, no encontro do objeto (*Die Objektfindung*) Freud indica que o objeto é apreendido pela via de uma falta, de uma busca do objeto perdido, em sua expressão.

Qualquer que venha a ser a escolha efetiva do objeto amoroso pelo sujeito, na fase mais adiantada da sua organização sexual, que é a puberdade, e depois a fase adulta, este objeto será um objeto reencontrado, e, segundo Lacan, que retoma Freud, “o objeto reencontrado do primeiro desmame, o objeto que foi, inicialmente, o ponto de ligação das

⁵¹ Ibid., p. 229.

primeiras satisfações da criança”,⁵² acrescentando que a psicanálise viu a função do que é sexual na formação do desejo e foi levada “a buscar cada vez mais na pulsão oral a origem de todos os acidentes, anomalias e perplexidades que podem produzir-se no plano da estruturação do desejo”.⁵³

A pulsão oral é essencial à subsistência, e é pela sucção que o bebê busca o prazer da boca, e, para o lactente a voz, a emissão de fonemas, torna-se também prazerosa, e os seus primeiros balbucios são acompanhados de jogos, brincadeiras, que têm sempre um valor simbólico para a aquisição da linguagem, e para outras aquisições.

Portanto, a função essencial tanto na estrutura da erogeneidade quanto na da articulação significativa, encontra-se na zona da boca e dos lábios que modulam a emissão dos fonemas fundamentais, tais como o *ooó*, *aaá*, *mama*, *papa*, emitidas pelo bebê e vindas dos significantes do Outro, via de regra da mãe, sendo o sujeito constituído por estas mensagens, estes fonemas, estas palavras que vêm do Outro, de quem ele recebe a própria mensagem que emite. Outras pulsões concorrem nesta fase, e nas demais, a exemplo da pulsão escópica, do olhar atento do bebê, em visão que, quando adulto, pode remontar às cenas primeiras, primitivas, como as reveladas em análise.

Com a aparição dos dentes, surgem impulsos sádicos, mordidas, o lado agressivo da pulsão, e toda uma temática fantasística da criança ligada ao desmame, ou seja, ao corte que se verifica entre o seio e a mãe, e com a angústia na qual o sujeito se relaciona com a falta, com a castração. O seio é o objeto da pulsão oral, tendo a boca como zona erógena, e a mãe é suporte desta primeira relação amorosa mãe-bebê, ou quem exerce esta função para a criança, com os seus dons, signos de amor, quando há. Logo, em torno do lactente e do seio materno, protótipo de toda relação de amor, está a origem e “a fonte das claudicações mais fundamentais no desenvolvimento libidinal do sujeito”.⁵⁴

Nestas fases, normalmente atravessadas pelas crianças sem maiores dificuldades, e só reveladas por alguns indícios, ao contrário dos casos patológicos onde são ativadas, Freud observa e nomeia na fase oral a ‘incorporação dos objetos’, chamada canibalística (*kannibalische*), cuja atividade sexual ainda não se separou da nutrição, e o alvo sexual consiste na ‘incorporação do objeto’, “modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma de identificação, um papel psíquico tão importante”.⁵⁵

⁵² LACAN, Jacques. *O Seminário livro 4: a relação de objeto* (1956-1957), p. 13.

⁵³ LACAN, Jacques. *O Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963), p.253.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 254.

⁵⁵ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), p. 204

Mezan sublinha que a identificação provém da incorporação oral no mesmo modo de apreensão: “– trazer o objeto para si e absorvê-lo o que implica, simultaneamente, sua conservação e sua destruição”.⁵⁶

A fase anal caracteriza-se pelo sadismo e o erotismo anal, cujos impulsos sádicos da criança se generalizam nesta segunda fase, e nela a satisfação é buscada nas agressões, nas funções exploratórias, e nas funções de excreção.

Predomina em importância a pulsão anal, de objeto fezes, restos que se destacam do corpo da criança, e que tem como zona erógena o ânus. Pelas excitações surgidas desta zona a sua significação é grande, e as crianças descobrem o poder de controlarem as suas fezes que vão adquirindo significação simbólica, ora doando-as como presente, “*dádivas*”,⁵⁷ ora retendo-as, como afirmação, ou negação, às pessoas e ao ambiente que as cercam.

A função das fezes desempenha um papel privilegiado na modalidade da constituição subjetiva qualificada de erotismo anal. Tanto as fezes quanto o seio, o olhar, e a voz, podem ocupar o lugar de objeto, uma das diversas formas em que o objeto da pulsão se manifesta, denominados por Lacan de ‘objeto pequeno a, na sua função de causa de desejo’.⁵⁸

Deste modo, as fezes entram na subjetivação por intermédio da demanda do Outro, representada pela mãe, e, pela educação da higiene a criança é ensinada a prender-se, a reter as fezes, e depois se diz a ela que as solte, sempre mediante um pedido, uma demanda.

O segundo tempo desta demanda implica que este excremento seja renegado, se transformando em ‘*cáca*’, coisa suja, e é ensinado ao bebê que ele não deve ter muita proximidade com o seu cocô, nem pegar nele ou nele se sujar, “a não ser pela via muito conhecida, igualmente identificada pela análise, das satisfações sublimatórias”.⁵⁹

O bebê depara-se com um reconhecimento ambíguo e pode-se ver nisto a origem da ambivalência dos sintomas obsessivos. Traços de caráter como a ordem, a parcimônia e a obstinação, além da retenção e da acumulação, do apego exagerado ao ‘dinheiro-fezes’, são os primeiros e mais constantes resultados da sublimação do erotismo anal.⁶⁰

As pressões da educação, da educação dos pais, da educação escolar, formal, da educação da variável cultural, e da variação na intensidade das restrições impostas às pulsões, permitem grandes diversidades individuais nas condutas motivacionais das crianças, e, sobretudo, influenciam a época do aparecimento do seu interesse pelo assunto sexual.

⁵⁶ MEZAN, Renato. *Freud Pensador da Cultura*, p. 465.

⁵⁷ FREUD, Sigmund. *As transformações das pulsões exemplificadas no erotismo anal*, p. 160.

⁵⁸ LACAN, Jacques. *O Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963), p.326.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 329.

⁶⁰ FREUD, Sigmund. *Caráter e erotismo anal* (1908), p. 177.

Freud insere uma terceira fase (*dritte Phase*), no desenvolvimento pré-genital infantil, a fase fálica, inserida retroativamente nos *Três Ensaio*s, e esta fase é diferente da organização futura da maturidade sexual num ponto essencial, “pois conhece apenas um tipo de genital, o masculino. Por isso chamei-a de fase fálica da organização”.⁶¹

A primazia do falo, enquanto função simbólica, não leva em conta a oposição anatômica, e sim a presença ou ausência do falo, na organização da libido nos dois sexos. O falo, elemento simbólico central do *Édipo*, organiza os desejos no quadro das pulsões fundamentais. Qual é a característica desta fase fálica infantil?

(...) para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mais uma primazia do falo.⁶²

O caso clínico do ‘*Homem dos Lobos*’ é considerado um dos mais elaborados e importantes de Freud e nele encontra-se o relato de uma alucinação tida pelo paciente, na infância, quando reconheceu a realidade da castração e identificou o seu pai como castrador, gerando uma intensa hostilidade inconsciente contra ele, com um desejo de sua morte e um sentimento de culpa contra esta sua hostilidade, que resultou numa grande angústia, que é, como toda angústia, angústia de castração, angústia ante um perigo, uma ameaça, uma falta.⁶³

O órgão viril podendo estar presente ou ausente constitui o eixo central neste complexo, havendo uma dissimetria do *Édipo* num e noutro sexo. Entra-se no *Édipo* e sai-se dele de modo diferente, mas tanto o menino quanto a menina passam pelo complexo de castração que assume um valor-pivô na resolução daquele complexo.⁶⁴

O complexo de castração envolve fantasias, os medos fantasmáticos, angústias, as diversas teorias sexuais infantis, a presença ou ausência do pênis, ou seja, do falo que o representa. O menino, nas suas pesquisas sexuais (*Sexualforschung*), descobre que o pênis (*der Penis*) não é um atributo comum aos seres semelhantes a ele, e a visão de genitais diferentes do seu lhe inicia neste descobrimento.

As crianças reagem às suas primeiras percepções da falta do pênis (*Penismangels*) na menina, e negam esta ausência, acreditam ver, apesar de não terem visto um membro.

⁶¹ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), p.205. Nota acrescida em 1924. Em 1923 Freud insere esta terceira fase às pré-genitais, no desenvolvimento da infância.

⁶² FREUD, Sigmund. *A Organização Genital Infantil* (1923), p. 180.

⁶³ FREUD, Sigmund. *História de uma Neurose Infantil* (1919[1914]), p. 108.

⁶⁴ LACAN, Jacques. O Seminário, livro 3, as psicoses. (1955-56), p. 201.

A recusa da realidade desta visão entra em contradição com a sua teoria de que todos têm um pênis, e as crianças a resolvem afirmando que o pênis está lá, ainda é pequeno, e irá crescer. Tempos depois, chegam à conclusão que houve castração.

Quando a criança retoma as suas teorias da origem e do nascimento dos bebês é que descobre que apenas as mulheres podem pari-los, e é quando atribui uma falta à mãe, a quem nada faltava, e o reconhecimento desta diferença, da falta, será fundamental na estruturação do seu psiquismo:

A falta de um pênis é vista como resultado de uma castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em sua própria pessoa. Os desenvolvimentos ulteriores são conhecidos para que se torne necessário repeti-los aqui. Parece-me, pois, que a significação do complexo de castração só pode ser corretamente estimada em sua importância se for levado em consideração a sua emergência na fase da primazia do falo.⁶⁵

Nesta fase fálica, há um masculino, porém ainda não um feminino, e a antítese é *genital masculino ou castrado*. A força impulsora da fase fálica na criança é a pulsão de investigação (*Forschertrieb*), descobertas sexuais, intelectuais, impulsos gerados pela pulsão de saber (*Wissentrieb*). Por conta disto, a criança, intelectualmente predisposta, é capaz de realizar inúmeras operações, além de começar a refletir e a se perguntar, em suas pesquisas, sobre a primeira grande questão da vida que é, segundo Freud, a ‘de onde vêm os bebês?’.

Surgem indagações fundamentais e enigmas com os quais as crianças se deparam, e com as faltas e as interdições com as quais têm que lidar, e o assunto que diz respeito mais de perto à criança é o da sexualidade, ou seja, o de sua vida, no sentido de Freud.

O caso clínico do pequeno Hans, descrito na ‘*Análise da fobia de um menino de cinco anos*’,⁶⁶ a primeira análise de criança empreendida por Freud, de uma forma intermediada pelo pai da criança, nos traz o exemplo da ameaça de castração, efetuada pela mãe, ao ver Hans pegando no seu ‘*pipi*’, em auto-erotismo, numa masturbação infantil.

Outros exemplos e dados da sexualidade infantil mostraram a Freud que o desfecho final da sexualidade na infância se dá por volta do quinto ou sexto ano. Depois as crianças entram no período de latência sexual, intervalo na evolução da sexualidade, onde há, normalmente, um declínio do até então grande interesse por tudo que dizia respeito à sexualidade, havendo um declínio da curiosidade sexual infantil até o início da puberdade.

⁶⁵ FREUD, SIGMUND. *A Organização Genital Infantil* (1923), p. 182.

⁶⁶ FREUD, Sigmund. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), p. 127.

A latência, este período de intervalo nas grandes e importantes descobertas sexuais, coincide com o declínio do complexo de Édipo, do afastamento maior dos pais, das representações que foram recalçadas, ou sublimadas, e dos efeitos estruturais resultado deste complexo de desejos de amor e de ódio, desejos amorosos ou hostis, que a criança vivencia em relação aos seus pais, ou aos seus substitutos, das identificações que resultaram desses complexos sentimentos, uma vez que, com o declínio do Édipo, os investimentos nos pais são mais abandonados e substituídos por identificações.

Os afetos, e fantasias, tão fortemente vividos na infância, dão lugar a interesses outros, e a outras pesquisas que favorecem e facilitam, normalmente, às outras aquisições cognitivas, educativas, escolares, que continuam até a puberdade, havendo um declínio das incursões sobre a sexualidade em nome de outros assuntos e descobertas.

Deste modo, em uma idade precoce já estão estabelecidas as atitudes emocionais das crianças que lhes serão de grande importância para a sua vida posterior:

A natureza e a qualidade das relações de uma criança para com as pessoas do seu sexo e do sexo oposto já foram estabelecidas nos primeiros seis anos de sua vida. Pode mais tarde desenvolvê-las e orientá-las em certas direções, mas não poderá mais desembaraçar-se delas.⁶⁷

Portanto, a sexualidade infantil, nomeadamente infantil, e a reunião das pulsões parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais não se dá na infância.

O estabelecimento desta primazia genital é a quarta e última fase da organização da sexualidade e da libido, e, de modo geral, é somente na fase da puberdade que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino, ou atividade e passividade, sem haver pulsão genital completa, o que confirma a teoria de que as pulsões são sexuais e parciais.

Passaremos a investigar a primeira e a segunda concepção dualista das pulsões em Freud, sendo que a expressão do grande escritor, dramaturgo, educador e poeta Schiller ‘fome e o amor’ exemplifica para Freud este dualismo pulsional.

Freud introduz modificações, como veremos, na sua segunda formulação do aparelho psíquico, ou seja, na segunda concepção tópica da teoria do psiquismo, ressaltando a grande significação das pulsões na vida de representação do sujeito, o estudo sobre o ‘narcisismo’ ou o amor a si mesmo, demonstrando e tratando sempre dos transtornos psíquicos encontrados na clínica.

⁶⁷ FREUD, Sigmund. *Algumas reflexões sobre a Psicologia do Escolar* (1914), p. 287.

1.4.2 O eu narcísico: eu real, eu ideal, e o ideal do eu

As ‘pulsões do eu’ (*Ichtrieben*) aparecem citadas, pela primeira vez, do mesmo lado das pulsões de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieben*), em oposição às pulsões ligadas à sexualidade, as pulsões sexuais, e Freud segue as palavras do poeta Schiller, para ele um psicólogo melhor do que tentamos ser, quando Schiller diz que a fome e o amor são as duas pulsões orgânicas (*organischen Triebe*) que atuam em nossa alma (*Seele*).⁶⁸

A fome e o amor formam um poderoso par de forças, e são pulsões essas necessidades corporais até onde elas representam uma instigação à atividade psíquica. A concepção dualista das pulsões sexuais parciais sempre foi sustentada por Freud, e, lembra Monzani, “essa tese estava implícita nas suas posições teóricas. Mas, por volta de 1910, essa distinção se torna explícita, no célebre artigo sobre as perturbações da visão”.⁶⁹

Os sintomas neuróticos que privilegiam o órgão da visão passam a ser estudados, nos diversos transtornos dos sintomas histéricos ligados ao olhar, objeto da pulsão escópica, e os da cegueira da visão tidos como um tipo de perturbação psíquica muito conhecida entre os oftalmologistas que os reconhecem como sintomas de origem emocional, sem causa orgânica.

Nestes sintomas, algumas representações dos representantes pulsionais entraram em oposição com outras mais fortes, sucumbindo ao recalque. Chamando atenção para a significação das pulsões na vida de representação (*Vorstellungsleben*) Freud diz que cada pulsão tenta se impor avivando as representações adequadas às suas finalidades (*Zielen*).⁷⁰

No dualismo pulsional há conflitos de interesse, sendo que a oposição entre as representações expressa as lutas entre as várias pulsões: uma oposição entre as pulsões postas a serviço da sexualidade, e as demais pulsões que têm como objetivo a conservação da própria existência do indivíduo.

O prazer sexual não se enlaça apenas à função dos genitais, e a boca serve tanto para o prazer de beijar quanto para o de comer, e, para a expressão verbal, o falar.

Os olhos não só percebem as alterações no mundo exterior, importante para a conservação da vida, “como também as qualidades dos objetos através das quais, por seus encantos, são elevados a objetos da escolha amorosa”.⁷¹

Deste modo, tanto as pulsões sexuais como as pulsões do eu, têm, em geral, os

⁶⁸ FREUD, Sigmund. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), p. 200.

⁶⁹ MONZANI, Luiz R. *Freud O Movimento de um Pensamento.*, p.144.

⁷⁰ FREUD, Sigmund. *A perturbação da visão* (1910) p. 199. In: Band VI, p. 209.

⁷¹ *Ibid.*, p.201. In: Studienausgabe, Band VI, p. 211

mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição, sendo que o psíquico repousa sobre o orgânico que permanece na influência do psíquico, embora nem todos os transtornos visuais sejam psicogênicos como são os provocados pelo recalque do prazer erótico da visão.

As conseqüências patológicas são provocadas quando as pulsões estão em grande conflito, e quando o eu mantém o recalque da pulsão sexual parcial (*sexuellen Partialtrieben*), ou seja, quando há uma erogeneização do ato de olhar, do órgão da visão, as exigências da pulsão sexual parcial escópica provocam as defesas do eu, e, como exemplifica Mezan, “o olho se converte no palco da luta entre as pulsões: o mesmo ocorre com a mão numa paralisia histérica”.⁷²

A propósito do eu, o termo ‘*Narzissmus*’ foi adotado por Freud, que logo lhe mudou a grafia, e esta noção passa a ser considerada, em certa medida, como um dado normal do sujeito, um complemento libidinal do egoísmo das pulsões de autoconservação.⁷³

Um narcisismo primário e normal surgiu da hipótese da teoria da libido, e na atitude narcísica a libido é afastada do mundo externo, dos objetos, e é dirigida de volta para o eu: a libido do sujeito preenche o seu próprio eu e toma-o por seu objeto.

O narcisismo, o amor a si mesmo (*Selbsliebe*), remete à lenda grega de Narciso, que “era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra”.⁷⁴

O narcisismo foi visto na psicose (paranóia e esquizofrenia), com suas distorções e exageros, havendo desvio do interesse pelo mundo externo, de pessoas e coisas. Também nos sintomas neuróticos os investimentos libidinais nos objetos podem ser colocados e retirados novamente, havendo oposição entre a libido do eu e a libido do objeto: quanto mais uma é investida, é maior, mais a outra se empobrece, se esvazia, segundo Freud.

A libido subtraída do mundo externo é dirigida ao eu, surgindo o narcisismo secundário, superposto a um narcisismo primário.

O eu é um eu que se desdobrará em um ‘eu ideal’ e um ‘ideal do eu’, e uma função será atribuída ao supereu do sujeito que será o de agir como o veículo do ‘ideal do eu’ pelo qual o eu se mede, exercendo o papel de censor e juiz que julga o próprio eu, tido como conflituoso, de resistências próprias, dissimétrico e excêntrico em relação ao próprio sujeito, de função imaginária, especular. O que pertence ao eu é sempre percebido por intermédio de um outro que coexiste nele mesmo, que o habita, de natureza diversa do outro seu semelhante, chegando Freud a falar em dois eus.

⁷² MEZAN, Renato. *Freud: A Trama dos Conceitos*, p. 157.

⁷³ FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), p. 90.

⁷⁴ FREUD, Sigmund. *Leonardo Da Vinci E Uma Lembrança Da Sua Infância*. (1910), p. 92.

Lacan, ao comentar a descoberta freudiana, que, para ele, tem exatamente o mesmo sentido de descentramento daquele trazido por Copérnico,⁷⁵ exemplifica os ‘dois eus’ teorizados por Freud citando a “*fulgurante fórmula de Rimbaud*”, “[*Eu*] é um outro”.⁷⁶

O eu, o dito ‘ego’, existiria desde o início, desde o começo?

Freud constata que uma unidade comparável ao eu não existe desde o começo: o eu precisa se desenvolver (*das Ich muss entwickelt werden*),⁷⁷ revelar-se, evoluir, precipitar-se, como acontece ao bebê, em torno dos seis meses, no ‘estádio do espelho’, na relação narcísica de dois termos imaginários, o eu e a imagem especular, quando a criança constitui sua unidade em torno da imagem refletida do seu próprio corpo, em espelho, visto inteiro:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.⁷⁸

No artigo sobre o narcisismo, o dualismo pulsional inicial é repensado: tanto as pulsões do eu, quanto as pulsões sexuais, ligadas ao objeto, as pulsões objetais, são libidinais, sendo a libido a manifestação de ambas as pulsões, e isto terá conseqüências no dualismo pulsional final quando a libido fará parte tanto das pulsões de vida quanto das de morte.

Assim, as ‘pulsões do eu’ também são libidinais, há a libido do eu, ou libido narcísica, por tomar o próprio eu do sujeito como seu objeto, e a oposição se dará entre a libido do eu e as pulsões dirigidas ao objeto, a libido do objeto, ou objetal.

Uma pessoa pode fixar um *ideal* para si pelo qual mede seu eu real, verdadeiro, enquanto outra poderá não formar qualquer ideal deste tipo, e a formação do ideal seria para o eu a condição do recalque. O eu ideal convém ao amor-próprio, o narcisismo do amor a si, gozado na infância como eu real, no tempo em que seu próprio ideal era ele mesmo, sendo o

⁷⁵ LACAN, Jacques. O Seminário 2, *o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, p. 14.

Freud disse dos poetas o que Lacan veio a confirmar: “os poetas, que não sabem o que dizem, como é bem sabido, sempre dizem, no entanto, as coisas antes dos outros - “[*Eu*] é um outro”.

⁷⁶ RIMBAUD, Arthur. *Poésies complètes*, p. 217. A frase completa em Rimbaud: “*C’est faux de dire : Je pense. On devrait dire : On me pense. Pardon du jeu de mots. Je est un autre.*”

Tradução livre: *É equivocado dizer: Eu penso. Dever-se-ia dizer: Pensam-me. Desculpe pelo jogo de palavras (pelo trocadilho). Eu é um outro.*

⁷⁷ FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), p. 93. In: Band III, p. 44.

⁷⁸ LACAN, Jacques. *O estágio do espelho como formador da função do eu. Escritos* (1966), p. 97.

eu ideal (*Idealich*) uma formação narcísica e que pertence ao registro do imaginário, na medida em que o próprio eu é uma construção imaginária e tem a sua origem na chamada fase do espelho, entre os seis e os dezoito meses de idade do *infans*, não existindo o eu de início como unidade, exigindo uma nova ação psíquica para se constituir.

O narcisismo é regido pela libido, e o homem mostra-se incapaz de renunciar à satisfação uma vez que ele a obteve, e é para aquela imagem ideal que vai agora o amor de si, que, na infância, se conduzia segundo o seu eu real. O ideal será formado por seu juízo crítico, surgindo a consciência moral que impõe severas condições à satisfação da libido, fazendo com que algumas escolhas sejam rejeitados como sendo inaceitáveis para o sujeito.

O ideal do eu, além do seu aspecto individual, tem seu aspecto social: “constitui também o ideal comum de uma família, uma classe, ou uma nação”.⁷⁹

Assim, Freud descobre que há no eu uma instância que observa, critica, compara e se contrapõe a outra parte do eu, assumindo o domínio do eu e medindo o eu real por um eu ideal criado pela própria pessoa no decorrer da vida, na tentativa de restabelecer a auto-satisfação vinculada ao narcisismo primário da infância.

A hipótese de Freud, construída ao longo de anos de observação clínica, é a de que no eu se desenvolve uma instância que se isola no próprio eu, entra em conflito com ele, e esta instância é a do ‘ideal do eu’ que tem como funções a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos. O eu é quem recalca, quem impede que uma determinada representação considerada inconciliável com ele chegue à consciência, dando-se um recalque, mas, a principal influência para o recalque vem da outra parte do eu, a do ideal do eu, que impõe exigências que o eu nem sempre está à altura de corresponder, mas que se satisfaz com este seu ideal que se mostra, por vezes, bem diferente do seu eu real, e o valor da distância entre um e outro varia de um indivíduo para outro.

Neste sentido, o eu aparece incluindo em si um outro eu, o ideal do eu, que avalia o desempenho do próprio eu, e é derivado do narcisismo primário e das críticas externas, comumente advindas dos pais, e dos educadores, passando o ideal do eu a internalizar estas críticas e severamente aplicá-las ao que o eu efetivamente é, atuando na qualidade de consciência moral. Esta instância julgadora, nos casos de adoecimentos graves, para Mezan “parece agir por conta própria e flagelar o eu a ponto de conduzi-lo ao suicídio”.⁸⁰

A existência de uma consciência exageradamente crítica manifesta-se na doença da melancolia, onde Freud constatou, desde o início, a existência de um grave transtorno pul-

⁷⁹ FREUD, Sigmund. *Sobre O Narcisismo: Uma Introdução* (1914), p. 119.

⁸⁰ MEZAN, Renato. *Freud Pensador da Cultura*, p.466.

sional, quando o sujeito se identifica com o objeto perdido. Na perda real ou emocional de um objeto amado, a identificação com este objeto pode levar o sujeito a introjetá-lo, fantasmaticamente, no seu próprio eu, passando a tratar a si próprio como aquele objeto, quando, na expressão de Freud, a sombra do objeto recai sobre o eu do sujeito. Este processo de introjeção foi visto primeiro na doença da melancolia, das pulsões transtornadas, passando depois a ser reconhecido como mais geral. Uma característica dos casos de melancolia é a cruel e feroz autodepreciação, formulada pelo próprio sujeito, e de forma inconsciente, uma severa autocrítica do eu, contínuas autocensuras que chegam a um delírio, o de indignação contra si próprio, em detrimento da própria pessoa. Estas depreciações e auto-recriminações, a rigor, aplicar-se-iam a um outro, o perdido, e representam a vingança do eu sobre ele.

As pulsões podem voltar-se contra a própria pessoa, e, em consequência, quando neste estado de tristeza, de depressão, em plena oposição ao seu outro estado cíclico de mania, de exageros de suposta alegria, que a medicina designa de transtorno bi-polar, o sujeito se pune numa auto-acusação, com um delirante sentimento de indignidade, devendo ter lá as suas próprias razões, podendo chegar a fazer uma passagem ao ato suicida.

Um recente estudo sobre a frequência e a repetição deste ato, tão preocupante e presente hoje em dia, mais notadamente entre os jovens, faz do suicídio, desta passagem ao ato suicida, um problema de saúde pública, segundo a Organização Mundial de Saúde.⁸¹

Nesta doença vê-se um eu dividido, separado em dois, em duas partes, uma das quais se revolta contra a outra que já passou por transformação quando da introjeção do objeto no eu, contendo-o em si. A parte do eu que se comporta tão cruelmente com a outra é a consciência, uma instância crítica dentro do eu, contudo, Freud observa mais tarde que a instância psíquica que assume a função de juiz e de permanente censura do eu é a instância do supereu, constituído pela internalização das exigências, críticas, repressões e interdições sofridas pelo sujeito. O eu e o supereu serão elevados à categoria de instâncias do aparelho psíquico, como veremos, distinguidos do isso, ao qual o psiquismo pertence, ao tempo em que uma parte do próprio eu permanecerá inconsciente. As noções encontradas no texto, difícil e denso, do narcisismo, terão algumas acepções diversas quando da segunda tópica do aparelho psíquico, e será o supereu que terá como funções a consciência moral, a auto-observação, e a formação de ideais, exercendo o papel de juiz. Passemos agora a acompanhar Freud no que ele considerou a sua invenção maior, a sua mitologia: a teoria da pulsão.

⁸¹ CAMARGO, Sabrina Gomes. *La mélancolie et le passage à l'acte suicidaire: un étroit rapport?* 2006-2007. 'O suicídio: um problema de saúde pública enorme mais evitável. Site: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2004/pr61/fr/>.

1.5 A teoria da pulsão: seus termos, suas definições

Freud introduz o termo sujeito (*Subjekt*)⁸², talvez pela primeira vez, no artigo sobre ‘*As pulsões e seus destinos*’, e sujeito do inconsciente, pulsional, em sua relação com os objetos (seres, coisas, pessoas). A palavra ‘sujeito’ passa a ser referida ao ser, à subjetividade: ao ser do sujeito. Se esta questão é lançada por Freud, e se a designação *sujeito* surge no texto das pulsões, vê-se o sujeito ligado à noção de sujeito de linguagem, dividido, e constituído em sua falta-a-ser, entre pulsões e demandas, na relação consigo mesmo e com os outros.

Lançando mão do exemplo da Física, Freud diz que o progresso do conhecimento não suporta nenhuma rigidez das definições. Para ele, os ‘*conceitos fundamentais*’ fixados nas definições sofrem uma eterna mudança de conteúdo, estão sendo constantemente alterados, experimentando modificações. As pulsões vêm sendo estudadas desde há mais de vinte anos, e, ainda assim, para Freud, este conceito requer maior elucidação. Enfatiza que nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa por definições precisas, e iniciam-se na descrição dos fenômenos, que serão agrupados, ordenados, classificados, e relacionados entre si.

Na própria descrição se faz inevitável aplicar ao material determinadas idéias abstratas (*abstrakte Ideen*), de diversos setores, e não só das novas observações, do novo conjunto de fenômenos descritos. Tais idéias resultarão imprescindíveis, e serão os conceitos fundamentais da ciência, na medida da maior elaboração da matéria.

De início, apresentarão um certo grau de indeterminação, de indefinição, sem uma clara delimitação do seu conteúdo. Depois de consideradas, as idéias apresentarão o caráter de convenções (*den Charakter von Konventionen*), para daí surgirem os conceitos fundamentais. Para Freud, o conceito fundamental de pulsão é um conceito desta espécie, que não se pode prescindir em psicologia, e que será abordado por ele de vários ângulos.

Da fisiologia veio o conceito de estímulo, do esquema reflexo numa ação que tem como finalidade retirar a substância da influência do estímulo, de afastá-la do seu âmbito de ação. Comparar a pulsão ao estímulo, fazer esta analogia, equivale a dizer que a pulsão seria um estímulo (*Reiz*) para o psíquico. Mas, o estímulo pulsional (*Triebreize*)⁸³ não procede do mundo exterior, e sim do interior do organismo, atuando diferentemente sobre o psiquismo, e diferentes ações tornam-se necessárias para removê-lo.

⁸² FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), p.137. In: Band III, p. 81.

⁸³ *Ibid.*, p.138. In: Band III, p. 82.

Do ponto de vista dinâmico, a pulsão nunca age como uma força motora momentânea senão, sempre, como uma força constante (*konstante Kraft*),⁸⁴ vinda não do mundo externo, a partir de fora, e sim do interior do corpo, sendo a fuga ineficaz contra esta força da pulsão. O estímulo pulsional fica melhor comparado a uma necessidade (*Bedürfnis*), uma carência, e, para Freud, sua extinção é a satisfação (*Befriedigung*) que só pode ser conseguida através de uma adequada modificação na fonte interna do estímulo, da pulsão.

Existem estímulos do mundo exterior contra os quais se pode fugir, mediante uma ação muscular, e outras contra as quais resulta ineficaz tal ação, por serem de ordem interna e que conservam seu caráter constante de pressa, de urgência, de pressão (*drängenden*).

Estes estímulos, estas excitações, colocam exigências muito mais elevadas ao sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e relacionadas entre si, de forma a proporcionar satisfação à fonte de excitação interna.

Logo, em sua essência, a pulsão tem como característica principal ter a origem da fonte de estímulo no interior do organismo, surgir como uma força, uma energia constante, além de ter como propriedade a sua resistência a ação de fuga, e vê-se a inadequação da sua comparação ao simples esquema reflexo fisiológico, que a pulsão subverte, pois os estímulos pulsionais não são satisfeitos por nenhum daqueles outros mecanismos.

As pulsões são precipitados, sedimentos, pelo menos em parte, dos efeitos do estímulo externo que no decorrer da filogênese ocasionaram modificações na substância viva.

Desse modo, a atividade do aparelho psíquico, mais desenvolvido, está sujeita ao princípio de prazer, ou seja, ela é regulada por sensações pertencentes à série prazer-desprazer, e refletem a maneira pela qual o processo de dominação, de controle, dos estímulos se verifica, no sentido em que as sensações de desprazer estão ligadas a um aumento, e as de prazer a uma diminuição do estímulo.

A pulsão recebe de Freud uma de suas definições:

Para a vida psíquica (*Seelenlebens*), considerada de um ponto de vista biológico, a pulsão nos aparece como um conceito limite (*Grenzbegriff*) entre o psíquico e o somático, sendo a pulsão como representante psíquico dos estímulos que se originam no interior do corpo e alcançam o psíquico, como uma medida de exigência de esforço que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corporal (*Körperlichen*).⁸⁵

⁸⁴ Ibid., p.138. In: Band III, p. 82.

⁸⁵ Ibid., p.142. In: Band III, p. 85.

São quatro os termos referidos por Freud ao conceito de pulsão (*Begriffe Trieb*): o impulso, o alvo, o objeto e a fonte das pulsões.

Por impulso (*Drang*) da pulsão, seu ímpeto, pressão, impulsão, Freud entende o seu aspecto motor, a soma de forças ou a quantidade de exigência de trabalho que ele, o impulso, representa.⁸⁶

A característica impulsiva de exercer pressão é comum às pulsões, uma qualidade que constitui a sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade, e ao se falar em pulsões passivas diz-se das pulsões com fins passivos.

O alvo (*Ziel*) da pulsão, seu objetivo, meta, ou finalidade, é sempre a satisfação que só pode ser alcançada pela abolição, supressão (*Aufhebung*) do estado de estímulo na fonte da pulsão.

Embora a meta última seja invariável, a de obter satisfação, pode haver diferentes caminhos que conduzam ao mesmo objetivo, de maneira que uma pulsão pode possuir várias metas mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas entre si.

Dependendo do destino de uma pulsão, o seu alvo pode se transformar, e a mudança de alvo pode implicar uma mudança de objeto. Há pulsões que são ‘inibidas em seu alvo’ (*zielgehemmten*) ou desviadas no sentido da sua satisfação, sempre parcial.

O objeto (*Objekt*)⁸⁷ da pulsão é aquele em relação ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar a sua meta, seu alvo, segundo Freud.

O objeto é o elemento que há de mais variável na pulsão e, originalmente, não está ligado a ela, só lhe sendo destinada por ser adequado a tornar possível à satisfação. Pode não ser um objeto estranho, externo, e mesmo uma parte do próprio corpo.

O objeto da pulsão pode ser modificado, trocado, quantas vezes for preciso no decorrer dos destinos da vida da pulsão, sendo que esse deslocamento da pulsão desempenha papéis importantes.

Pode ainda acontecer que o mesmo objeto sirva para a satisfação de várias pulsões simultaneamente, e uma ligação mais estreita da pulsão com o seu objeto se distingue pelo termo ‘fixação’, que, quase sempre, se realiza em períodos precoces do desenvolvimento da pulsão e que põe fim à mobilidade, a agilidade da pulsão que resiste, pelo recurso da fixação, à separação do objeto, ao seu descolamento dele.

⁸⁶ Ibid., p.142. In: Band III, p. 85.

⁸⁷ Ibid., p.143. In: Band III, p. 86.

Lacan equivale o objeto da pulsão ao objeto do desejo,

(...) o objeto do desejo é a causa do desejo, e esse objeto causa do desejo é o objeto da pulsão – quer dizer, o objeto em torno do qual gira a pulsão. (...) Não é que o desejo se prenda ao objeto da pulsão – o desejo faz seu contorno, na medida em que é dele que se trata na pulsão.⁸⁸

A fonte (*Quelle*) da pulsão é a zona erógena, a zona de borda do corpo, ou seja, o processo somático que ocorre num órgão, ou parte do corpo cujo estímulo é representado na vida psíquica por um representante da representação da pulsão.

Freud desconhece se este processo é sempre de natureza (*Natur*) química ou pode corresponder também à liberação de outras forças, por exemplo, mecânicas.⁸⁹

Ainda que o fato de nascer de fontes somáticas seja o decisivo para a pulsão, ela não se nos dá a conhecer na vida psíquica senão por seus fins, seus alvos, ou seja, embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática, na vida mental a conhecemos apenas por seus alvos, suas finalidades, da qual a fonte pode ser inferida, e a sua natureza seria a de que as pulsões não possuem em si qualidade alguma, devendo-se considerá-las tão só como quantidades de exigências de trabalho à vida psíquica.

Freud admite que todas as pulsões são qualitativamente iguais e devem seu efeito à intensidade da excitação que causam, ou ainda, a certas funções desta quantidade. O que diferencia as realizações psíquicas das pulsões individuais entre si é a diversidade das fontes pulsionais. Assim, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal que geraria um estado de tensão, e o alvo pulsional é suprimir a excitação na fonte da pulsão.

Quantas pulsões existem e quais são?

Por esta época, as pulsões originais (*Urtrieben*) continuam a ser distinguidas em dois grupos: as pulsões do eu ou de autoconservação, e as pulsões sexuais.

Como se já antevendo o que ocorreria cinco anos depois, Freud diz ser a sua teoria uma construção auxiliar (*Hilfskonstruktion*) que só manterá enquanto ela lhe seja útil e cuja substituição por outra modificará muito pouco os resultados do seu trabalho descritivo e ordenador. Possivelmente, admite, uma análise mais penetrante de algumas afecções mentais o obrigue a uma modificação desta fórmula, e com ela, um distinto agrupamento, uma outra classificação das pulsões, concluindo que na raiz da histeria e da neurose obsessiva existe um conflito entre as aspirações da sexualidade e as do eu.

⁸⁸ LACAN, Jacques. *O Seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964), p. 229.

⁸⁹ FREUD, Sigmund *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), p.144, In: Band III, p. 86.

As pulsões sexuais, em geral são muito numerosas,⁹⁰ procedem de múltiplas e diversas fontes orgânicas, agem, em princípio, independentemente umas das outras e só numa etapa posterior se reúnem em uma síntese mais ou menos completa, cuja finalidade almejada é alcançar o prazer do órgão. As pulsões sexuais apóiam-se, inicialmente, nas pulsões de autoconservação das quais gradualmente se separam seguindo o caminho do objeto que as pulsões do eu lhes mostram, ou seja, são as pulsões de autoconservação que indicam à sexualidade o caminho do objeto. As pulsões sexuais distinguem-se pela facilidade com que se substituem umas às outras, e pela capacidade de trocaram de objetos, sendo capazes de realizações distantes de direções originais, ou seja, são capazes de sublimação.

1.5.1 As principais características da pulsão

Os estudiosos da psicanálise sempre se debruçam sobre o conceito de pulsão, seja para confirmá-lo, fazendo-o avançar, complementando-o, desmontando-o, remontando-o, ou para se contrapor a ele, criticá-lo, desconstruí-lo, chamando a atenção para pontos importantes, ressaltando-os, como neste artigo que considera o que Freud diz, buscando identificar as dificuldades encontradas sobre os principais caracteres da pulsão:

- 1) a natureza das pulsões. 2) o número das pulsões. 3) a dinâmica das pulsões. 4) o acesso ao objeto. 5) as metas. 6) as leis das pulsões. 7) as relações entre as pulsões. 8) a trajetória das pulsões. 9) as pulsões e a moral. 10) o status epistemológico da teoria das pulsões.⁹¹

Algumas destas características das pulsões foram retomadas de Freud por Loparic:

1) *A natureza das pulsões.* As pulsões são representadas na consciência pelos afetos vinculados a representações de objetos desses afetos. Freud hesita sem decidir se elas são entidades físicas (ou químicas ou fisiológicas) ou psíquicas. “*Tampouco chega a uma posição definitiva quanto a sua fonte última (se esta é o corpo, a psique, o universo)*”.⁹²

2) *O número das pulsões.* Freud insiste na tese da existência de duas pulsões básicas, ou dois grupos delas, em conflito entre si, e, deste dualismo, e do antagonismo pulsi-

⁹⁰ Ibid., p.146. In: Band III, p. 87.

⁹¹ LOPARIC, Zeljko. *O Conceito De Trieb na Psicanálise e na Filosofia.* In: Machado (org.) pp. 97-157, 1999.

⁹² Ibid., p. 103. Estes itens, e o próprio teor do texto, alguns resumidos, são *ipsis litteris* do autor.

onal, nunca abrirá mão, mas hesitará no modo de agrupar as pulsões em dois grupos antagônicos, e, num primeiro agrupamento, de 1915, as pulsões libidinais estão em conflito com as de preservação individual, no outro, em 1920, as pulsões libidinais e as de autoconservação se opõem às pulsões agressivas.

3) *A dinâmica das pulsões*. Para Loparic, o conceito de pulsão em Freud remete, em primeiro lugar, ao conceito de força: as pulsões agem como forças, não como forças de choque momentâneas, mas sempre como força constante. O caráter de força da pulsão é também sublinhado na análise da sua pressão ou ímpeto, o caráter motor, a soma de forças [*die Summe von Kraft*] ou a medida de exigência de trabalho que a pulsão representa, mas, esta pressão é pensada como efeito de uma quantidade de energia, conceito não vetorial distinto da força, pelo menos na física.

4) *O acesso ao objeto*. Lembra o autor que em 1915, a pulsão é definida como pressão em direção de um objeto, para atingir uma meta, sendo que o objeto de uma pulsão é dado na representação tipicamente na percepção ou na fantasia. As pulsões são ditas diferentes dos instintos tal como concebidos pela ciência biológica, na medida em que seus objetos podem ser determinados também pelas representações produzidas pela fantasia. Em 1920, com a pulsão de morte que visa um algo que não pode ser dado por nenhuma representação (percepção, fantasia ou conceito), essa concepção entrará em crise. A pulsão de morte é dita trabalhar silenciosa e secretamente, e, por isso, “a nossa própria morte não é representável nem na nossa consciência nem no nosso inconsciente”.⁹³

5) *As metas*. Em 1915, a meta geral das pulsões é a diminuição da quantidade da excitação até um valor constante, o prazer, em termos fenomenais. O autor refere-se aos aumentos da excitação que podem também ser prazerosos, como constata Freud em 1924, e a diminuição da quantidade da excitação até uma constante, de acordo com o princípio do prazer, não pode ser considerada a única meta das pulsões. Uma complicação adicional: a meta da pulsão de morte deve ser pensada como excitação zero, estado que não parece poder ser assinalado nem pelo prazer nem pelo desprazer.

6) *As leis das pulsões*. A razão principal pela qual a psicanálise permanecia sob a suspeita de carecer de caráter científico foi que essas leis nunca foram explicitadas.

7) *As relações entre as pulsões*. Basicamente, a mistura e o conflito. Para o autor, Freud nunca deu qualquer regra de composição para as forças pulsionais, em nenhum desses dois casos. Freud costuma falar em conflito entre as pulsões do ego e as do id e entre as pul-

⁹³ Ibid., p. 104.

sões do superego e as do id, e, para Loparic, a dificuldade de seguir Freud aumenta por conta do fato de que Freud não tinha clareza sobre a relação entre as pulsões e o aparelho psíquico, as instâncias psíquicas.⁹⁴

8) *Os caminhos das pulsões*. Da fonte até o objeto as pulsões percorrem caminhos que podem ser ditos lineares e progressivos, e só recuam, regridem, quando reprimidas. Na segunda fase, segundo Loparic, Freud passa a conceber toda e qualquer pulsão como circular, repetitiva, segundo o modelo da pulsão de morte que é regressiva por definição.

9) *As pulsões e a moral*. Freud hesita entre criticar a moral por reprimir a libido, causando neuroses, e aprovar a repressão por civilizar o ser humano. Uma profissão de fé no processo de racionalização pode ser lida no seu dito: “O Eu deve surgir no lugar do id”.

É citada a tentativa freudiana de conectar o destino das pulsões com o processo de moralização do homem na tese de que o imperativo categórico de Kant é uma herança direta do complexo de Édipo. Para Loparic, nem sempre fica claro se Freud é um teórico do progresso pela “ditadura da razão”, no estilo iluminista, ou “um resignado observador da eterna oposição cósmica entre a construção e a destruição, entre Deus e Diabo”.⁹⁵

10) *O status epistemológico da teoria das pulsões*. É afirmado que, em muitos textos, Freud não deixa dúvida quanto ao caráter científico da metapsicologia das pulsões, chegando a propor as pulsões como “construções auxiliares”, do tipo científico, outras vezes a chama de mitos e mesmo de instrumentos de bruxaria: “Freud não só ficou preso à metafísica da modernidade como está longe de ter desmitologizado a psicanálise”.⁹⁶

Loparic, filósofo, psicanalista, estudioso da obra de Heidegger e de Winnicott, ressalta, contudo, que desconstruir um conceito, como Heidegger o fez com o *Trieb* freudiano, não é o mesmo que anulá-lo, consistindo em remetê-lo a seu lugar de origem, como se fosse um sintoma. A crença é a de que é dessa herança metafísica que o conceito de pulsão e de força de Freud recebe o seu pleno significado, o seu poder, e o seu caráter problemático.⁹⁷

A frase de Freud no *Além do Princípio do Prazer* é citada, a de que ‘nenhum conhecimento é mais importante para a fundamentação de uma psicologia correta do que o das pulsões (*Triebe*)’, quando afirma que a necessidade que Freud tinha de encontrar um conceito de pulsão bem articulado e fundado era de natureza essencialmente metodológica, e mesmo metafísica, e não empírica ou clínica, ao mesmo tempo em que diz que o caráter em-

⁹⁴ Ibid., p. 105.

⁹⁵ Ibid., p. 106.

⁹⁶ Ibid., p. 106.

⁹⁷ Ibid., p. 99

blemático das pulsões deve ser entendido a partir do método empregado por Freud no estudo dos distúrbios da vida humana revelados na sua clínica, revelando Loparic, aí, uma aparente contradição. A propósito da psicanálise e do seu método:

Psicanálise é o nome: 1º. De um método para a investigação de processos psíquicos inacessíveis de outro modo. 2º. De um método terapêutico de distúrbios neuróticos baseado em tal investigação e, 3º. De uma série de conhecimentos psicológicos assim adquiridos, que vão constituindo, paulatinamente, uma nova disciplina científica.⁹⁸

Teria Freud ficado preso à metafísica da modernidade como afirma Loparic?

Levando em conta esta e outras concepções, é importante considerar que Freud, introduzindo a psicanálise como uma nova ciência, e definindo-a como a ciência do inconsciente, propôs que, quando tivéssemos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos “dinâmico, topográfico e econômico passaríamos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica”.⁹⁹

Strachey afirma que Freud não estabeleceu ‘nenhuma mera entidade metafísica’, pois, o que Freud fez, ao estabelecer o inconsciente, vale aqui ressaltar, as leis que o regem, foi, “por assim dizer, revestir a entidade metafísica de carne e sangue”.¹⁰⁰

Garcia-Roza, na mesma direção, lembra que mediada pela ‘desnaturalização’ do corpo pela pulsão, a relação sujeito-objeto na psicanálise difere de qualquer outra relação já formulada, e, que “por faltar um objeto absoluto que satisfaça à pulsão, Freud impõe esta marca antimetafísica da psicanálise”.¹⁰¹

Castoriadis, que discordou também de algumas das idéias de Lacan e de Freud, como a de que não há mais nem menos ‘mistério’ no gozo feminino que no masculino, diz reconhecer as dificuldades enormes de se dizer ‘ciência’ a teoria psicanalítica, cujo objeto é a psique, e, que por trás de toda ciência há uma metafísica implícita ou explícita, entretanto,

Descoberta e criação revolucionária, a psicanálise emerge num momento preciso da história e da sociedade ocidentais. Nasce em e a partir de um quadro metafísico, ideológico, político dado – ao mesmo tempo por meio dele e de encontro a ele.¹⁰²

⁹⁸ FREUD, S. *Dois Verbetes de Enciclopédia* (1923[1922]), p. 287.

⁹⁹ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente* (1915), p. 208.

¹⁰⁰ STRACHEY. *Nota do Editor Inglês - O Inconsciente*, p. 188.

¹⁰¹ GARCIA-ROZA. *O Mal radical em Freud*. p. 64.

¹⁰² CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto*, p. 124.

Por outro lado, Lou Salomé declara, numa carta a Freud, que foi seguindo os passos de Freud que o consciente se lhe revelou como provido dos sentidos e do valor a que ela aspirava inconscientemente. Citando também, como Loparic, o *Mais Além do Princípio do Prazer*, afirma que os argumentos de Freud tornaram ‘caduco o além suposto pela metafísica’:

Nós creditamos toda obra de arte por impressões que não podemos receber de nenhuma realidade exterior e que, entretanto, nos comunicam alguma coisa que não é somente fruto da subjetividade, mas que parece ter sido estabelecida objetivamente. Está aí, justamente, o que, nos sistemas filosóficos, faz com que se eleve a “estética” até as esferas da metafísica; a partir do mundo supra-sensível, restitui-se aos meios de representação reais – aos quais a arte deve servir – a significação necessária que faltava a seu sentido original. Se eu digo que esta intenção secreta de toda metafísica me parece retificada, mas, também, de uma certa maneira – ainda que seja no sentido contrário – satisfeita pela psicanálise, não fique desconfiado, como se eu quisesse fazer a psicanálise endossar alguma coisa que ela não está absolutamente disposta a tolerar. Eu confesso que, para mim, é magnífico fazer-lhe, ao senhor, endossar isso, porque é fruto de seus próprios argumentos, tal como o senhor o expôs a nós, há já dez anos, em “Mais Além do Princípio do Prazer”, que, colhendo no mais alguém, tornam caduco o além suposto pela metafísica.¹⁰³

Consideramos que esta não é uma questão simples, posto que Freud sempre levou em conta o saber filosófico, e Lou Salomé como amiga e a eleita de Nietzsche, e discípula de Freud, sabia disso. Freud sempre considerou as idéias de importantes filósofos, citando-os em diversos artigos e passagens da sua obra, levando alguns psicanalistas e estudiosos a concordarem em haver uma metafísica implícita em Freud, e no seu conceito de pulsão.

Interessa-nos pesquisar o conceito de pulsão, e de instinto, na psicanálise e na filosofia em um estudo futuro, mas, por hora, o que podemos afirmar é que este conceito, designado como tal por Freud, faz parte da sua psicanálise, portanto da sua metapsicologia, a que vai mais além da psicologia, e segundo Salomé, a que torna caduca a metafísica.

Vale lembrar ainda que o artigo metapsicológico de Freud que veremos a seguir, do qual destacamos pontos importantes para o nosso propósito sobre as ‘*Pulsões e seus destinos*’, recebeu de Lacan, na ‘*Introdução do Entwurf*’, no seu seminário dois, segunda página, o seguinte comentário: “Diz-se que Freud não é um filósofo. Vá lá, mas não conheço texto sobre a elaboração científica que seja mais profundamente filosófico”.

¹⁰³ SALOMÉ-ANDREAS, Lou. *Carta aberta a Freud (1930)*, pp. 101-102. In: Das ‘Zweideutige’ Lächeln der Erotik. *Texte zur Psychoanalyse, Mein Danke an Freud*, p. 297.

Capítulo 2 – As Pulsões e seus Destinos

Acompanhamos as teorizações sobre as pulsões, no capítulo anterior, procedendo a uma análise deste conceito, suas principais características, seus termos, as instâncias do aparelho psíquico e as relações entre os sistemas, e nos detivemos no dualismo pulsional inicial da primeira tópica, nas fases da organização da libido, do desejo, da sexualidade, na concepção do eu enquanto narcísico, e nas considerações que resultaram deste estudo.

Como vimos, Freud definiu em quatro os termos da pulsão: o impulso, o alvo, o objeto e a fonte da pulsão, e também passa a enumerar em quatro os principais destinos pelos quais as pulsões podem passar ao longo do desenvolvimento e da vida:

- A inversão (*Die Verkehrung*) da pulsão ao seu contrário.
- A volta (*Die Wendung*) da pulsão contra a própria pessoa.
- O recalque (*Die Verdrängung*) da pulsão.
- A sublimação (*Die Sublimierung*) da pulsão.¹⁰⁴

Estes destinos pelos quais a pulsão poderá estar sujeita são modalidades de defesa erguidas contra ela, forças psíquicas que lançarão mão do recurso do recalque e da sublimação para mais tarde impedir o livre curso da pulsão, barreiras subjetivas que restringem seu fluxo – a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais – como escrito nos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’.

Assim, um impulso da pulsão pode ter o destino de tropeçar em certas resistências que procuram torná-lo inoperante, despojando-o de sua eficácia.

No caso de haver recalque do representante da pulsão, a pulsão passa ao estado de recalque. O recalque não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início, pelo contrário, “o recalque só pode surgir depois de ter ocorrido uma separação marcante entre a atividade psíquica consciente e a inconsciente”.¹⁰⁵

Os outros destinos pulsionais - a transformação da pulsão no seu contrário e a orientação, ou o retorno, contra a própria pessoa – também teriam a tarefa de defesa contra a pulsão. Os destinos das pulsões consistem, essencialmente, em que elas sejam submetidas às influências das três grandes polaridades que dominam a vida psíquica, que Freud descreve como sendo: a atividade-passividade como a biológica, a do eu – meio ambiente como real, e a do prazer-desprazer como a polaridade econômica.

¹⁰⁴ FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), p.147. In: Band III, p. 90.

¹⁰⁵ FREUD, Sigmund. *O Recalque* (1915), p.170. In: Band III, p. 108.

Segundo Lacan, tudo o que Freud diz do amor vai acentuar essa estrutura dividida em três níveis, do real, do econômico e do biológico, e as oposições que aí se correspondem são triplas: no real é o que interessa e o que é indiferente, no plano econômico o que dá prazer e o que dá desprazer. É somente no nível do biológico que a oposição atividade-passividade se apresenta “em sua forma própria, a única válida quanto a seu sentido gramatical, a posição amar - ser amado”.¹⁰⁶ Lembremo-nos que as pulsões têm a sua gramática, voz ativa, passiva.

Freud considera o sujeito e a sua relação de objeto, ou seja, o sujeito e o outro, e, é na mediação com um outro, na alteridade, que a gramática pulsional opera, sujeito (eu) – objeto, e o que pode ser realizado da função da pulsão na relação com um outro, e com o Outro, o grande outro – linguagem, e na relação subjetiva do próprio eu consigo mesmo.

O destino da inversão da pulsão em seu contrário, em seu oposto, comporta dois processos: uma mudança da atividade para a passividade e uma inversão no conteúdo.

A mudança da atividade para a passividade é exemplificada nos pares de opostos sadismo-masochismo, e no voyeurismo-exibicionismo. A inversão diz respeito apenas às finalidades da pulsão, para a finalidade ativa (torturar, observar) contrapõe-se a finalidade passiva (ser torturado, ser observado). Assim, a meta ativa ‘atormentar-olhar’ é substituída pela passiva ‘ser atormentado-ser olhado’. O processo da mudança de uma pulsão da atividade à passividade se dá nos pares de opostos ‘sadismo-masochismo’ e no ‘prazer de ver - exibicionismo’. A inversão no conteúdo encontra-se na transformação do amor em ódio.

O retorno da pulsão sobre a própria pessoa fica exemplificado nos dois pares de opostos sadismo-masochismo e no prazer de ver-exibicionismo, e o masochismo não é senão um sadismo dirigido de volta contra o próprio eu, sendo que a exibição é a contemplação do próprio corpo. Portanto, a finalidade da pulsão não se alterou, e o essencial no processo foi a mudança de objeto. Pode-se observar que a volta da pulsão contra a própria pessoa e a mudança da atividade para a passividade encontram-se ou coincidem nos exemplos dados.

No par de contrário sadismo-masochismo, o sadismo consiste em uma atividade violenta de poder contra uma outra pessoa como objeto, sendo este objeto abandonado e substituído pela própria pessoa. Com esta volta contra si a finalidade ativa transforma-se em passiva. O masochista alcança um gozo ativo da agressão a sua própria pessoa e o exibicionista um gozo resultante da nudez do seu corpo. A fantasia tem importância em tais processos, e nas pulsões sádicas (*sadistischen Triebes*) a finalidade bem específica é não só humilhar e dominar, mas, além disso, infligir dor, física, e moral.

¹⁰⁶ LACAN, Jacques. *Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 180.

Os dois pares de pulsões opostas, sadismo-masoquismo e o prazer de ver-exibicionismo, atuam autoeroticamente, e, segundo Freud, o papel da fonte da pulsão decide da sua atividade e da passividade.

A mudança de uma pulsão em seu contrário é observada na conversão do amor em ódio, ou do ódio em amor, e estes dois sentimentos quase sempre aparecem dirigidos para um só e mesmo objeto, e esta coexistência é exemplo importante da ambivalência.¹⁰⁷

O amor e o ódio não são considerados ‘pulsões’ e Freud reluta em pensar no amor como sendo uma espécie de pulsão parcial específica da sexualidade, da mesma forma das outras que vem examinando, preferindo colocar as pulsões parciais de um lado, e do outro o amor, vendo no amor a expressão da tendência do sentimento. O amor admite três opostos. Além da antítese ‘amar-odiar’, existe o ‘amar - ser amado’ que corresponde à transformação da atividade em passividade e pode ser referida uma situação fundamental, a de *amar-se a si mesmo*, característica do narcisismo.

Conforme o objeto ou o sujeito possam ser substituídos por outrem, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado. Assim, a vida mental é regida, em geral, por três polaridades: Sujeito (Eu) - Objeto (Mundo Externo).

Prazer-Desprazer;

Ativo-Passivo.¹⁰⁸

A oposição eu - não eu, ou seja, sujeito (eu) – objeto (não eu), em outros termos, o que se situa em mim e o que se situa fora de mim, eu sujeito – não eu objeto externo, acontece desde muito cedo, e é imposta ao indivíduo através da experiência de que ele pode silenciar os estímulos externos através de sua ação muscular, mas contra os estímulos pulsionais acha-se indefeso. A relação do eu com o mundo externo é passiva na medida em que o eu recebe estímulos do exterior, e ativa, quando reage a eles. Frente ao mundo, o sujeito é coagido a uma atividade através de suas pulsões, de modo que se pode dizer que o Sujeito–Eu (*Ich-Subjekt*) é passivo diante dos estímulos externos, e ativo por suas próprias pulsões.

A oposição atividade-passividade funde-se, mais tarde, com a de masculinidade-feminilidade, e há ligação da atividade com a masculinidade e o da passividade com o da feminilidade. A polaridade prazer – desprazer é acompanhada de uma série de sentimentos e varia conforme a qualidade da sensação na determinação das ações, sendo que as três polaridades psíquicas sofrem significativas ligações entre si.

O dualismo entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais permanece, e Freud ressal-

¹⁰⁷ FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), p.154. In: Band III, p. 95.

¹⁰⁸ Ibid., p.155. In: Band III, p. 96.

ta que o eu odeia, detesta e persegue, com intenção de destruir, os objetos que constituem uma fonte de desprazer para ele, que significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação das necessidades de conservação. Nesta perspectiva, considerado na relação de objeto, o ódio é mais antigo que o amor, sendo que o verdadeiro protótipo da relação de ódio não procede da vida sexual, mas da luta do eu por preservar-se e manter-se.

As palavras ‘amor’ e ‘ódio’ não são utilizadas para a relação das pulsões com os seus objetos, mas reservadas para as relações do eu para com os objetos, e Freud chama a atenção, neste artigo, para os usos sempre tão significativos da linguagem, pois o uso lingüístico mostra uma nova limitação da significação do amor e do ódio.

Dos objetos que servem a conservação do eu, os alimentos, se diz da precisão deles por meio de palavras expressivas como o apreciar, gostar, e não se diz que os ama,

a palavra ‘amar’, se inscreve, cada vez mais, na esfera da pura relação de prazer entre o eu e o objeto e se fixa, por último, aos objetos estritamente sexuais e àqueles que satisfazem as carências das pulsões sexuais sublimadas. A separação das pulsões do eu das pulsões sexuais, que temos imposto a nossa psicologia, demonstra assim achar-se em conformidade com o espírito (*Geiste*) de nossa linguagem (*Sprache*).¹⁰⁹

Os dois pólos são designados usando o verbo ver e ser visto, atormentar e ser atormentado e, para Freud, parte alguma desse percurso pode ser separada de seu vaivém - de fusões e defusões das pulsões - de sua reversão fundamental, do caráter circular do percurso da pulsão, a ponto de Lacan dizer que Freud introduz a pulsão numa via das mais tradicionais,

fazendo uso a todo o momento dos recursos da língua, e não hesitando em se fundar em algo que só tem pertinência a certos sistemas lingüísticos, as três vias, ativas, passivas, e reflexivas. Não é apenas um invólucro. Devemos ver que uma coisa é essa reversão significante, outra coisa é isso com que ele a veste. O que é fundamental, no nível da cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura.¹¹⁰

Considerado historicamente em sua origem, e nas relações amorosas, o amor permite compreender sua freqüente ambivalência, ou seja, a circunstância do amor aparecer acompanhado do sentimento de ódio, amor-ódio, orientados contra o mesmo objeto:

¹⁰⁹ Ibid., p.159. In: Band III, p. 100.

¹¹⁰ LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 168.

O ódio mesclado ao amor provém em parte das fases preliminares do amor não superadas inteiramente, e em parte, de reações de repulsa às pulsões do eu, as quais, em vista dos freqüentes conflitos entre os interesses do eu e os do amor, podem encontrar fundamentos em motivos reais e atuais. Em ambos os casos o ódio mesclado ao amor tem como fonte as pulsões de autoconservação.¹¹¹

O amor e o ódio que se nos apresentam como opostos não se encontram em uma relação simples um com o outro, têm diferentes origens, cada um atravessou seu próprio desenvolvimento, seu próprio percurso, antes de formarem oposições sob a influência da relação de prazer e desprazer. O amor surge da capacidade do eu de satisfazer uma parte de suas excitações pulsionais autoeroticamente, e o amor, originalmente narcisista, expande-se aos objetos exprimindo o esforço motor por esses objetos como fonte de prazer.

Quando uma relação amorosa com um dado objeto se rompe, não causa estranheza ver surgir o ódio em lugar do amor, de modo que fica uma impressão de uma transformação do amor em ódio, e, em tal caso, o ódio é reforçado pela regressão do amor à fase preliminar sádica, sendo que o ódio adquire um caráter erótico, ficando assegurada a continuidade de uma relação de amor, mesmo mesclada com o ódio.

A terceira oposição do amor, a transformação do amar em ser amado corresponde à influência da polarização de atividade em passividade. A articulação da pulsão com a atividade-passividade é puramente gramatical, ela é suporte, artifício, que Freud emprega para nos fazer sacar o que está em jogo no movimento pulsional.

Fazer-se ver, e o se fazer ouvir, ou o se fazer papar, das fantasias de devoração da pulsão oral, implica atividade, e é distinguido o campo pulsional, de uma parte, e o campo narcísico do amor, de outra parte, e, no nível do amor, há reciprocidade entre o amar e o ser amado, e, no outro campo, trata-se de uma pura atividade para o sujeito.

Sendo assim, mesmo em sua pretensa fase passiva, o exercício de uma “pulsão masoquista, por exemplo, exige que o masoquista, se ousar me exprimir assim, trabalhe feito um burro.”¹¹²

Os destinos pulsionais tais como a reversão a seu oposto, retorno em direção a própria pessoa, o recalque, e a sublimação, consistem, essencialmente, no fato de que as excitações pulsionais sofrem as influências, como já visto, das três grandes polaridades da vida psíquica: sujeito(eu) – objeto; prazer-desprazer; atividade – passividade.

¹¹¹ FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), p.161. In: Band III, p. 101.

¹¹² LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 189.

2.1 Um destino da pulsão: o recalque (*Die Verdrängung*)

Freud escreve um artigo exclusivo sobre o recalque, e inicia por dizer que “um dos destinos que um impulso ou movimento da pulsão (*Triebregung*) pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante”,¹¹³ sendo o impulso recalçado.

Quando o estímulo (*Reizes* [excitação, sensação]) é externo a fuga é um método apropriado, mas, para a pulsão a fuga é ineficaz posto que o eu (*Ich*) não pode escapar de si mesmo. Mas o sujeito pode rejeitar, por outro método, um impulso da pulsão pelo seu ‘juízo de condenação’, e o recalque seria algo entre a fuga e a condenação.

A essência do recalque consiste em afastar determinados conteúdos mantendo-os distante do consciente, sendo o recalque um destino pulsional específico da neurose. A neurose obsessiva ilustra o que se deve considerar como sendo o representante pulsional passível de recalque, quer se trate de uma tendência libidinal ou hostil, seja de amor, ou de ódio, e esta neurose, tendo por base uma regressão, faz com que uma tendência sádica seja substituída por uma afetiva, e, neste caso, é o impulso hostil contra alguém amado que se acha sujeito ao recalque, e esta hostilidade dirigida à pessoa amada não permanece recalçada havendo um retorno sintomático em forma de auto-recriminações, dentre outros sintomas obsessivos. O recalque fracassa também na fobia e, sem conseguir suprimir a angústia, substitui uma representação por outra. Na histeria, ao formar outros sintomas substitutos, o recalque elimina o quantum de afeto revelado na ‘bela indiferença histérica’.

Portanto, a pulsão em sua busca de satisfação defronta-se com resistências que tentam torná-la ineficaz, mas ela sempre se manifesta nas formações do inconsciente, especialmente nos sintomas que constituem um substituto para as satisfações pulsionais proibidas, havendo assim sofrimento e gozo no sintoma. O conflito se dá entre o eu consciente e a exigência da pulsão, e pelo juízo ou julgamento de condenação o sujeito, ao tomar consciência de um desejo proíbe-se a si mesmo de sua realização, por razões morais ou por motivos estéticos e éticos, rejeitando um impulso da pulsão intolerável sob a forma do juízo consciente de condenação, que difere do recalque, mas tem igual finalidade.

¹¹³ FREUD, Sigmund. O *Recalque* (1915), v. XIV, p. 169. In: *Die Verdrängung*, Band III, p. 107. A palavra *Triebregung* é traduzida aqui por impulso da pulsão, movimento pulsional, ou ainda manifestação da pulsão. A Standard traduz por impulso instintual. Outras traduções optam por moção pulsional. *Verdrängung*, como já visto, traduzimos por recalque, do recalcar das pulsões. Para *Unterdrückung*, e tantas outras palavras alemãs que denotam a supressão das pulsões, o suprimir, o reprimir, a repressão social, o coagir, o proibir, traduzimos cada uma de *per si*, na medida do possível.

Por que um impulso da pulsão teria um destino como o do recalque?

A condição necessária para que o recalque tenha ocorrido deve ter sido a de que a finalidade da pulsão produziria desprazer em vez de prazer.

Mas, como, se a satisfação de uma pulsão produz sempre prazer?

A satisfação de uma pulsão que se acha sob recalque teria sido bastante possível e prazerosa em si, embora irreconciliável com outros princípios, aspirações, reivindicações e intenções do psiquismo. O recalque surge do conflito entre as pulsões de autoconservação do eu e as outras pulsões, as sexuais, sendo que as pulsões do eu se submetem ao princípio de realidade e se sentem ameaçadas, em sua preservação, pelas pulsões sexuais.

O recalque causaria prazer em um lugar, em um sistema, e desprazer em outro, tornando-se condição para o recalque que o motivo do desprazer (*Unlustmotiv*) adquira um poder superior ao do prazer que seria produzido pela satisfação da pulsão.¹¹⁴

Entre os impulsos de desejos (*Wunschregung*) derivados da infância, que não podem ser destruídos ou inibidos, existem alguns cuja realização seria uma contradição em face de algumas representações do processo secundário, e a realização desses desejos já não mais geraria um efeito de prazer e sim de desprazer, e é precisamente esta transformação do afeto que constitui a essência daquilo que Freud chama de recalque.¹¹⁵

Existe um recalque primeiro, primário, (*Urverdrängung*), uma primeira fase do recalque, que consiste em negar entrada no consciente ao representante da representação da pulsão (*Vorstellungsrepräsentanz des Triebes*). Esta negativa produz uma fixação, e, a partir deste momento, o representante em questão perdura inalterado, sendo possível, depois deste primeiro recalque, o recalque de uma pressão posterior, a segunda fase do recalque, o recalque propriamente dito, que recai sobre os derivados psíquicos da representação recalçada, ou sobre a série de representações procedentes de fontes distintas, estabelecendo conexões associativas com eles. A ênfase deve ser dada ao empurrão, à repulsão, que atua vindo da direção do consciente sobre o que deve ser recalçado, mas também à atração exercida pelo que já foi primeiramente recalçado, duas forças que se complementam: a existência de algo previamente recalçado apto a receber o que é repellido pelo consciente.

Os destinos posteriores podem ser: ou a pulsão é inteiramente suprimida de modo a não se encontrar qualquer vestígio dela, ou se manifesta sob a forma de um afeto, ou a pulsão é transformada em angústia.

Freud, corrigindo o dito anterior, retoma as suas concepções sobre a angústia e as

¹¹⁴ Ibid., p. 161. In: *Die Verdrängung*, Band III, p. 108.

¹¹⁵ FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos sonhos* (1900), v.V, p. 642. In: Band II, p. 573.

pulsões básicas da vida mental com uma nova tese, a de que é o eu a única sede da angústia, e que apenas o eu pode produzir e sentir angústia, sendo a função da angústia um sinal que anuncia uma situação de perigo: “não era o recalque que criava a angústia, a angústia já existia antes, era a angústia que causava o recalque”.¹¹⁶

Considerando que os conteúdos inconscientes são indestrutíveis, o recalque não impede o representante da pulsão de perdurar no inconsciente, continuar organizando-se, criando ramificações, dando origem a derivados, estabelecendo ligações, e o recalque não só atua de uma maneira inteiramente individual, cada derivado do recalcado podendo ter seu próprio destino, como tem outra característica que é a de ter mobilidade, exigindo um gasto incessante de energia para o êxito do recalque, para manter no inconsciente a representação da pulsão recalcada e impedir a sua reparação no consciente, causando aumento de tensão, e, desprazer. Sabemos que o recalque deixa sintomas por trás de si, e o mecanismo do recalque só nos é acessível pelos resultados das formações de substitutos (*Ersatzbildung*).¹¹⁷

Portanto, não é o mecanismo do recalque que cria os sintomas, e sim o *retorno do recalcado*, mecanismo específico, um terceiro momento do recalque, depois do inacessível recalque primário, e do secundário, embora recalque e retorno do recalcado tenham algo em comum: uma retirada do investimento de energia, de libido, em se tratando das pulsões sexuais. Deste modo, o sintoma é um retorno do recalcado que se efetua por condensação, como uma metáfora, assim como as outras formações do inconsciente como os sonhos, os lapsos, os atos falhos, os esquecimentos, que fazem uso também dos deslocamentos, das metonímias. A psicanálise tem nos revelado que a essência do processo do recalque não consiste em suprimir e destruir uma idéia que representa a pulsão, senão em impedi-la de tornar-se consciente, e dizemos, então, com Freud, que dita idéia é inconsciente e, mesmo sendo inconsciente pode produzir determinados efeitos que acabam por chegar à consciência.

Outro destino na tarefa de defesa contra a pulsão é o processo de sublimação, mecanismo psíquico que difere do recalque, mas que, como ele, é um destino da pulsão.

O termo ‘sublimação’ foi adotado de Fliess, e o artigo de Freud escrito sobre a sublimação nunca foi encontrado, embora o mecanismo da sublimação encontra-se descrito em várias passagens ao longo da teoria, e esta noção vai ganhando o sentido psicanalítico que Freud reservava para ela. Abordaremos a noção de sublimação no terceiro capítulo.

¹¹⁶ FREUD, Sigmund. *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência 32. Angústia e Vida Pulsional* (1933[1932]), v. XXII, p.108.

¹¹⁷ FREUD, Sigmund. *O Recalque* (1915), v. X, p.178. In : *Die Verdrängung*, Band III, p. 114.

2.2 O Inconsciente, a sede das pulsões

Freud volta a lembrar que a tópica psíquica, a localização destes processos, refere-se às regiões do psiquismo e não a localidades anatômicas. Ressalta, contudo, que a investigação científica fornece provas irrefutáveis de que a atividade psíquica tem relação com a anatomia, está vinculada à função do cérebro como a nenhum outro órgão.¹¹⁸

As diferentes partes do cérebro e suas relações com partes específicas do corpo divergem em atividades mentais específicas, mas, todas as tentativas para descobrir, a partir daí, uma localização dos processos psíquicos, todos os esforços para conceber representações armazenadas em células, ou algo que o valha, têm fracassado redondamente.

Para Freud, a antítese ‘consciente’ e ‘inconsciente’ não se aplica à pulsão, só as representações das pulsões é que podem vir a ser conscientes ou inconscientes, e, neste sentido, vale lembrar que uma pulsão não pode nunca ser objeto da consciência, unicamente pode sê-lo a idéia que a representa, ou seja, o representante da representação da pulsão.

O inconsciente é constituído por conteúdos recalçados regidos pelo processo primário, ou seja, pelo mecanismo de condensação, pois, pela ação do recalçamento, estes conteúdos tiveram o acesso negado ao sistema pré-consciente-consciente.

Os conteúdos do inconsciente são os representantes das pulsões, e mesmo no consciente uma pulsão só pode achar-se representada, e se a pulsão não se ligar a uma representação (recordação, idéia, pensamento, fantasia, em suma, significante), nem se manifestar como um estado afetivo, nada poderemos saber sobre a pulsão.

Os impulsos recalçados referem-se aos impulsos da pulsão cujo representante da representação (*Vorstellungsrepräsentanz*) é inconsciente.¹¹⁹

E quanto aos sentimentos, emoções, afetos, eles podem ser inconscientes?

Se eles são da ordem do que é percebido não são inconscientes, pois faz parte da natureza de uma emoção o de se ter conhecimento dela, que ela se torne conhecida pela consciência, embora se fale de amor, ódio, e de raiva inconsciente, a ponto de se poder dizer do ‘sentimento inconsciente de culpa’. A representação destes sentimentos é que pode tornar-se inconsciente, por meio do recalque, pois, em sentido estrito, não existem afetos inconscientes. Os sentimentos e os afetos variam em qualidade e em quantidade e se eles desaparecem pode-se afirmar que os seus representantes foram recalçados, ocorrendo uma ruptura entre o

¹¹⁸ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente* (1915), v. XIV, p. 200. In: *Das Unbewusste*, Band III, p. 133.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 203. In: Band III, p.136.

afeto e a representação, cada um seguindo para o seu lado.

O recalque pode conseguir inibir um impulso da pulsão impedindo-o de se transformar numa manifestação de afeto, pois o sistema consciente normalmente controla não só a afetividade (*die Affektivität*) como também o acesso à motilidade, isto quando o psiquismo do indivíduo pode ser considerado normal, embora o domínio do consciente sobre o desenvolvimento dos afetos não seja sempre tão seguro, e, no caso da psicose, pode nem acontecer. Quando um afeto se associa a uma representação esta pode sofrer o recalque,

Mas pode muito bem existir no sistema inconsciente formações de afetos (*Affektbildungen*) que se tornam conscientes como as outras. Toda a diferença decorre do fato de que as representações são investidas – fundadas em marcas de memória – enquanto que os afetos e os sentimentos correspondem a processos de descarga cujas manifestações finais são percebidas como sensações.¹²⁰

A essência do processo do recalque da representação da pulsão, passando-a ao estado de inconsciente, não consiste em por fim, nem em destruí-la, senão em evitar, em impedir, que ela se torne consciente. Mas, mesmo inconscientes estas representações podem produzir determinados efeitos, e algumas podem chegar à consciência.

Todo o recalcado tem que permanecer inconsciente, mas o recalcado não forma, por si só, todo o conteúdo do inconsciente, cujo alcance é bem mais amplo, haja vista os conteúdos ‘transmitidos’ ao sujeito filogeneticamente, sendo o recalcado, portanto, uma parte do inconsciente. Como chegar ao conhecimento do inconsciente?

Só o conhecemos como algo consciente, depois que o material inconsciente sofreu uma mudança de lugar, uma transformação, uma tradução, pelas formações do inconsciente que, em sua linguagem, irrompem no consciente, como os lapsos de linguagem, as trocas de palavras nos atos falhos, as narrativas dos sonhos, e as metáforas dos sintomas, posto que do inconsciente em si, resta o inapreensível.

Desta forma o inconsciente se manifesta na vida cotidiana, se abre e se fecha, deixando-se mostrar em suas formações já bem conhecidas, sobretudo nas formações de compromissos das diversas manifestações sintomáticas.

Para ser possível uma tradução de determinados conteúdos para o consciente é necessário que se vença, se supere, determinadas resistências, as mesmas resistências que, anteriormente, recalcam o material em questão, rejeitando e recusando-o do consciente.

¹²⁰ Ibid., p. 204. In: Band III, p.137.

2.2.1 As qualidades especiais do inconsciente

O sistema consciente, pré-consciente, e inconsciente são distintos, têm características próprias, não se encontram isolados entre si, estabelecem estreita relação mútua e influenciam uns aos outros. O papel da censura entre eles é destacado, e Freud apresenta uma abordagem metapsicológica dos fenômenos psíquicos do ponto de vista tópico, ou seja, dos lugares, ou instâncias, de onde partem os investimentos, e contra-investimentos de energias libidinais; do ponto de vista econômico, da quantidade de energia em circulação nos sistemas; e do dinâmico, no conflito entre a energia pulsional do desejo e a defesa que parte do eu e que se esforça em manter a representação da pulsão, incompatível, recalçada.

Perfazendo um percurso clínico dos seus achados nas neuroses, fóbicas, histéricas e obsessivas, Freud descobre que na psicose a palavra recebe um estatuto que difere do da neurose, e que por falta do mecanismo do recalque, e pelo modo de pensamento, na esquizofrenia as representações de palavra são tratadas como representações de coisa. Esta doença fornece uma compreensão geral do inconsciente, e, neste quadro clínico, muito do que é inconsciente é expresso de forma consciente, além de uma série de modificação que ocorre na linguagem, quando a expressão verbal é objeto de um especial cuidado, é escolhida, apurada, seleta (“*gewählt*”), e esquisita, afetada, ornada (“*geziert*”).¹²¹

Portanto, na esquizofrenia, de cujo estudo Freud retoma as lições do psiquiatra e seu Professor Breuler, a construção das frases passa por uma desorganização de sua estrutura, que as torna ininteligíveis para nós, levando-nos a crer na ausência de todo sentido nas suas manifestações: as palavras ficam submetidas ao mesmo processo que forma as imagens dos sonhos partindo das suas representações latentes, ou seja, do processo primário, palavras que ficam condensadas e transferem sua carga umas às outras por meio do deslocamento, e este processo pode chegar até a conferir a uma palavra, apropriada para isto, por suas múltiplas relações, a representação de toda uma série de idéias.

Para os nossos propósitos, vale destacar as características referidas por Freud aos processos do inconsciente que não tornaremos a encontrar nos sistemas imediatamente ‘acima dele’, ou seja, no pré-consciente e no consciente. O núcleo (*Kern*) do inconsciente consiste em representantes da pulsão (*Triebrepräsenzen*) que procuram descarregar seu investimento (sua carga), isto é, consiste em impulsos de desejo (*Wunschregungen*), desejo inconsciente, e,

¹²¹ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente* (1915), v. XIV, p. 225. In: *Das Unbewusste*, Band III, p. 156.

esses impulsos da pulsão se acham coordenados entre si, e coexistem sem influir uns sobre os outros, nem tampouco contradizerem-se. Quando dois impulsos de desejo, cujos fins nos parecem incompatíveis são ativados ao mesmo tempo não se anulam reciprocamente senão que se unem para formar um fim intermediário, um meio termo, um acordo, juntos. Não há nesse sistema negação (*Negation*), nem dúvida alguma, nem quaisquer graus de certeza. Tudo isso só é introduzido pelo trabalho da censura entre o inconsciente e o pré-consciente. A negação é um substituto do recalque, em grau mais elevado. No inconsciente só existem conteúdos mais ou menos investidos.¹²²

As intensidades dos investimentos possuem grande mobilidade produzindo o processo de deslocamento (*Verschiebung*), quando uma representação transmite à outra toda a sua quota de investimento, e o processo de condensação (*Verdichtung*), pelo qual uma representação pode apropriar-se de todo o investimento de várias outras, sendo a condensação e o deslocamento duas das características do processo primário do inconsciente, suas leis.

No sistema pré-consciente o processo secundário é dominante, e quando um processo primário recai sobre elementos do pré-consciente, ligado às palavras, ele parece cômico, despertando riso. Podemos ver que a experiência da psicanálise recebe da fala seu instrumento, seu material, seu enquadre, e, para além desta fala, “é toda a estrutura de linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”.¹²³

Para Lacan, a linguagem é aquilo que distingue essencialmente a sociedade humana das sociedades naturais, sendo que a estrutura da linguagem preexiste à entrada de cada sujeito em seu desenvolvimento mental, e se o sujeito parece ser servo da linguagem o é ainda mais de “um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio”.¹²⁴

O inconsciente, sede das pulsões, é composto do conteúdo recalçado e, como visto, há no inconsciente a representação de coisa (*Sachvorstellungen*), enquanto que no pré-consciente, no processo secundário, há a representação de palavras (*Wortvorstellungen*).

Outra característica é a de que os processos inconscientes acham-se independentes do tempo, isto é, não aparecem ordenados cronologicamente, são atemporais, não sofrem modificação alguma pelo transcurso do tempo (*Zeit*), e não faz qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo se acha ligada ao trabalho do consciente, da consciência, do eu.

Os processos do inconsciente dispensam pouca atenção à realidade, acham-se sub-

¹²² Ibid., p. 213. In: Band III, p. 145

¹²³ LACAN, Jacques. *Escritos. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. p. 498

¹²⁴ Ibid., p.498.

metidos ao *princípio do prazer*, e seu destino depende exclusivamente do grau de sua força e da medida em que satisfazem as aspirações da regulação do prazer e do desprazer.

O inconsciente é isento de contradição, é regido pelo *processo primário*, ou seja, há mobilidade nos investimentos de energia livre, libidinal, possui independência do tempo e substitui a realidade externa pela realidade (*Realität*) psíquica.¹²⁵

No que diz respeito à pulsão, segundo Freud, nossa atividade mental se move, geralmente, em duas direções opostas: ou parte das pulsões através do sistema inconsciente em direção ao trabalho mental consciente, ou se inicia por um estímulo externo através do sistema consciente e pré-consciente até alcançar os investimentos inconscientes do eu, haja vista que uma parte do eu é inconsciente, e os dos objetos. Este segundo caminho tem que permanecer transitável, percorrível, “apesar do recalque, e se acha aberto, até certo ponto, aos esforços da neurose para recuperar seus objetos”.¹²⁶

Na segunda tópica, quando da segunda formulação do aparelho psíquico, reencontraremos na instância do isso (*Es, id*) as principais características do conceito de inconsciente, que será mantido, e tanto a instância do eu, quanto a do supereu têm suas origens no inconsciente e uma parte deles é inconsciente, como veremos adiante.

2.3 Compulsão à repetição de situações desprazerosas

Deflagrada a primeira guerra mundial, Freud revela a sua decepção com esta guerra que se recusava em acreditar que aconteceria, e, sem parar de trabalhar, produzir, clinicar, e de pesquisar, passa a estudar um fenômeno descoberto na clínica, e observável no dia a dia: a ‘compulsão à repetição’ (*Wiederholungswang*).

Compulsão de repetição verificada no retorno constante da mesma coisa, na repetição dos mesmos aspectos de cenas desprazerosas, nas características dos mesmos crimes, reconhecendo-se no ser humano o predomínio desta compulsão que procede dos movimentos pulsionais, inerente à natureza mais íntima das pulsões. Uma compulsão forte o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, situando-se além deste princípio, que confere a certos aspectos da vida psíquica o seu caráter ‘demoníaco’, e que é percebido como

¹²⁵ FREUD, Sigmund. *O Inconsciente* (1915), v. XIV, p. 214. In: *Das Unbewusste*, Band III, p. 146

¹²⁶ *Ibid.*, p.232. In: Band III, p. 162

algo ‘estranho’ (*Unheimliche*) e, ao mesmo tempo, familiar.¹²⁷

As reflexões sobre a guerra, a desilusão que ela provoca, levaram-no a dizer de uma ambivalência, em cada um, em relação ao desejo de morte (*Todeswunsch*) do outro: o aperfeiçoamento das armas de ataque e defesa, a hipocrisia dos homens, e a hipocrisia da sociedade, e a nossa própria atitude frente à morte.¹²⁸

Esperava-se, lamenta Freud, que os povos das grandes nações conseguissem descobrir outra maneira de solucionar suas diferenças, e conflitos, por considerar as preocupações e interesses de âmbito mundial, global, os progressos técnicos no controle da natureza, e as próprias aquisições culturais; mas, não foi isto o que se viu.

Tempo de destruição de bens preciosos da humanidade, que ofusca as mais lúcidas inteligências e causa tanto sofrimento na vida humana, provocando horror e mortes, são motivos suficientes para Freud, com estes seus argumentos, condená-la tanto em seus meios quanto em seus fins, e ansiar pela cessação de todas as guerras.

Produzindo sofrimentos, a guerra despreza restrições conhecidas como direito internacional a que os Estados se comprometeram em observar na época de paz.

Cruel, implacável, ignora prerrogativas, direitos da propriedade, padrões artísticos e científicos da civilização, esmaga tudo como se, depois de terminada, não fosse mais existir nem futuro nem paz entre os homens, além de impor modificações na nossa atitude perante a morte. A questão da morte ocupará cada vez mais a atenção de Freud e, para ele, os sentimentos de desilusão originam-se do baixo nível moral que os estados exibem externamente, enquanto que internamente adotam atitudes de guardiões dos padrões éticos e morais, e da brutalidade da conduta dos indivíduos que, como participantes da mais elevada cultura humana, não se julgaria capazes de tanta destruição. Algumas características são destacadas do homem pré-histórico, primitivo, impulsivo, mais cruel e malvado do que outros animais, mas não mais do que o homem civilizado se comparado a este:

O instinto (*Instinkt*) que refreia outros animais de matar, segundo se diz, e de devorar sua própria espécie, não se pode atribuir ao homem primitivo. Por isso, a história primeira da humanidade está repleta de assassinatos.¹²⁹

Freud se pergunta por qual processo uma pessoa alcançaria um nível ético superi-

¹²⁷ FREUD, Sigmund. *O ‘Estranho’* (1919), v. XVII, p. 293.

¹²⁸ FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte* (1915), p. 331. In: Band IX, p. 56.

¹²⁹ Idem, p. 331. In: Band IX, p. 52. Freud usa a palavra ‘instinto’ referindo-se ao instinto do animal.

or, para propor respostas sem considerá-las satisfatórias, e sem acreditar que se possa erradicar o mal (*Ausrottung des Bösen*), nem mesmo sob a influência da educação e do meio civilizado. Mesmo em um ser assim educado o mal pode voltar a manifestar-se com muita intensidade, pois a essência mais profunda do homem é formada por impulsos da pulsão tendentes à satisfação, à descarga de determinadas necessidades primárias, e estes impulsos, nem bons nem maus em si, são valorizados, ou não, pela própria comunidade humana.¹³⁰

As pulsões que a sociedade condena como más, as egoísticas e as de crueldade, se encontram entre as manifestações pulsionais originais, que sofrem uma prolongada evolução até realizar-se no adulto. Pulsões que podem ser inibidas, desviadas para outros fins e campos, que sofrem fusões e defusões entre si, trocam seus objetos, e podem dirigir-se, em parte, contra a própria pessoa, e ainda formam pares de opostos observados no fato de um forte amor e um ódio intenso aparecerem, simultaneamente, numa mesma pessoa, na denominada ‘ambivalência afetiva’ (*die Gefühlsambivalenz*).

Sendo a pulsão própria do ser humano, que raramente é um ser totalmente bom ou mau (*‘gut’ oder ‘böse’*), mesmo as crianças acentuadamente egoístas, ou sádicas, ou atormentadoras de animais, ou ainda fóbicas, podem vir a tornarem-se colaboradores abnegados, protetores e corajosos membros da comunidade, e *vive-versa*.

Enfatizando o papel da educação, Freud reconhece que pela necessidade humana de amor, pela mistura das pulsões parciais em componentes eróticos, as pulsões egoísticas podem transformar-se em pulsões sociais, “e a educação, como um fator externo, exerce também uma força que representa as reivindicações do nosso ambiente cultural”.¹³¹

Foi durante a primeira guerra mundial, segundo Mezan “que Freud se torna mais sensível à questão da agressividade, que virá a considerar como a exteriorização da pulsão de morte”,¹³² mas o mesmo Mezan logo acrescenta que a pulsão de morte “não é deduzida da agressividade, mas da compulsão de repetição.”¹³³

Freud sobreviverá a esta guerra, e continuará avançando no estudo da teoria da pulsão e do aparelho psíquico que também sofrerá modificações e acréscimos.

Anos depois deste ensaio de ‘atualidade sobre guerra e morte’, Freud voltará ao tema, quando da segunda guerra, em resposta a uma carta-pergunta de Einstein do ‘Por que da guerra?’ que destacaremos mais adiante, por envolver reformulações na teoria psicanalítica.

¹³⁰ Idem, p.318

¹³¹ Ibid., p.319

¹³² MEZAN, Renato. Freud pensador da cultura, p.431.

¹³³ Ibid., p. 433.

2.3.1 A repetição nas neuroses e nas brincadeiras das crianças

No *‘Além do Princípio do Prazer’*, Freud diz não ver interesse algum investigar até que ponto a psicanálise tem se aproximado ou se agregado a um sistema filosófico específico e historicamente estabelecido com a sua hipótese do princípio do prazer, ainda assim, ou, talvez, por isto mesmo, cita Platão, Kant, Schopenhauer, além de outros pesquisadores e cientistas. Vê-se também a presença e influência de Fechner pelo seu princípio de constância, tendência para manter constante um determinado nível de estímulo, de excitação, no psiquismo, pois foi dele que Freud encontrou o princípio de tendência ao estado de equilíbrio em relação aos sentimentos de prazer e desprazer no aparelho psíquico.¹³⁴

Freud e Lacan citaram Nietzsche à época que escreveram sobre as pulsões, e, de uma forma ou de outra, Nietzsche sempre aparece como aquele que sabe: “Nietzsche sabia que um certo tipo de discurso só pode dirigir-se ao mais longínquo”.¹³⁵

Freud não é um filósofo, sabemos, embora sua elaboração científica possa ser profundamente filosófica. A psicanálise, por seu turno, não é uma *Weltanschauung*, uma visão ou concepção de mundo, nem uma filosofia, e a psicanálise visa colocar a noção de sujeito de uma maneira nova reconduzindo o sujeito à sua dependência significativa, segundo Lacan, neste seminário sobre os conceitos fundamentais da psicanálise. Todavia, a filosofia contribuiu de maneira significativa para que Freud chegasse aonde chegou, principalmente no que se refere à questão do conceito de pulsão, e o de instinto, e, com suas hipóteses declaradamente especulativas, descreveu e comunicou os fatos diariamente observados na sua clínica, conforme o seu desejo de analista, e no saber de muitos outros.

O conceito de princípio de prazer revela que a prioridade e a originalidade não pertencem aos objetivos que o trabalho psicanalítico estabelece para si, e, além disso, são evidentes as impressões que subjazem ao princípio de prazer.

A compulsão à repetição passa a ser estudada como uma obsessão, uma coação interna, um agir compulsivo, em nome de uma diminuição da angústia, que faz com que o sujeito repita determinadas situações aparentemente desprazerosas, o que, por si só, evidenciaria uma contradição com o princípio do prazer, no reproduzir experiências traumáticas de sofrimento, de determinados conteúdos aflitivos, desagradáveis, e mesmo o de querer conservar e manter conflitos, situações, que atraem sofrimento em vez de prazer, expe-

¹³⁴ FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer* (1920), p. 18. In. Band III, p. 219.

¹³⁵ LACAN, Jacques. *Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 28.

riências de destrutividade e de dor, como aquelas observadas no masoquismo e no sadismo.

A noção de ‘princípio de prazer’ é posta em questão com a descoberta da existência de um real, mais além do princípio de prazer, já não se podendo mais falar da dominância do princípio de prazer, que continua tendo a sua importância por haver no psiquismo uma sucessão de tensões cujo aumento gera maior excitação causando desprazer, e cuja descarga, a diminuição desta tensão, causa prazer.

O grau variado de quantidade de energia faz parte dos processos psíquicos e foi suposto, no interior do psiquismo, este princípio que regulasse estas variações e cujo objetivo fosse o de evitar o desprazer e o de produzir prazer.

Contudo, apesar da sua importância, passou a ser incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos, como já demonstrado, pois, se tal dominância existisse, este curso teria de ser acompanhado pelo prazer, ou conduziria a ele, o que a experiência contradiz.

O princípio do prazer decorre do princípio de constância que tende a manter um nível mínimo, muito baixo, ou, pelo menos, tão constante quanto possível a quantidade de excitação contida no aparelho psíquico, pela descarga da energia presente.

Freud continua a admitir a existência no psiquismo de uma forte tendência ao princípio do prazer, mas algumas outras forças, ou condições, se opõem a isso, de modo que o resultado final pode não corresponder sempre à tendência ao prazer, à satisfação. A pulsão encontra oposição quanto a sua satisfação nas forças do ‘princípio de realidade’, que modificam o princípio de prazer em função das condições impostas pelo mundo exterior, embora o princípio de realidade não abandone a intenção de busca de prazer, podendo adiar a satisfação da pulsão, ou abandonar uma série de possibilidades de obtê-la, podendo até suportar e tolerar um desprazer até alcançar outro prazer substituto, não menos satisfatório.

Marcuse destaca a influência da realidade externa sobre as pulsões que continuam as mesmas, na base, mas que estão sujeitas a modificações em seus objetivos e manifestações. Chega a dizer que ‘todos’ os conceitos psicanalíticos, sublimação, identificação, recalque, projeção, introjeção, implicam a ‘mutabilidade’ das pulsões, ou seja, no que elas podem transformar-se, mudando do princípio de prazer em princípio de realidade.

Segundo ele, a interpretação do aparelho mental de acordo com estes dois princípios “é básica para a teoria de Freud e assim permanece, apesar de todas as modificações da concepção dualista”.¹³⁶

¹³⁶MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização* (1955), p. 34.

O princípio do prazer continua regendo o funcionamento empregado pela pulsão sexual, dificilmente “educável” (“*erziehbaren*”),¹³⁷ e chega, com frequência, a vencer o princípio de realidade. Em contrapartida, a repetição de situações de desprazer serve a uma elaboração da experiência dolorosa, portando um gozo no sofrimento, e nesta repetição o princípio do prazer é transposto, ultrapassado, pois, como se verifica na neurose traumática, há compulsão de repetir o sonhos que reproduzem situações angustiantes, ou que trazem lembranças dos traumas psíquicos da infância, modificando-se o sonho em sua função original que seria a de realização de desejo, não podendo mais ser assim classificados.

Contudo, continuam sendo realização de desejo os sonhos em geral, e mesmo os sonhos de angústia, e os de castigo, que justamente por serem desprazerosos em si, por isto mesmo, realizam o desejo de punição que aplaca o sentimento de culpa do sujeito.

Neste sentido, Freud tratou deste problema do ponto de vista econômico, ou seja, de como aquilo que, sob todos os aspectos, constitui experiências de aflição do primitivo período sexual infantil pode conseguir êxito em forçar sua passagem a algum tipo de reprodução, e foi obrigado atribuir às experiências aflitivas um impulso ascendente, extraordinariamente forte, sob a forma de ‘compulsão à repetição’ – uma força capaz de superar o recalque que pesa sobre elas por conta do princípio do prazer, indo, as experiências aflitivas, a compulsão à repetição, mais além do princípio do prazer.

A repetição é encontrada na experiência analítica, e nas brincadeiras das crianças, nos seus jogos repetitivos de experiências desagradáveis pela razão de poderem dominar uma impressão marcante muito mais do que as experimentadas de modo passivo.

Assim, a repetição se opõe a uma adaptação, a uma conformação, e revela, ao contrário, uma inadaptação, uma busca de algo novo numa possível mudança, e significação, que são fonte de prazer, de satisfação, e vemos o exemplo máximo desta constatação na observação que Freud registra do seu neto, de apenas um ano e meio de idade, cuja mãe havia saído sem que ele reclamasse, pois nunca chorava quando a mãe o deixava, a repetir uma brincadeira, inventada pelo bebê, na qual arremessava do seu berço um objeto feito brinquedo, fazendo-o desaparecer, proferindo o seu expressivo ‘ooooó’, jogando longe seu carretel, ou algo assim, amarrado a um pedaço de cordão. Puxava-o e saudava-o com um alegre ‘aaaaá’, o objeto tendo para ele uma significação, e uma satisfação libidinal, numa brincadeira completa, desaparecimento e retorno. Reaproximava-o de si, fazendo-o aparecer e desaparecer do seu berço, ao seu domínio, controle, e prazer.

¹³⁷ FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer* (1920), p. 21. In. Band III, p. 220.

O bebê joga e puxa o brinquedo ao tempo que expressa, numa postura ativa, um jogo simbólico na elaboração dos seus sentimentos, repetindo e reproduzindo um acontecimento vivido, com a emissão de significantes, e, o mais importante, guardando um intervalo e uma sincronia, e um tom, entre eles: *óóóó* ('fort' [vá, fora, saiu]) - *áááá* ('da'[aqui, cá]).

Sabemos o quanto uma criança já ouviu e foi ouvida nestes seus primeiros dezoito meses de vida, e o neto de Freud já podia dizer algumas palavras compreensíveis, e utilizava também uma série de sons de significado inteligível para os seus. Este exemplo atesta o que se pode entender por pulsões – este conceito limite entre o psíquico e o corporal - corpo e palavra: *“Há pulsões, e as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”*.¹³⁸

Fazer a mãe aparecer e desaparecer tem para o bebê um sentido, e neste jogo repetitivo ele se compensava encenando o desaparecimento e o retorno da mãe numa atitude ativa, transformando a experiência desprazerosa a que estivera submetido passivamente.

Por outro lado, com o poder de lançar o objeto para longe quando quisesse, o bebê satisfazia a um impulso recalcado, afastando-se também da mãe no controle da situação, obtendo satisfação. O jogo das crianças, suas brincadeiras, tem como função possibilitar reproduzir de maneira repetitiva as experiências que as impressionaram, a fim de controlá-las, numa possível elaboração da situação aflitiva, e, mesmo sob o princípio do prazer resta mais de um meio para que algo que é em si desagradável se torne objeto da lembrança e da elaboração psíquica. Esta conjugação numa criança tão nova impressiona Freud, e diz Lacan:

É que ali também aparece, ao mesmo tempo, o valor do objeto como insignificante (aquilo que a criança faz aparecer e desaparecer), além do caráter acessório da perfeição fonética, comparada à distinção fonemática, que ninguém contestaria que Freud tem o direito de traduzir imediatamente pelos Fort! Da! do alemão falado por ele, adulto. Ponto de inseminação de uma ordem simbólica que preexiste ao sujeito infantil e segundo a qual será preciso que ele se estruture.¹³⁹

Muitas são as considerações de Freud sobre as brincadeiras das crianças, suas invenções, seu imaginário, artificios, jogos, fantasias, e as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim modificam a intensidade da impressão, obtendo satisfação no brincar. Além disso, todas as brincadeiras são influenciadas por um desejo que persiste: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem.¹⁴⁰

¹³⁸ LACAN, Jacques. livro 23, *o sinthoma* (1975-1976), p.18.

¹³⁹ LACAN, Jacques. *Escritos. A direção do tratamento e os princípios do seu poder* (1958), p. 600.

¹⁴⁰ FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer* (1920), p. 28. In. Band III, p. 226.

Observa-se que mesmo a natureza desagradável de uma experiência não a torna imprópria para a brincadeira, e, se o doutor examina a garganta de uma criança ou faz nela uma pequena operação, podemos estar certos de será este tema o da próxima brincadeira,

mas não devemos desprezar o fato de existir uma produção de prazer advinda de outra fonte. Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um dos seus companheiros de brincadeira e, dessa maneira, vinga-se num substituto.¹⁴¹

Sob o controle da compulsão à repetição as pulsões, em sua verdadeira natureza, teriam como objetivo restabelecer o estado inicial inorgânico anterior à vida isento de tensão, sendo uma pulsão um impulso inerente ao organismo vivo no sentido de um retorno ao ponto de partida. Este assunto mereceria um maior aprofundamento, como muitos dos que aqui são levantados, mas basta-nos dizer, com Freud, que o inconsciente, e com ele o recalado, não oferece resistência, e até se esforça para irromper através da pressão que pesa sobre ele, e abrir caminho até a consciência, ou a uma descarga por meio de alguma ação real, específica. A resistência se origina do eu e funciona sob a influência do princípio do prazer que busca evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do recalado.

Sob a força da compulsão à repetição, emergem impulsos das pulsões recaladas e, se constitui desprazer para um dos sistemas, trará satisfação para um outro.

As pulsões por sua natureza conservadora, regressiva, teriam como objetivo, restabelecer um estado inicial, hipótese de que todas as pulsões tendem à restauração deste estado anterior. Além destas pulsões de conservação que impelem à repetição (*Wiederholung*) existem outras que impulsionam no sentido do progresso e da produção de novas formas, mas há que se considerar como experiência que não conhece nenhuma exceção o fato de que todo o vivente morre por razões internas, voltando a ser inorgânico. Freud diz: “a meta de toda a vida (*alles Lebens*) é a morte (*Tod*); o inanimado (*Leblose*) existira antes que o animado”.¹⁴²

Contudo, o organismo não quer morrer antes do seu tempo, nem senão à sua própria maneira, ao seu próprio modo, e as pulsões sexuais são destinadas a assegurar-lhe o seu próprio caminho até a morte, e manter distante as possibilidades de retornar à existência inorgânica que não sejam as imanentes ao próprio organismo. Assim, Freud muda o seu ponto de vista sobre as pulsões sexuais (*Sexualtriebe*), em funcionamento desde o início da vida,

¹⁴¹ Ibid., p. 29. In. Band III, p. 227.

¹⁴² Ibid., p. 56. In. Band III, p. 248.

afirmando que elas são também conservadoras, mas em outro sentido por também preservarem a vida. Para ele as pulsões sexuais é que são propriamente as pulsões de vida, que operam contra as outras pulsões que têm como propósito conduzir à morte, existindo oposição entre elas.

2.4 Vida e morte: dualismo ou monismo pulsional?

No ‘*Além do princípio de prazer*’ Freud diz fazer especulação, voltando a afirmar que a especulação psicanalítica toma como ponto de partida a impressão derivada dos estudos dos processos inconscientes: a consciência pode não ser o caráter mais geral dos processos mentais, mas apenas uma função especial deles.¹⁴³

A consciência fornece, essencialmente, percepções de emoções vindas do mundo exterior e sensações de prazer e desprazer que só podem surgir do interior do aparelho psíquico, e, assim, o sistema percepção-consciência acha-se situado na fronteira entre o exterior e o interior, voltado para o mundo exterior e envolvendo os outros sistemas.

Nada há de novo nestas suposições além da introdução dos novos conceitos e da reformulação do então dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu que, numa reviravolta conceitual lógica, se transformarão em pulsão de vida e pulsão de morte.

A hipótese de Freud segundo a qual ‘todo ser vivo morre necessariamente de causas internas’ não encontrou na biologia, cada vez mais valorizada por ele, nenhum argumento que se opusesse ao seu dualismo pulsional, não contradizendo a pulsão de morte, e, mesmo os trabalhos científicos postulavam a existência nos organismos vivos de dois tipos de processos opostos, sendo que um constrói, agrupa, e o outro destrói, desassimila.

Freud cita Schopenhauer para quem a morte é o verdadeiro resultado e, até certo ponto, o propósito da vida, e a pulsão sexual é a corporificação da vontade de viver.¹⁴⁴

A libido, das pulsões sexuais, desempenha um papel importante e coincide com o *Eros* dos poetas e dos filósofos que mantém unidas todas as coisas da vida.

O conceito de sexualidade, e o de pulsão sexual, foi ampliado desde o início por abranger muito mais coisas que a função reprodutora, embora Freud afirme que veio a saber das pulsões sexuais pela sua ligação com os sexos e com a função de reprodução, criando uma

¹⁴³ FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer* (1920), p. 39. In. Band III, p. 226.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 69.

outra lógica ao formular o conceito de pulsão sexual, parcial, derivada da descrição do seu conceito de sexualidade humana, que, sabemos, é muito mais abrangente.

A fórmula de que as neuroses têm suas origens num conflito entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais se mantêm, mas a oposição original entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais mostrou-se inapropriada, pois, de acordo com a teoria da libido, e a do narcisismo, as pulsões do eu são também libidinais, uma vez que as pulsões sexuais operam no eu. As ‘*pulsões do eu*’ passam por transformações, e o próprio Freud reconhece que acompanhá-las não é tão fácil, tendo dado o nome de ‘*pulsões do eu*’ a todas as tendências pulsionais distinguidas das pulsões sexuais dirigidas no sentido de um objeto, e, em sendo a libido a força motivadora de ambas as pulsões, resulta serem as pulsões do eu também libidinais,

Daí por diante, essas pulsões narcísicas e autoconservadoras tiveram que ser incluídas entre as pulsões sexuais libidinais. A oposição entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais transformou-se numa oposição entre as pulsões do eu e as pulsões do objeto ambas de natureza libidinal. Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do eu e do objeto) e outras pulsões (...) presentes no eu e que talvez possam ser observadas nas pulsões destrutivas. Nossas especulações transformaram essa oposição entre as pulsões de vida, Eros, e as pulsões de morte.¹⁴⁵

Reconhecer a pulsão sexual como *Eros* veio da constatação de não existirem quaisquer outras pulsões que não sejam sexuais, libidinais, uma vez que as pulsões de autoconservação do eu são também erotizáveis. Assim, com a hipótese da libido narcísica, e com a extensão da libido, a pulsão sexual foi transformada em *Eros*, que procura reunir e manter juntas as partes da substância viva em unidades cada vez maiores, passando as pulsões sexuais a serem encaradas como parte de *Eros* voltada para os objetos.

Eros operaria desde o princípio da vida e aparece como ‘pulsão de vida’ (*Lebenstrieb*), em oposição à pulsão de morte (*Todestrieb*), primeira vez nomeada, sendo criada pela animação da substância orgânica, e o enigma da vida resulta de que essas pulsões acham-se lutando umas com as outras desde o início: *Eros* e pulsão de morte.

As concepções de Freud sempre foram de dualidade das pulsões e passam a ser mais ainda do que antes, agora que descreve a oposição se dando entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, mas certas hesitações quanto a esta oposição começam a aparecer, embora a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte seja mantida.

A oposição pulsão de vida e pulsão de morte teria ligação com a polaridade amor

¹⁴⁵ Ibid., p. 82. In: Band III, p.269

e ódio, e é mais fácil de encontrar um representante de *Eros* que achar um representante da evasiva pulsão de morte na pulsão de destruição, que o ódio aponta o caminho, sendo que o amor se faz acompanhar pelo ódio com alguma regularidade, visto ser o ódio nos relacionamentos humanos um precursor do amor e, em determinadas circunstância, o ódio se transforma em amor e o amor em ódio. Neste ponto, Freud oscila quanto à distinção fundamental existente entre as pulsões eróticas e as pulsões de morte, pois, a libido, enquanto energia deslocável, pode ser adicionada a um impulso erótico ou hostil.

Marcuse ressalta que a teoria de Freud ergueu-se em torno do antagonismo entre as pulsões sexuais (libidinais) e as do eu (autopreservação) e, no último estágio, no conflito entre as pulsões de vida (*Eros*) e a pulsão de morte, mas, durante um breve período intermediário, “a concepção dualista foi substituída pela hipótese de uma libido onipresente (narcisista). Em todas estas modificações da teoria de Freud, a sexualidade conservou sempre o seu lugar predominante na estrutura pulsional”.¹⁴⁶

Freud aponta as próprias dificuldades em apegar-se ao seu ponto de vista dualista:

se não fosse pelas considerações apresentadas no *Além do Princípio de Prazer*, e pela descoberta dos componentes sádicos que se ligam a *Eros*, seria difícil manter nossa concepção dualista fundamental. Mas, somos levados a concluir que as pulsões de morte são mudas (*stumm*), e que o clamor (*Lärm*) da vida parte principalmente de *Eros*. Voltemos agora ao combate contra *Eros*. Não há dúvida que o princípio de prazer serve ao *Isso* de bússola no combate contra a libido que introduz perturbações no curso da vida. Se é certo que o princípio de constância, no sentido de Fechner, rege a vida, vida que seria então uma descida até à morte, serão as exigências de *Eros*, ou seja, as pulsões sexuais, as que deteriam, a título de necessidades, a diminuição do nível, introduzindo novas tensões.¹⁴⁷

A compulsão à repetição colocou Freud na trilha das pulsões de morte, e, apoiando-se na clínica, afirma o caráter regressivo das pulsões, constituindo para ele uma das mais fortes razões para acreditar na existência das pulsões de morte o fato de reconhecer que a tendência maior da vida psíquica é regida pelo princípio do Nirvana, pelo esforço para reduzir a zero as tensões devidas aos estímulos, ou remover toda a quantidade de excitação de origem externa e interna, tendência que encontra expressão no princípio do prazer, e, neste sentido, o princípio do prazer pareceria estar, paradoxalmente, a serviço da pulsão de morte, pois sua função estaria relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva que é o

¹⁴⁶ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. (1955), p.42.

¹⁴⁷ FREUD, Sigmund. *O Eu e o Isso* (1923), v. XIX, p. 62.

retorno à quietude do mundo inorgânico. As pulsões de vida têm muito mais a ver com a percepção interna na medida em que a vida é feita de uma sucessão permanente de tensões perturbadoras cujo alívio, ou seja, a liquidação da tensão, é sentida como prazer enquanto que as pulsões de morte são silenciosas, parecem efetuar seu trabalho de modo discreto (*unauffällig*), e, neste sentido, o princípio de prazer pode parecer servir às pulsões de morte.

Contudo, levar o animado inteiro de volta ao inanimado é algo distinto do princípio do prazer, além do que o princípio de realidade intervém, consistindo em resguardar os prazeres, para que a busca do prazer nem cesse de todo, nem cause danos.

O princípio de prazer manteria guarda contra os estímulos provindos de fora, que são encarados como perigosos tanto pelas pulsões de vida quanto pelas de morte, mas este princípio se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos do interior que tornariam mais difícil a tarefa de viver.

A pulsão de autoconservação, presente em todo ser vivo, se acha em contradição com a hipótese de que a vida pulsional, como um todo, sirva para levar o ser vivente até a morte. As pulsões de autoconservação são também pulsões parciais destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho rumo à morte e impedir quaisquer processos eventuais de retorno à existência inorgânica vindas de fora além daqueles que são imanentes ao próprio organismo: “o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo”.¹⁴⁸

Freud recorre a diversos autores para certificar-se das suas teses, que, como ele o diz, não caíram prontas do céu, tomadas como ponto de partida de idéias mais antigas e mesmo anteriores ao nascimento da psicanálise, que foram sendo desenvolvidas, lembrando que não se pode desprezar as circunstâncias e a época que precederam a criação da psicanálise que nasceu com o século XX, datando a sua descoberta.

Interessa-se pelos escritos do biologista Weismann que tratam do tema da duração da vida e da morte dos organismos, introduzindo a divisão da substância viva em partes mortais e imortais, analogia que tem a ver com os seus próprios pontos de vista:

Nós, por outro lado, lidando não com a substância viva, mas com as forças que nela operam, fomos levados a distinguir duas espécies de pulsões: aquelas que procuram conduzir o que é vivo à morte, e as outras, as pulsões sexuais, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida, o que soa como um corolário dinâmico à teoria morfológica de Weismann.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Ibid., p. 57. In: Band III, p. 249.

¹⁴⁹ Ibid., p. 65. In: Band III, p. 255. Weismann (1834-1914) foi um importante biologista alemão.

A psicanálise teoriza sobre as forças e as energias pulsionais que operam na vida do sujeito, e, como vimos, Freud é bem claro a este respeito quando diz que a psicanálise lida não com a substância viva, mas com as forças que nela operam, distinguindo estas forças em duas espécies de pulsões, as pulsões de morte, e as pulsões sexuais ou pulsões de vida.

Para Miller, o surpreendente é que Freud remeteu-se ao eixo central da biologia, posto que os neo-darwinianos de hoje se referem a Weismann, e pode-se ver que o próprio Richard Dawkins, autor do livro *'O gen egoísta'*, declara que a idéia central que utilizou foi esboçada por Weismann:

Freud tomou o ponto de partida da autopista central da biologia atual. E assim, no capítulo VI do “Mais além do princípio do prazer” expõe a teoria de duas categorias de pulsões: a pulsão de morte, que busca restabelecer o estado inanimado, e a pulsão de vida, que é pulsão sexual, que tende à conjugação sexual, à fusão de duas células germinais diferenciadas que apontam a assegurar a reprodução, a prolongar a vida e a dar-lhe a aparência de imortalidade.¹⁵⁰

A vida permanece, em sua essência, completamente impenetrável, mesmo se levarmos em conta o avanço da ciência, e os seus recentes descobrimentos.

Para Lacan, o conceito de vida pode ser definido pelas forças da própria vida que resistem à morte, pelo gozo de viver, o gozar da vida, o gozo do uso fruto, a ponto de ter afirmado que não sabemos que é ser vivo, salvo somente que um corpo se goza.

Logo, a vida é a condição do gozo, pois o gozo ligado à vida é impensável sem o corpo vivo, no que Miller traduz por: “Não sabemos o que é a vida só sabemos que sem ela não há gozo”.¹⁵¹

Freud teoriza a pulsão do eu como pulsão de autoconservação, pulsão do vivente que serve para a sua subsistência, e, depois de uma difícil argumentação, diz que são estas pulsões as pulsões de morte, as que buscam preservar os caminhos, inevitáveis, para a morte.

A denominação ‘pulsões do eu’ foi provisória da primeira terminologia de Freud, e, para Miller, o conceito de autoconservação se dissolve diante dos nossos olhos, e em seu lugar emerge uma pulsão contrária, a pulsão de morte que volta a levar o vivente à morte, por suas próprias vias. Sendo assim, a libido, o sexual, se encontra presente tanto nas pulsões de vida quanto nas pulsões de morte, ambas libidinais, tendo a libido também o seu caráter devastador, mortífero.

¹⁵⁰ MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, p. 313. Tradução livre.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 301.

Marcuse, neste ponto, também considera que, em Freud,

as pulsões de autopreservação – o santuário dourado do indivíduo e sua justificação na ‘luta pela existência’ – dissolvem-se: sua atividade aparece-nos agora como a das pulsões genéricas do sexo ou, na medida em que a autopreservação é realizada através da agressão socialmente útil, como a atividade das pulsões de destruição.¹⁵²

Marcuse resume algumas das características das pulsões, nesta luta travada entre elas, e, para ele, essa ‘biologia’ e, ao mesmo tempo ‘sociologia’ de Freud constitui o centro da sua metapsicologia onde expôs essas hipóteses decisivas com hesitações e restrições constantes – deixando-as, depois, em suspenso.

Para Miller, o essencial da dicotomia freudiana é reabsorvido por Lacan quando mostra que a morte e a libido têm algo em comum, operando uma transformação sobre a teoria das pulsões, aparentemente fundada na biologia, e, segundo ele o diz, quando falava das pulsões em Lacan não sublinhava o fato evidente e maior que Lacan não considerava tal oposição, não levando em conta o binarismo das pulsões.¹⁵³

Há que se considerar, ainda assim, que o dualismo pulsional, ou seja, a distinção - pulsão de vida, pulsão de morte - continua sendo verdadeira para Lacan, na medida em que ela manifesta os dois aspectos da pulsão, as suas duas faces, a sexualidade e a morte.

Constatamos que Lacan explica a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, conciliando “as duas faces da pulsão – que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte”.¹⁵⁴

As pulsões sexuais, distintas das pulsões de morte, fazem surgir a morte como significante, a ponto de Lacan dizer nos seus *Escritos*, na página 863, que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte. Trata-se da morte presente na vida, naquilo que o sujeito vivo perde por ter que passar pelo ciclo sexual para sua reprodução.

Morte simbólica atrelada ao significante que redobra a vida, que individualiza a morte, que transcende a morte natural, pois só o simbólico permite ao homem imaginar-se mortal, falar da morte, conjecturar sobre a sua própria morte, uma vez que não existe a representação da morte no inconsciente, e só a transcendência do significante o permite antecipar a sua morte, e, apesar dela, pelo significante, continuar vivo.

¹⁵² MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização* (1955), p. 43.

¹⁵³ MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, p. 326.

¹⁵⁴ LACAN, Jacques. *O Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), p.188.

2.5 As pulsões e a estrutura psíquica: o eu, o supereu, e o isso

Freud chega a novas conclusões, afirmando, no ‘*O Eu e o Isso*’, que não existem novos empréstimos tomados da biologia, encontrando-se agora mais próximo da psicanálise, numa síntese de objetivo mais ambicioso, não se sentindo mais onerado em débito de gratidão com outros pesquisadores.¹⁵⁵

A divisão do psiquismo em consciente e inconsciente continua fundamental, sendo a consciência uma qualidade do psíquico que pode achar-se presente ou estar ausente, e a noção de inconsciente pode ser abordada do ponto de vista descritivo e dinâmico, existindo representações que ainda não são conscientes, mas poderão sê-lo, e as representações que são inconscientes porque foram recalçadas, sendo que tudo que é recalçado é inconsciente, mas nem tudo que é inconsciente é recalçado, visto que o inconsciente não coincide com o recalçado. O consciente abrange a noção do eu, mas uma parte do eu também é inconsciente por manifestar resistências à tomada de consciência do recalçado, comportando-se como o recalçado, produzindo efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente, e a consciência, do ponto de vista espacial, se apresenta como uma superfície do aparelho psíquico que recebe as percepções vindas do exterior e do interior do organismo ao mesmo tempo.

Do eu procedem os recalques por meio dos quais são excluídas certas tendências da mente, e o eu também mantém relações com o sistema pré-consciente, que é o seu núcleo, que recebe as percepções e assegura a sua tomada de consciência, lidando com as representações de palavras.

Groddeck insistia em dizer que aquilo que chamamos nosso eu comporta-se de modo passivo na vida, e que nós somos vividos por forças desconhecidas e incontroláveis. Ao contrário de Groddeck, Freud afirma que o eu não sofre passivamente as irrupções do isso, e tenta domá-las, dominá-las, utilizando a metáfora do cavaleiro (eu) que precisa conduzir o seu cavalo (isso) para onde deseja ir. Mas, freqüentemente, surge uma situação pouco ideal entre o eu e o isso, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo por onde este quer ir. Há uma parte do isso da qual o eu se separou por meio de resistências devidas ao recalque que não se estende por todo o isso. Freud propõe chamar de ‘eu’ o que tem início no sistema pré-consciente, e, a outra parte da mente que se comporta como se fosse inconsciente deu o nome de *isso* (*Es, id*), sendo o *isso* o grande reservatório de libido e a sede das pulsões.

¹⁵⁵ FREUD, Sigmund. *O Eu e o Isso* (1923), v. XIX, p. 23.

O *isso* (*Es*) tem no eu a sua parte mais bem organizada, com a sua face voltada para a realidade. A palavra *Es* foi empregada por Nietzsche e escolhida por Freud para nomear esta nova instância psíquica, deixando registrado este empréstimo de Nietzsche, termo acolhido também por uma sugestão de Groddeck para expressar a principal característica dessa região da mente – o fato de ser alheia ao eu,¹⁵⁶ que não se acha nitidamente separado do isso e nem o envolve completamente, mas apenas até o ponto em que o sistema pré-consciente forma a superfície do eu, fundindo-se em parte com ele, sendo o eu aquela parte do *isso* que foi modificada pela influência direta do mundo externo, e que procura aplicar esta influência ao isso, esforçando-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no isso, pelo princípio de realidade.

A percepção desempenha para o eu o papel que no isso cabe às pulsões, e o eu representa o que pode ser chamado de razão, prudência, bom senso, em contraste com o isso que contém as paixões.

As relações do sujeito com o seu próprio eu são ressaltadas por Freud, sendo o eu um derivado das sensações corporais por situar-se entre as percepções e as sensações: “o eu é, antes de tudo, corporal (*körperliches*), não é apenas um ser de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície”, existindo uma diferenciação no eu, uma gradação que pode ser chamada de ideal do eu (*Ich-Ideal*) ou supereu (*Über-Ich*), mas essa parte do eu está menos firmemente vinculada à consciência (*Bewusstsein*).¹⁵⁷

A origem do ideal do eu, igualado ao supereu, tem a ver com a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai, e mesmo com os pais, em sua primeira pré-história individual.

Em ambos os sexos, a força relativa das disposições sexuais, masculina e feminina, é o que determina se o desfecho da situação edípica será uma identificação com o pai ou com a mãe, ou com ambos os pais, e de que forma, por processos que envolvem muitas outras considerações, e, quando o complexo de Édipo se dissolve, as suas tendências se agruparão de maneira a produzir uma identificação paterna, e uma identificação materna, e estas possibilidades levaram Freud a afirmar: “Começo a crer que todo ato sexual é um processo que envolve quatro indivíduos”.¹⁵⁸

Deste modo, a bissexualidade sempre foi levada em conta, originalmente presente na criança, e na constituição da sexualidade, e este elemento complicador torna difícil descre-

¹⁵⁶ FREUD, Sigmund. *Conferência 31. A dissecação da personalidade psíquica* (1933), v. XXII, p. 92.

¹⁵⁷ FREUD, Sigmund. *O Eu e o Isso* (1923), v. XIX, p. 40 In: *Das Ich und das Es*, Band III, p. 294.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 48. *Carta 113, a Fliess*, de 1º. De agosto de 1899.

ver os fatos em vinculação com as primeiras escolhas de objeto e com as primeiras identificações, além da ambivalência demonstrada nas relações com os pais.

O supereu é uma instância que passa a existir no eu, cuja origem resulta de um lado, da natureza biológica e de outro, da natureza histórica, seja pela duração prolongada do tempo em que o homem necessita dos cuidados de outros, pela sua dependência dos pais na infância, pelo seu desamparo, e pelo seu modo de resolução do Édipo, desta triangulação afetiva na qual a criança se vê envolvida com os seus pais por longo tempo, e a quem dirige os seus afetos, anseios, desejos amorosos e hostis.

O desfecho do complexo de Édipo, a sua dissolução, sua falta de sucesso pelos efeitos de sua impossibilidade interna,¹⁵⁹ propicia a entrada no período de latência, dos quatro aos seis anos de idade, aproximadamente, período do desenvolvimento de outras realizações, sistematizações, das sublimações das pulsões, das aquisições formais, escolares, das abstrações, invenções, criações, ou seja, do desenvolvimento cultural peculiar ao homem.

O supereu resulta de tudo isto, e do que foi vivido no Édipo, do que ficou internalizado das exigências e das interdições parentais. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no eu e aí forma o núcleo do supereu, que assume a severidade do pai e perpetua

a proibição deste contra o incesto, defendendo o eu do retorno da carga libidinal, e as tendências libidinais pertencente ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas, o que costuma acontecer na transformação em uma identificação, e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição.¹⁶⁰

Neste sentido, o supereu é herdeiro do complexo de Édipo, primeiro porque a instalação do supereu é exemplo bem sucedido de identificação com a instância parental, e, depois, por que esta nova criação de uma instância superior dentro do eu está ligada ao destino do complexo de Édipo, de modo que o supereu surge em seu lugar, como o herdeiro dessa vinculação afetiva tão importante para a infância.¹⁶¹

Dissolvido esse complexo, surge a instância do supereu que tomará a si as funções de formações de ideais, da auto-observação, autocensura, crítica, em suma, da consciência moral. Um supereu que pode mostrar a sua severidade, e até mesmo a sua crueldade, e é na doença da melancolia que se pode ver como o supereu trata o eu, de modo super rigoroso, em

¹⁵⁹ FREUD, Sigmund. *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924), v. XIX, p. 217.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p.221.

¹⁶¹ FREUD, Sigmund. *Conferência 31. A dissecação da personalidade psíquica* (1933), v. XXI, p. 83.

imperativos difíceis de serem cumpridos, insultando, humilhando e maltratando o pobre eu, ameaçando-o com os mais duros imperativos, recriminando-o por atos do passado, por vezes insignificantes, reunindo acusações e, com base nelas, procedendo a um juízo condenatório.

O supereu aplica o mais rígido padrão de moral ao eu indefeso que lhe fica à mercê, representando as exigências da moralidade, e o sentimento moral de culpa é expressão da tensão entre o eu e o supereu. A moralidade funciona nos adoecimentos melancólicos como fenômeno periódico, e depois de alguns meses o exagero moral passa, a crítica do supereu silencia, e o eu é reabilitado até à exaltação maníaca.

O eu é, em sua própria essência, sujeito, e, ao fazer esta afirmação, Freud se pergunta como o eu-sujeito pode ser transformado em objeto?

O eu pode tomar a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, observando-se, criticando-se, se autodepreciando, e, por outro lado, o mesmo supereu tem também como função ser o veículo do ideal do eu, pelo qual o eu se avalia, esforçando-se por cumprir uma perfeição sempre maior, sendo o ideal do eu como precipitado da antiga imagem dos pais, expressão da admiração pela perfeição que a criança lhes atribuía.

O *isso*, o ‘*id*’, é a parte obscura da personalidade, visto na elaboração dos sonhos e na formação dos sintomas neuróticos, e só pode ser descrito como negativo, em contraste com o eu. O *isso* se encontra aberto externamente às influências somáticas, e contém, dentro de si, as exigências pulsionais, achando-se repleto de energia das pulsões, de impulsos contrários existindo lado a lado, podendo formar conciliações com vista à obtenção de prazer, à descarga da energia, pois tudo que existe no *isso* são investimentos pulsionais que procuram a descarga. A energia desses impulsos da pulsão se acha em estado diferente daquele encontrado em outras regiões da mente, muito mais móvel, e capaz de descarga.

O *isso* é inconsciente e Freud atribui ao *isso* características outras além dessa de ser inconsciente, e partes do eu e do supereu são também inconscientes.

O *isso* não conhece nenhum julgamento de valores, nem o bem, nem o mal, nem moralidade, e o eu é que tem como tarefa servir a três senhores severos, o mundo externo, o supereu e o próprio *isso*, fazendo o que pode para conciliar entre si os reclamos e as exigências dos três, e não é de se admirar que o eu falhe tantas vezes em sua tarefa.¹⁶²

Freud cita a sua célebre frase, “*Wo Es war, soll Ich werden.*”,¹⁶³ acrescentando, ao referir-se aos intentos terapêuticos da psicanálise, que este é um trabalho civilizatório.

Lacan afirmou, contra o modelo americano de psicanálise, “que era falso crer nas

¹⁶² Ibid., p.99.

¹⁶³ Ibid., p.102.

virtudes de uma psicanálise adaptativa quanto imaginar, em sentido contrário, que a análise pudesse ser um meio de libertar-se de toda coerção” .¹⁶⁴

O “*Wo Es war*” freudiano, ganhando traduções e leituras diversas, designa a nova tarefa que compete à civilização, por intermédio da psicanálise, tarefa tão importante para a humanidade quanto a secagem do Zuydersee, na comparação de Freud.

Para que a segunda tópica freudiana fosse interpretada numa perspectiva não psicologista, o verbo alemão *war* foi restituído em seu sentido literal, no imperfeito, exprimindo o “Lá onde *isso* era (*isso* estava) o *je* deve estar (eu, *je*, devo advir).

Roudinesco lembra ainda que a psicanálise ao contrário de ter como tarefa desalojar o *isso* em proveito do eu, como a frase foi traduzida, “deve permitir situar cada elemento em seu respectivo lugar, e o eu não é todo o *ich*, o qual se subdivide em um eu imaginário e um eu, *je*, enunciativo”.¹⁶⁵

Marcuse quis também evitar que se renove um grande mal-entendido – o de que Freud é, em qualquer sentido, um irracionalista, dizendo não existir, talvez, nas últimas décadas, pensador mais racionalista que Freud, cujo esforço como um todo foi no sentido

de mostrar que o melhoramento das condições humanas em geral necessita que as forças irracionais ainda atuantes no homem se subordinem à razão. Sua afirmação “Onde era *id*, eu (o *ego*) devo (deve) vir a ser” (“*Wo Es war, soll Ich werden*”) é talvez a mais racional de todas as formulações que se possa imaginar em psicologia.¹⁶⁶

Para Lacan o “*Wo Es war, soll Ich werden*”, o ‘Lá onde *isso* estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir’, faz brotar um paradoxo de um imperativo que pressiona o sujeito a assumir sua própria causalidade, sendo uma fórmula freudiana em que a estruturação significante mostra com clareza sua prevalência, e, vale lembrar, uma fórmula endereçada também ao analista, tendo Freud escrito ‘O Eu e o Isso’ para manter esta distinção fundamental entre o verdadeiro sujeito do inconsciente, e o eu, um eu constituído em seu núcleo por uma série de identificações alienantes.

Trata-se, para Lacan, de um lugar de ser que o ‘*Es*’, (S-esse-), de sujeito exprime e é neste lugar que devo, anunciado como um dever moral, tornar-me:

¹⁶⁴ ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, p. 274.

¹⁶⁵ Ibid., p.274.

¹⁶⁶ MARCUSE, Herbert. *Cultura e Psicanálise*, p.121.

evidencia-se aqui que é no lugar, *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou de qualquer outro artigo objetivante (é de um lugar de ser que se trata) era, *war*, é nesse lugar que *soll*, devo – e é um dever moral que se anuncia aí (...) – *Ich*, [eu], ali devo [eu] (...) *werden*, tornar-me, isto é, não sobrevir, nem tampouco advir, mas vir à luz, desse lugar mesmo como lugar de ser.¹⁶⁷

O ‘*Es*’ freudiano é tomado por Lacan como sendo o ‘S’ (nome da letra esse) de sujeito, sujeito do inconsciente, onde há divisão do sujeito entre verdade e saber: “lá onde o isso era, estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir”.¹⁶⁸

Nesta seção, neste segundo capítulo, estudamos as pulsões de vida e as de morte, os destinos pulsionais e a tríade metapsicológica estabelecida por Freud na divisão do aparelho psíquico, do ponto de vista estrutural, em eu, supereu, e *isso*.

Vale lembrar que o psíquico, como o físico, não necessita ser tal como o percebemos, pois é menos difícil corrigir a percepção interna que a percepção externa, uma vez que, para Freud, o objeto interno é menos incognoscível que o mundo externo, de forma que conhecemos nossos estados mentais mais do que os do mundo exterior, pelo nosso modo de representação de coisas e de palavras, de acordo com o que vem sendo demonstrado ao longo dos anos dos estudos filosóficos, e que nada sabemos sobre as coisas como são em si e para si mesmas, pois só sabemos algo acerca delas quando se refletem em nosso espírito.

Vimos que, afora a breve incursão e mesmo a inclinação monista de Freud, de uma só e única pulsão, o seu dualismo pulsional se mantém com a pulsão de vida lutando para prevalecer, e a apreciação de se a pulsão é boa ou má, se se inscreve na esfera do bom ou do bem, e do mau, ou do mal, não se coloca dada à complexidade das pulsões, ambas essenciais, sendo que as manifestações da vida surgem da ação conjunta e antagônica de ambas as pulsões, visto que uma pulsão dificilmente opera sozinha, aparecendo ligada, amalgamada, a certos componentes originários de uma outra, que modifica o seu objetivo ou o possibilita, a ponto de se dizer que a pulsão, enquanto pulsão parcial, sexual, é pulsão de morte.

Na nova estrutura do aparelho psíquico, o eu é aquela parte do isso que foi modificada pela realidade externa, emergindo do eu o supereu, de tudo o que foi vivido pela criança e do que resultou do complexo de Édipo, e da sua resolução, na vivência da criança com os seus pais, e depois, num circuito mais amplo no social, numa extensão maior do contexto familiar, sendo que a autoridade é introjetada no eu formando o núcleo do supereu.

A conexão entre a pulsão e a educação será tratada no próximo e último capítulo.

¹⁶⁷ LACAN, Jacques. *Escritos. A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise*, p.418.

¹⁶⁸ *Ibid. Escritos. A ciência e a verdade*, p. 878.

Capítulo 3 – Conexões entre Psicanálise e Educação

As formulações que destacamos nesta pesquisa não pretendem ser completas, nem exaustivas, e foram escolhidas em razão de uma coerência ligada aos objetivos de nossa investigação, em responder sobre o que quer dizer o conceito de pulsão em psicanálise e o papel que elas desempenham na constituição da sexualidade do sujeito. Neste terceiro capítulo, destacaremos, especificamente, as conexões entre psicanálise e educação, sendo que o recalque e a sublimação das pulsões foram referidos por Freud à cultura e à educação.

Freud concebeu um vínculo das pulsões e seus destinos com a educação, uma vez que tanto a sublimação quanto o recalque estão ligados à vida do sujeito em sua história.

Em nome da evolução, a cultura impõe coerções e restrições às satisfações das pulsões, mas, através do deslocamento da libido há obtenção de prazer e de satisfação por outras vias, como as das pulsões quando são sublimadas. Vimos a pulsão como uma força constante, e o poder da vontade e os impulsos sustentando toda a atividade psíquica.

Vimos que há conflito entre as forças pulsionais contrárias entre desejos diferentes fazendo oposição entre si, mostrando-se incompatíveis com as aspirações morais do sujeito, e o impulso de desejo mesmo recalcado continua a existir no inconsciente, e exemplo disso é o do sintoma como uma metáfora, uma formação substitutiva da exigência pulsional.

Conflito e neurose combinam-se, e um desejo pode ser dirigido para um fim mais elevado e irrepreensível para o próprio sujeito numa sublimação, ou pode haver reprovação, um julgamento ou um juízo de condenação do dito desejo. Sabemos que a nossa própria essência, o âmago do nosso ser, consiste em impulsos de desejos inconscientes.

Desejo que põe o aparelho psíquico em movimento, cujo curso da excitação nele é regulado pelos princípios de prazer-desprazer, e o princípio de realidade.

O recalque aparece desde as formulações da *Interpretação dos Sonhos* sendo ele um mecanismo estruturante do sujeito neurótico, normal, seja da neurose histérica ou da neurose obsessiva, portanto, um mecanismo que define a neurose e, por isso, encontra-se ausente nas outras estruturas clínicas, psicose e perversão, que diferem entre si.

Os avanços teóricos e clínicos para o entendimento da vida normal, dos sintomas normais e dos sintomas patológicos, foram extraídos das descobertas da psicanálise, decorrendo daí a importância que ela passou a ter, indo além da psicologia, e transformando, desde então, as teorias que dizem respeito ao psicológico enquanto tal, contribuindo para o entendimento e a própria evolução da cultura.

3.1 Evolução da cultura: métodos educacionais

Em 1932, com a teoria das pulsões já formalizada, Freud responde sobre o porquê da guerra a Einstein que lhe pede esclarecimentos, por carta, para a elucidação do problema da paz mundial, por ter Freud ‘*profundo conhecimento da vida pulsional do homem*’.

Para Einstein parece ser o mais urgente de todos os problemas que a civilização tem de enfrentar o de responder se existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra, tema que adquiriu significação de vida e morte para a civilização, estando convencido de que Freud será capaz de sugerir ‘*métodos educacionais*’, situados mais ou menos fora dos objetivos da política, os quais eliminarão esses obstáculos.¹⁶⁹

Freud responde delimitando os problemas da prevenção da guerra, acrescentando observações aos comentários de Einstein que expressa surpresa diante do fato de ser tão fácil inflamar nos homens o entusiasmo pela guerra, concordando com Freud de que existe em atividade uma pulsão de ódio e destruição (*ein Trieb zum Hassen und Vernichten*) que coopera com os esforços dos que pregam e propagam a guerra e não lutam pela paz.

Segundo Jones, Freud chegou a uma conclusão menos pessimista do que talvez pudesse ser esperada, mas, “a experiência da Primeira Guerra Mundial extinguiria qualquer ardor militar que ele mesmo pudesse ter sentido tempos atrás”.¹⁷⁰

Com o progresso da ciência atual, o tema da prevenção da guerra adquiriu grande significação, visto que todas as tentativas de solucioná-lo redundaram em fracasso, e, para Freud, dentre as considerações sobre a relação do homem com o direito, justiça, razão, (*Recht*), e o poder, potência, (*Macht*), ele substitui, por contraste, a palavra ‘poder’, (*Macht*), por ‘força’ (*Gewalt*), uma vez que os conflitos de interesses entre os homens, e os conflitos de opiniões, são solucionados pelo uso da força, seja pela violência bruta ou intelectualmente fundamentada.

Freud faz ver a Einstein que é a transfiguração (*Verklärung*) teórica da oposição entre o *amor* e *ódio*, mundialmente conhecida, que tem a ver com a polaridade *atração* e *repulsão* que desempenha um papel importante também na Física, reafirmando que as pulsões humanas são de duas categorias, as que tendem a conservar e unir, as pulsões ‘sexuais’ ou ‘eróticas’, no sentido do ‘*Eros*’ de Platão em seu *Symposium*, ampliando em muito o conceito

¹⁶⁹ FREUD, Sigmund. *Por que a Guerra?* (1933[1932]),v XXII, p.242. In: Band IX, p. 280.

¹⁷⁰ JONES, Ernest. *A vida e a Obra de Sigmund Freud*, v. 3, p. 342.

popular de sexualidade ao desmistificar a idéia de que o sexual serve apenas à finalidade de reprodução, e as outras pulsões que tendem a destruir e a matar, a pulsão de agressão (*Aggressionstrieb*) ou pulsão de destruição.

A pulsão de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*), por exemplo, de natureza erótica, dispõe, à sua ordem, da agressão para efetuar seu propósito. Analogamente, a pulsão amorosa (*Liebestrieb*),¹⁷¹ se dirigida a um objeto, necessita de uma cota da pulsão de posse, da pulsão de domínio (*Bemächtigungstrieb*) para conseguir apoderar-se do objeto.

E as ações humanas acham-se sujeitas a uma outra complicação: muito raramente uma ação é obra de um único impulso da pulsão por compor-se de *Eros* e destruição (*Destruktion*). Em regra, para que uma ação seja possível, muitos destes complexos motivos devem combinar-se, e, quando incitados à guerra muitos podem ter motivos semelhantes, manifestos, silenciados, e, dentre eles, o prazer, o desejo de agressão e de destruição.

As inumeráveis crueldades da história, da vida diária, e da violência cotidiana, confirmam a existência e a potência das pulsões de agressão, e a mescla destas tendências destrutivas com outras eróticas, e idealizadas, facilita a satisfação buscada. Parece a Freud que os motivos ideais, que inexitem, só servem de pretexto para os afãs destrutivos, e, quando se pensa nos horrores da guerra pode-se supor que a pulsão de destruição é ativa em todo o ser vivo, e tende a levá-lo à sua desintegração, sendo, portanto, pulsão de morte (*Todestriebes*), enquanto que as pulsões eróticas (*die erotischen Triebe*) representam o esforço à vida.

A pulsão de morte torna-se pulsão de destruição quando é dirigida para fora, para objetos, sendo que uma parte da pulsão de morte se mantém ativa no interior do ser e esta interiorização da pulsão de destruição explica numerosos fenômenos normais e patológicos.

A teoria da pulsão pode parecer uma espécie de mitologia,¹⁷² e Freud pergunta a Einstein se as ciências naturais não se orientam por uma espécie de mitologia como esta, podendo-se dizer o mesmo da Física.

Para Freud, são inúteis os propósitos para eliminar as inclinações agressivas dos homens, não se tratando de eliminá-las de todo, podendo-se, entretanto, tentar conseguir desviá-las a ponto de que não necessitem buscar sua expressão na guerra, na agressão, e a ‘mitológica’ teoria da pulsão facilita-o na busca da fórmula que contenha meios indiretos para combatê-las: se a disposição para a guerra é um escoamento das pulsões de destruição será preciso contrapor-lhes a *Eros*, as pulsões de vida.

Tudo o que estabeleça a união dos sentimentos entre os homens deve atuar contra

¹⁷¹ Freud, op. cit., p. 254. In. Band IX, p. 283.

¹⁷² Idem, p. 255. In. Band IX, p. 283.

a guerra, seja por sentimentos amorosos, desprovidos de fins sexuais, ou por outra vinculação afetiva como a que se realiza por identificação. Quando importantes elementos comuns são estabelecidos entre os homens os sentimentos de união despertam as identificações nas quais se fundam, em grande parte, a estrutura da sociedade humana, e, pelo compartilhar de interesses importantes, seria de se esperar de uma comunidade que os homens pudessem submeter sua vida pulsional à força da razão.

Quanto aos ‘métodos educativos’, Freud afirma que os abusos de poder dos estados e a censura do pensamento em nada favorecem a educação nem a dos homens que são os dirigentes e nem a dos que são os dirigidos, além do que uma guerra futura implicaria a eliminação de um ou de ambos os inimigos, devido ao aperfeiçoamento dos meios de destruição. Lembra que desde longos tempos se desenvolve na humanidade o processo da evolução cultural, a quem devemos o melhor do que temos alcançado e a uma boa parte do que ocasiona nosso sofrimento.

Assim, as modificações psíquicas que acompanham a evolução cultural são notáveis e inequívocas, e consistem em um progressivo deslocamento dos fins pulsionais, e em uma crescente limitação das suas tendências, haja vista que, para Freud, as sensações que eram prazerosas para os nossos antepassados são indiferentes, desagradáveis, ou ainda inadequadas para nós, e as nossas exigências ideais e estéticas atuais se acham modificadas.

As características psicológicas da cultura mais importantes são: o fortalecimento do intelecto que começa por dominar a vida pulsional, e a interiorização das tendências agressivas, com todas as conseqüências vantajosas e perigosas advindas disto.

A atitude psíquica imposta pelo processo cultural é negada pela guerra na forma mais violenta, e, por esta razão, Freud diz que somos destinados a nos rebelar contra ela, não mais podemos tolerá-la, e, incluindo-se entre os pacifistas, os que têm uma intolerância constitucional à guerra ampliada no mais alto grau, enfatiza que este não é apenas um repúdio intelectual e emocional, declarando a Einstein que ‘não mais suportamos a guerra, nos revoltamos contra ela, tanto pelo seu rebaixamento estético quanto pelas suas crueldades’.

Freud indaga por quanto tempo há que se esperar até que o resto da humanidade também se torne pacifista, pois, para ele, pode não ser utópico esperar que dois fatores ponham fim aos conflitos bélicos: a atitude cultural e o justificado temor das conseqüências que possam resultar de uma guerra futura. Conclui este artigo dizendo que tudo o que impulsiona e promove a evolução cultural deve trabalhar contra a guerra.

A eclosão da segunda guerra mundial aconteceu depois de Freud ter escrito este artigo, e só fez aumentar o seu pessimismo, obrigado que foi a refugiar-se, com a ajuda de

amigos, tendo a notícia da queima dos seus livros, e de outras atrocidades, além de ter tido que conviver com os horrores, as desumanidades, e as barbáries desta segunda guerra.

Freud sempre considerou a possibilidade da sublimação das pulsões agressivas e, como veremos a seguir, a sublimação contém um ‘juízo de valor’, por aplicar a energia das pulsões a um outro campo onde são possíveis realizações socialmente aceitas.

3.2 A sublimação da pulsão em realizações culturais

As cartas de Freud sempre tiveram um papel importante na elucidação do seu pensamento, e, dentre elas, as cartas a Fliess que cobrem um período de dezessete anos, de 1887 a 1904, do nascimento ao desenvolvimento da psicanálise nestes anos. Freud e Fliess revelaram um relacionamento dos mais intensos, movidos pelo saber, pela curiosidade, e amizade, e estas cartas são exemplo da possibilidade de sublimação da pulsão.

Você não apenas observou, mas também compreendeu que já não tenho nenhuma necessidade de desvendar minha personalidade por completo, e rastreou esse fato acertadamente até sua razão traumática. Desde o caso com Fliess, em cuja superação você me viu ocupado recentemente, essa necessidade se extinguiu. Parte da catexia (investimento) homossexual foi retirada e empregada para ampliar meu próprio eu. Logrei êxito onde o paranóico fracassa.¹⁷³

Em que pese a grande importância do lançamento destas correspondências, se procurarmos no seu índice uma referência à sublimação ela não é encontrada, todavia, a sublimação já aparece aí como uma estrutura de proteção:

Em primeiro lugar, adquiri uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas do passado. A algumas se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamento deles, e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal.¹⁷⁴

¹⁷³ MASSON, J. M. *A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, p. 03. Segundo Jones, esta carta de Freud foi endereçada ao amigo e colega Sándor Ferenczi, em 1910.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 240. Carta de 1897.

As fantasias se erguem à frente das cenas do passado, e procedem de coisas que foram ouvidas, ganhando destaque nesta formulação de Freud o que viria a ser designado de objeto voz, da pulsão invocante, da zona do ouvido, sendo que não é a voz, enquanto objeto da pulsão, que é a sustentação do desejo, pois o que sustenta o desejo é a fantasia, e o sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto significante cada vez mais complexo.

Freud dirá, por esta época, que as sublimações podem servir para suavizar a mágoa contra outra pessoa quando do esquecimento do seu nome, e o motivo pode ser mais sutil do que outros esquecimentos analisados, como os dos atos falhos, entre a intenção consciente e o recalcado, e o motivo do esquecimento de determinado nome pode consistir em um ressentimento que se denomina de ‘sublimado’ contra o dono do nome esquecido, servindo as sublimações também para diminuir, atenuar, um ressentimento contra alguém.¹⁷⁵

Adquirindo uma noção segura da estrutura clínica da neurose histérica, afirmando que o histérico sofre de reminiscências, Freud relata o caso clínico de Dora, paradigma da histeria, onde reconhece que o analista tem o seu lugar na transferência.

Refere-se a uma jovem de dezoito anos, que, dentre outros transtornos e sintomas, faz uma ameaça de suicídio, e logo inicia um tratamento analítico com Freud, em 1900, chegando à análise com uma queixa, uma reclamação, endereçada ao pai que deve optar entre sua amante ou ela, sua filha.

À primeira vista, trata-se de um ciúme dirigido à mulher do pai que, no caso de Dora, diz respeito não só a sua divisão enquanto sujeito histérico, expressa no imaginário entre queixa e reivindicação, quanto, principalmente, no mistério de sua própria feminilidade.

Com uma temática semelhante foi lançado um livro na França, em 1954, transformado em filme, numa literatura de pós-guerra de grande tiragem, de título retirado do verso de Paul Eluard (1895-1952) - *Bonjour tristesse* - Bom dia tristeza - onde a escritora Françoise Sagan relata a história de uma jovem de dezessete anos que, ao se deparar com a nova namorada do pai, tenta separar o casal provocando um acidente que resulta na trágica morte da namorada do pai, na mesma queixa velada de Dora, ‘ou sua amante ou eu, sua filha’, sem ter sido dirigida a um (a) analista, ou seja, sem ter sido elaborada sob transferência.

Freud considera a possibilidade da sublimação das pulsões agressivas, sendo a sublimação um conceito que contém um ‘juízo de valor’, significando, na verdade, a aplicação da energia das pulsões a outro campo em que são possíveis realizações socialmente aceitas, reconhecidas e mais valiosas.

¹⁷⁵ FREUD, Sigmund. *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), p.47.

Desvios semelhantes do objetivo de agressão para outras realizações são demonstráveis em ampla escala no tocante à pulsão de destruição.¹⁷⁶

As atividades que reorganizam ou efetuam mudanças são, em certa medida, destruidoras, e, assim, desviam uma porção da pulsão de seu objetivo destruidor inicial, sendo que a pulsão sexual não pode atuar sem alguma medida de agressividade, e é na combinação regular das duas pulsões que pode haver uma sublimação parcial da pulsão de destruição.

A pulsão de investigação, por exemplo, pode ser considerada como uma completa sublimação da pulsão agressiva ou destruidora, sendo que o movimento para dentro do impulso agressivo é naturalmente a contrapartida do movimento para fora da libido, quando a libido passa do eu para os objetos.

A questão da agressividade é resumida e esquematizada na carta à Marie Bonaparte, onde Freud diz que toda libido, no início da vida, dirige-se para dentro, enquanto que toda a agressividade se dirige para fora, o que se modifica, aos poucos, no decorrer da vida, mas não sem dificuldades. Reconhece que o entendimento da sublimação da pulsão agressiva é difícil até para ele que a estuda há tantos anos, e, mais difícil ainda é a compreensão do recalque da agressividade, ficando fácil estabelecer a presença da agressividade, mas não ficando claro se a agressividade é latente pelo recalque ou de algum outro modo, como na formação de reação, quer dizer, na oposição consciente contra um dado impulso agressivo, sendo a formação reativa uma subespécie de sublimação, e, geralmente, essa agressividade é latente ou recalcada por meio de alguma contra compensação, isto é, por meio de um investimento erótico que se aproxima do tema da ambivalência afetiva.

A definição da sublimação aparece com um teor semelhante nos *‘Três Ensaios’*, e; no caso *‘Dora’*, trabalhos lançados no mesmo ano, onde Freud aborda as relações recíprocas entre mãe e filho (a), na escolha do objeto libidinal do ponto de vista do sujeito:

A vida sexual de cada um de nós se estende, às vezes, ligeiramente - ora numa direção, ora noutra - além das estreitas linhas impostas como padrão de normalidade. As perversões não são bestiais nem degeneradas no sentido da palavra, são o desenvolvimento de germes contidos na disposição sexual não diferenciada da criança e cujo recalque, ou orientação para fins assexuais mais elevados - sublimação - estão destinadas a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais.¹⁷⁷

¹⁷⁶ FREUD, Sigmund. *Carta a Marie Bonaparte*, 27/maio/1937. In: JONES, Ernest. V.III, p.449.

¹⁷⁷ FREUD, Sigmund. *Fragmentos da Análise de um caso de Histeria* (1905[1901]), p.47.

Trata-se, no caso da neurose, da possibilidade do recalque que opera de uma maneira perfeitamente individual, cada derivado isolado do recalco podendo ter seu próprio destino, e o recalque e a sublimação da pulsão são recursos que o eu emprega para atender às exigências de si próprio, do isso, do supereu, e do mundo externo, defesas que consistem em investir as energias das pulsões, e no caso das pulsões perversas, para um grande número de realizações culturais, pulsões capazes de serem desviadas de suas satisfações originais, no caso da sublimação, ou inibidas em suas metas como acontece no recalque.

No tratado sobre os ‘Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade’, Freud apresenta a libido como um termo que corresponde à pulsão sexual, assim como a fome esta posta para a pulsão de nutrição, libido que significa vontade e desejo em latim, e o seu uso em psicanálise diz da força das pulsões sexuais dirigidas para um objeto, sendo libido um termo ligado a teoria da afetividade, da energia psíquica do desejo, sendo a libido, para Freud, de natureza masculina, pois a pulsão é sempre ativa mesmo que tenha como alvo um objetivo passivo, tendo definido ainda a libido como a energia da pulsão de vida, a tudo o que se pode entender por amor, designando o aspecto psíquico da energia da pulsão sexual.¹⁷⁸

Para Freud é usual para a maioria das pessoas normais demorarem-se no alvo de um olhar sexualizado, e isto lhes oferece uma possibilidade de orientar uma parte de sua libido para outros alvos que não os sexuais propriamente ditos, ou seja, este prazer de olhar (*die Schaulust*), pode, no adulto normal, ser desviado, sublimado, do alvo diretamente sexual para outros alvos, mudando de objeto que pode variar para outras possibilidades de satisfação da pulsão escópica. Por outro lado, também pode vir a torna-se uma perversão (*Perversion*) se se limitar e restringir-se (*einschränkt*) exclusivamente ao prazer de olhar os genitais, se estiver associado à anulação da repugnância (*Ekels*), da repulsa, nos casos de *voyeurismo*, ou ainda, em outras palavras, se, em vez de ser afastado, este prazer chegar a suplantar o alvo sexual normal (*das normale Sexualziel*).¹⁷⁹

A libido do eu ou libido narcísica, e a libido que se concentra nos objetos, fixando-se neles, a libido objetual, pode abandonar os objetos, deixando um objeto por outro, e, assim, a libido, em seus investimentos e contra investimentos, é capaz de deslocamentos e

¹⁷⁸ A palavra ‘*Wunsch*’ pode ser traduzida por desejo que denota aspiração, anseio, um voto formulado. ‘*Begierde*’ traduz o desejo veemente, desejos satisfeitos e ainda desejo de apetite; e ‘*Lust*’ denota satisfação, a sensação de tensão sexual e de satisfação desta tensão, podendo ser traduzida por gozo, mas, no mais das vezes, a traduzimos por prazer. ‘*Genuss*’ traduz mais especialmente o gozo, e o gozo do uso-fruto, do gozar do direito a algo, a algum bem, como o gozo da vida, ou do sintoma.

¹⁷⁹ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905), p. 158. In: Band V, p.66.

transformações quanto ao alvo pulsional como o que ocorre na sublimação.

A libido, enquanto força e energia da pulsão sexual, pode também se ligar às pulsões destrutivas, como já vimos, à própria pulsão de morte, ao desejo de destruição, e o desejo constitui para a psicanálise uma noção colocada em primeiro plano e mesmo considerando o desejo consciente, aqueles desejos dos quais temos conhecimento, o desejo diz respeito, mais fundamentalmente, ao desejo inconsciente, aos desejos de desejos criadores dos sintomas e formadores dos sonhos dos neuróticos, ou seja, das pessoas normais.

Embora Freud tenha escrito um capítulo especial para o recalque e tenha dado a entender que trataria em outro lugar sobre a ‘Sublimação’ quando anunciou que uma pulsão pode passar por quatro vicissitudes no artigo já trabalhado sobre as pulsões e seus destinos, de 1915, o artigo sobre a sublimação, se foi escrito, nunca foi encontrado, talvez tenha sido perdido, ou extraviado, e Freud não fez mais nenhuma menção a ele, o que não o impediu de ter lançado luz sobre a sublimação até o final da sua obra.

Anos antes, dedica um estudo à sublimação na sua conferência nos Estados Unidos sobre a transferência analítica, e, para ele há ligação entre as neuroses, as afecções nervosas, e as outras produções da vida mental, mesmo as mais altamente apreciadas, e, por conta das elevadas aspirações de nossa cultura, e sob a pressão das suas muitas repressões, a realidade se torna insatisfatória e por isso mantemos uma vida de fantasia, imaginária, cujo conteúdo pode se transformar em sintomas.

Quando se possui dotes artísticos, preciosos dons, as fantasias são transformadas em realidade nas mais variadas criações, e podem, conforme as circunstâncias, resultar numa sublimação compensadora, ao contrário dos muitos recalques que fazem com que sejam perdidas energias que são de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida, e,

Conhecemos uma solução muito mais conveniente, a “sublimação” pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas, ao contrário, permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quicá não mais de ordem sexual. Exatamente, a pulsão sexual parcial se caracteriza por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social. Ao reforço de energia para nossas funções mentais, por essa maneira obtido, devemos provavelmente as maiores conquistas da civilização.¹⁸⁰

Esta faculdade de sublimação das pulsões difere da capacidade delas de serem recalçadas, sendo destinos diferentes, sabemos, e, se não são mutuamente excludentes consti-

¹⁸⁰ FREUD, Sigmund. *Cinco lições (conferências) de Psicanálise*. (1910[1909], v. XI, p.50.

tuem mecanismos distintos, e, nesta conferência, Freud opõe os dois processos, uma vez que o recalque exclui a sublimação da pulsão recalçada, e quando desfeito o recalque, o que pode ocorrer numa análise, o caminho para a sublimação fica novamente livre.

As exigências da sociedade tornam o viver muito difícil para a maioria dos seres humanos sem que o excesso de coerção de satisfação libidinal traga maiores benefícios à coletividade.

Freud chama à atenção para não perdermos de vista a nossa natureza animal, nem esquecermos que a felicidade individual não deve ser negada pela civilização, e que não devemos nos esforçar em desviar a totalidade da energia da pulsão sexual da sua satisfação, o que não o conseguiríamos, pois nem tudo pode ser sublimado, e o cerceamento social exagerado trará junto com ele todos os danos de uma exploração inócua e abusiva, ideia ilustrada numa anedota antiga de um vilarejo chamado ‘*Schilda*’, e de seus habitantes são contadas todas as espertezas possíveis, cuja moralidade pode ser inferida. Eles possuíam um cavalo e estavam satisfeítíssimos com o seu trabalho e força. Lamentavam só uma coisa:

consumia muita aveia e esta era cara. Resolveram ir diminuindo a ração de alguns grãos, até acostumá-lo à abstinência completa. Durante certo tempo tudo correu bem; o cavalo já estava comendo apenas um grãozinho e no dia seguinte deveria finalmente trabalhar sem alimento algum. No outro dia amanheceu morto o pérfido animal sem que os cidadãos de *Schilda* soubessem explicar o porquê. Nós nos inclinaremos a crer que o cavalo morreu de fome e que sem certa ração de aveia não podemos esperar em geral trabalho de animal algum.¹⁸¹

Outra analogia voltará a ser feita por Freud ao citar o mais amplo saber instintivo dos animais no caso clínico do “Homem dos Lobos”, ao tempo em que coloca questões relativas ao recalque e à sublimação das pulsões, e da falta de êxito do seu paciente em manter uma nova sublimação livre da mistura que esta derivava de fontes recalçadas, e de como encontrou, depois, uma forma de sublimação para a sua impulsão masoquista.

Em síntese, trata-se da história de uma neurose infantil de um jovem que se mostrava totalmente incapaz na idade adulta quando demandou uma análise, e o sonho com lobos é o motivo importante e central que dá o nome ao caso, sonho ocorrido aos três, quatro, ou no máximo cinco anos de idade, que remete a algo que deve ter pertencido a um período ainda mais remoto de uma cena primária presenciada aos dezoito meses de idade.

¹⁸¹ Ibid., p.51.

São analisados neste caso clínico, brilhantemente descrito por Freud, e visto aqui de forma bastante resumida, os traços de memória e os significantes que ficaram da história infantil registrados no inconsciente, os erros de linguagem e as trocas de letras das palavras indicando um retorno à lembrança do que foi significativamente gravado do ouvido, visto, falado, vivido, na infância, da importância das primeiras lembranças e impressões que inclui, neste caso, um testemunho da cena de uma cópula dos pais, interpretada pela criança, à época, como uma cena de violência, e da relação entre esta cena primária e as fantasias.

Os diversos distúrbios da organização oral da libido são re-construídos, a religiosidade expressa em rituais obsessivos e sintomáticos, os impulsos da libido homossexual, o sentimento de culpabilidade, a angústia envolvida nas fobias animais, de lobo, de leão, de borboleta, e os estados patológicos da depressão, da tristeza.

Há transformação de parte do sadismo em antítese passiva masoquista, pulsões parciais contrárias, o medo da morte, o medo da vida, o medo do pai conscientemente representado pelo medo do lobo, fobias e angústias derivadas da angústia de castração.

Há uma referência ao ‘instintivo’ quando Freud considera a conduta da criança diante da cena primitiva reativada, recordando as reações bem mais simples da criança de ano e meio ao presenciar a cena sexual entre os pais, sendo difícil afastar a hipótese da cooperação de uma espécie de conhecimento prévio, não facilmente determinável, e semelhante a um preparo para a compreensão que estivesse já agindo no bebê, e que parece inteiramente impossível de imaginar em que possa ter consistido este conhecimento, a não ser comparando-o ao mais amplo saber instintivo dos animais (*instinktiven Wissen der Tiere*).

Este elemento ‘instintivo’ seria o núcleo do inconsciente, uma atividade mental primitiva mais tarde destronada e substituída pela razão humana, que, porém, conserva muitas vezes o poder de rebaixar até seu nível os processos psíquicos mais elevados.

O recalçamento seria um regresso, um retorno, a esta fase e o homem pagaria a nova aquisição da faculdade da razão com a sua sujeição aos sintomas, à neurose, algo como um preço a pagar pela sua inserção no simbólico, pelo seu ser de linguagem.

A significação dos traumas da infância consistiria em que os mesmos levariam a este inconsciente um material que o protegeria de ser suprimido pela evolução ulterior:

Sabemos que estas hipóteses que acentuam o fator hereditário filogeneticamente adquirido da vida psíquica (*Seeleleben*) têm sido já repetidamente propostas, e que há mesmo certa tendência a lhes conceder um lugar na investigação psicanalítica. Por nossa parte, somente nos parecem admissíveis no momento em que a psicanálise, observando todas as

instâncias, chega aos vestígios do herdado, depois de ter penetrado através das camadas do que foi individualmente adquirido.¹⁸²

Desta forma, na sublimação há substituição, em vez de supressão, de um objeto por outro, para a sua satisfação, e esta ocorre conscientemente, e uma mudança de objeto indica as variáveis para a obtenção da satisfação buscada, sendo que a fórmula lacaniana mais geral da sublimação é a de que “a sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa”¹⁸³

Sendo assim, a pulsão sublimada possui a capacidade de desviar-se das finalidades sexuais diretas, para outras metas também libidinizadas, desviando-se do seu alvo original, mudando de objeto e elevando-o a uma outra dignidade, a este lugar da ‘Coisa’, o ‘*das Ding*’ que Freud teoriza desde o ‘*Projeto*’, do não representável em torno do qual se organizam as representações, objeto a ser imaginado, criado, inventado, de função especial que pode ser aprovado, valorizado, dirigindo-se a pulsão no sentido de outros alvos não diretamente sexuais para onde converge a libido sublimada, como as energias empregadas nas artes, nas ciências, nas criações, e nas diversas formas de atividades que resultam em outros fins para a satisfação da pulsão.

Portanto, as pulsões sublimadas capacitam o emprego das energias em contribuições às realizações sociais e artísticas, e, como já dissemos, em relação à educação (*Erziehung*), a sublimação desvia as pulsões de finalidades inaceitáveis para outros objetivos mais valiosos que possibilitam, ainda que sublimada, a satisfação da pulsão sexual parcial.

As pulsões, já vimos, estão ligadas às fontes de estimulação, fontes de estímulo do próprio organismo, olho, boca, ouvido, ânus, e o objetivo da pulsão é fazer cessar ou baixar o *quantum* de excitação tornando possível a consecução da sua satisfação, seu prazer.

As impressões derivadas dos sentidos, do tocar, do tátil, do ver, do ouvir, do falar, sejam elas impressões visuais, virtuais, factuais, fantasísticas, imaginativas, sejam impressões das idéias, das palavras, do pensamento, são caminhos freqüentes ao longo dos quais uma estimulação libidinal é despertada e que pode ser vivida enquanto pulsão, ou recalçada, ou ainda sublimada, quer dizer, transformada em criação, em laço social, em socialização, seja na arte, que tem na poesia uma ligação privilegiada com o significante, na religião, e na ciência, na educação, sendo importante ressaltar que, para Freud, as operações de sublimação são sempre eticamente, socialmente e culturalmente valorizadas.

¹⁸² FREUD, Sigmund. *História de uma Neurose Infantil* (1918[1914]), p.149. In: Fischer, p. 243.

¹⁸³ LACAN, Jacques. *Seminário 7, a ética da psicanálise* (1960[1959]), p. 141.

3.3 O mal-estar na cultura, na civilização

Freud retorna aos antigos problemas culturais, que sempre lhe despertaram interesse, e em 1912, empreende a importante obra de *'Totem e Tabu'* considerada por ele como a melhor das suas atividades criativas, de cunho antropológico, sociológico, onde investiga as origens da família primitiva, da horda do pai primevo, do assassinato deste pai, da culpa gerada por este crime, do totem como sendo o primeiro substituto do pai, vindo depois o deus como um substituto posterior no qual o pai recupera a sua forma humana, da relação estreita entre religião e neurose obsessiva, enfim, da origem da moral, da moralidade.

No totemismo e na arte primitiva o homem não tinha repugnância em atribuir sua ascendência a um ancestral animal, e mesmo os deuses assumiam formas de animais.

Interessante observar que uma criança não vê diferença entre a sua própria natureza e a natureza dos animais, não se espanta com animais que pensam e falam nas histórias e nos contos de fadas, e, pelo que Freud observou nas fobias, uma criança pode transferir uma emoção de angústia, e mesmo de medo, que sente pelo seu pai para um lobo, um cão ou um cavalo, sem pretender com isso qualquer depreciação dele, e só quando adulta é que os animais se tornam tão estranhos a ela “que chega a usar os seus nomes para aviltar os seres humanos”¹⁸⁴

As pesquisas de Darwin puseram fim à presunção do homem de ser superior aos animais, e foi este o segundo golpe desferido no seu narcisismo, o golpe biológico: ele não é um ser diferente dos animais, tem uma ascendência animal, mais estreita com algumas espécies, em sua estrutura física ou em aptidões mentais, mais distantes de outras, e as conquistas que realizou não conseguiram apagar as evidências destas analogias, e embora tenha adquirido uma posição dominante, mostra-se pouco satisfeito com essa supremacia colocando um abismo entre a sua natureza e a dos animais, dito sem posse da razão, atribuindo-se uma alma imortal e divina o que justificaria qualquer rompimento com eles.

Segundo Freud, o primeiro dos golpes no narcisismo universal dos homens foi o cosmológico. A posição que se acreditava ser central da Terra, com o sol, a lua e os planetas ao seu redor, era para o homem um sinal do papel dominante no cosmo, o que fortalecia sua propensão de achar-se senhor do universo.

Os pitagóricos já haviam duvidado desta posição privilegiada da Terra, e Freud ci-

¹⁸⁴ FREUD, Sigmund. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), p. 175.

ta Aristarco de Samos que já declarava, no séc. III a.C., que a Terra era muito menor que o sol e movia-se ao redor dele, o que a descoberta de Copérnico veio confirmar, quebrando a ilusão narcísica do homem, o de ser a Terra o centro do universo, nesta constatação cosmológica.

E, como se já não bastasse, Freud introduz a psicanálise afirmando que o eu não é senhor em sua própria casa, constituindo o terceiro golpe no amor próprio dos homens, de natureza psicológica, sendo o que mais fere e o que mais provoca aversão e resistência, e o que mais teime em ser ignorado por tocar individualmente a cada um.¹⁸⁵

Então o eu não é autônomo, não se mostra sempre harmônico, superior às outras instâncias, sintetizador e integrador dos pensamentos, das emoções, das pulsões?

A resposta está longe de ser afirmativa, e, embora ferido narcisicamente o homem busca se sentir superior em seu próprio psiquismo. Desenvolve a sua observação a fim de manter-se atento aos seus impulsos e ações, verificando se se harmonizam com as suas exigências, e caso essas pulsões e impulsos não se harmonizem são inibidos e afastados.

A mente é complexa, um labirinto de impulsos que se esforçam no sentido da ação, uma multiplicidade de pulsões nas interações com o mundo externo, muitas das quais antagônicas e incompatíveis, e a consciência tenta dar ao eu notícias das ocorrências importantes nas operações mentais, e a vontade, e a consciência, dirigidas por essas informações, executa o que o eu ordena, mas, como vimos, as coisas não funcionam bem assim. O eu sente-se com limitado poder em sua própria casa, outros pensamentos emergem mais poderosos do que os comandados por ele, e os impulsos parecem-lhe estranhos, sendo que as pulsões sexuais se rebelam e assumem sua própria via, resultando em sintoma, experimentado como algo estranho, e pouco reconhecido como derivado das pulsões, sendo uma satisfação substitutiva para elas, tendo o sintoma valor de metáfora.

Em alguns casos de conflito pulsional, a inteligência falha, a consciência não dá conta do que é processado entre as instâncias psíquicas, e só reage aos eventos quando estes já passaram e quando nada mais pode ser feito para modificá-los. Contudo, aprendendo a se conhecer mais e melhor há maior chance de um possível entendimento do porquê de se estar propenso a tal ou qual forma de adoecimento, sendo possível a sua elaboração, embora Freud reconheça que o *eu* representa o centro de todas as resistências, e resiste a modificações, a tratamentos, por portarem os sintomas um gozo paradoxal mesmo na dor, no sofrimento.

Duas descobertas ilustram este *eu*, equivalendo à afirmação de que ele não é o senhor em sua própria casa: a de que a vida das pulsões sexuais não pode ser inteiramente do-

¹⁸⁵ Ibid., p. 175.

minada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o eu e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e falhas. Para Freud, o reconhecimento dos processos mentais inconscientes tem grande significado para a ciência e para a vida, e, entre os filósofos precursores destas idéias, Schopenhauer é citado como o filósofo cuja ‘vontade’ inconsciente equivale às pulsões psíquicas da psicanálise.¹⁸⁶

O papel exercido pela educação e pelo ambiente cultural é enorme e não só oferece benefícios no tocante ao amor, na busca de reconhecimento, de ser amado, como no ganho de recompensas e punições, cujos resultados podem vir a não serem os esperados pela incessante supressão da pulsão e pela tensão resultante disso em fenômenos de reação e compensação. A transformação da pulsão baseada na nossa suscetibilidade à cultura sofre vicissitudes pelos impactos da vida, e, quanto aos impactos que a morte nos causa, revelamos uma tendência para pôr a morte de lado, embora a perda de alguém próximo e querido nos force a lembrar que somos também seres mortais, criaturas finitas, incompletas, transitórias.

O programa do princípio do prazer, de cuja eficiência Freud não duvida, e que rege as operações do aparelho psíquico, encontra-se em desarmonia com o universo inteiro que não funciona de acordo com os desejos humanos, e até se opõe às suas vontades, suas pulsões, seja no macro quanto no microcosmo. Resulta daí que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ (“*Glück*”) não se acha incluída no plano da criação, e que as nossas possibilidades de felicidade, e mesmo a tênue sensação de contentamento, estão limitadas por nossa própria constituição, enquanto que a infelicidade é muito mais fácil de experimentar.

O sofrimento nos ameaça de três lados: do nosso próprio corpo que, condenado à decadência e a dissolução, nem sequer pode prescindir dos sinais de alarme que representam o sofrimento e a angústia; do mundo externo capaz de voltar-se contra nós com forças destruidoras, onipotentes e implacáveis; e, por fim, do nosso próprio relacionamento com os outros seres humanos, e este sofrimento talvez nos seja mais doloroso do que qualquer outro, e, pior, ele não é menos inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes.¹⁸⁷

Diante da pressão de tantas possibilidades de sofrimento, Freud diz que não é de admirar que os homens tenham se acostumado a moderar suas reivindicações e expectativas de felicidade, e, que em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. Contudo, de modo algum significa que se possa pretender renunciar ao propósito de satisfação da pulsão para se lograr certa proteção contra o sofrimento, pelo fato

¹⁸⁶ Ibid., p. 178.

¹⁸⁷ FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]), p.149. In: Fischer-Bücherei, p. 105.

de que a que a insatisfação das pulsões domadas provoque menos dor que a das pulsões não inibidas. Em troca, produz-se uma inegável limitação das possibilidades de prazer, pois o sentimento de felicidade derivado da satisfação de um indômito impulso da pulsão, não sujeito ao controle do eu, é incomparavelmente mais intenso daquele que é sentido do derivado da satisfação de uma pulsão que já foi dominada.

Tal é a razão econômica do caráter irresistível que alcançam as pulsões perversas e talvez da atração que exerce, em geral, as coisas proibidas, segundo Freud.

Não obstante, encontra-se previsto em nosso psiquismo um possível deslocamento da libido que confere flexibilidade em seu funcionamento.

Consiste, como já vimos, em reorientar, realinhar, os fins pulsionais de maneira tal que evitem a frustração do mundo exterior, e a sublimação das pulsões contribuem para este resultado, que será ainda melhor se se puder acrescentar ao prazer alcançado um trabalho psíquico e intelectual. São sublimações as satisfações obtidas como as que o artista experimenta na sua obra de criação, na arte, na encarnação de suas fantasias, e o investigador na solução de seus problemas, no descobrimento da verdade, e, assim este destino pulsional parece a Freud mais nobre e mais elevado. Entretanto, esses recursos da capacidade de deslocamento da libido não estão postos para todos, e nem em todas as situações.

3.4 O sentimento de culpa, consciente e inconsciente

Freud inaugurou a psicanálise chamando-a de psicologia das profundezas, e, como tal, capaz de responder a um bom número de questões que a psicologia da consciência era impotente para tratar, e, *profunda*, segundo Lacan, certamente em razão do alcance superficial da psicologia da época, e cujo lugar a psicanálise tomou.

O simbolismo do crime foi o primeiro sobre o qual a experiência analítica demonstrou, através dos seus efeitos patógenos, de como este simbolismo repercute no indivíduo: “dos efeitos patogênicos que ela descobriu o sentido, designando-os audaciosamente pelo sentimento que lhes é correspondente na vivência: a culpa”.¹⁸⁸

A importância da revolução freudiana é manifesta no uso que é feito em psicolo-

¹⁸⁸ LACAN, Jacques. *Escritos. Funções da psicanálise em criminologia*, (1950), p, 131.

gia desta categoria de culpa, desconhecida que era, ou, quando muito, reduzida de forma inadequada, e somos devedores à iniciativa freudiana de ter introduzido em psicologia esta noção, e a primeira situação desta noção de culpa -

é justamente a do crime em suas duas formas mais abomináveis, o Incesto e o Parricídio, cuja sombra engendra toda a patogênese do Édipo. (...) e que, com *Totem e tabu*, em 1912, tenha querido demonstrar no crime primordial a origem da Lei universal. (...) Assim veio à luz a concepção do *supereu*, inicialmente fundamentada em efeitos de censura inconsciente que explicavam estruturas psicopatológicas já identificadas, logo depois esclarecendo as anomalias da vida cotidiana, e, por último, correlata à descoberta de uma morbidez imensa, ao mesmo tempo que de seus móveis psicogénéticos: a neurose de caráter, os mecanismos do fracasso, as impotências sexuais. Revelou-se assim uma imagem moderna do homem que contrastava estranhamente com as profecias dos pensadores do fim do século, imagem tão derrisória para as ilusões alimentadas pelos libertários quanto para as inquietações inspiradas nos moralistas pela emancipação das crenças religiosas e pelo enfraquecimento dos laços tradicionais.¹⁸⁹

Portanto, a importância da obra *Totem e tabu* é que ela faz derivar de um evento mitológico uma dimensão subjetiva que lhe dá sentido, ou seja, a culpa pelo assassinato do pai. Surge o *tabu* como criação cultural, e tornou-se claro que, frequentemente, a função patológica nada mais é que uma regressão a uma etapa anterior na evolução da função normal, e os dois desejos que se combinam para formar o complexo de Édipo coincidem precisamente com as duas principais proibições, as duas leis impostas pelo totemismo: não matar o ancestral tribal, e não casar com nenhuma mulher pertencente ao próprio clã.

A significação do complexo de Édipo é tal que a ordem social, a moral, a justiça, e a religião surgiram juntas como formações reativas contra este complexo, nas primeiras eras da humanidade, pois onde existe uma proibição tem que haver um desejo subjacente, senão não seria preciso existir uma lei para proibi-lo, e as formas de reações contra as pulsões funcionam conscientemente como uma espécie de sublimação delas.

Freud conclui o *Totem e tabu* insistindo em mostrar, dentre outras teses, que os começos da religião, da moralidade, da sociedade e da arte (*Religion, Sittlichkeit, Gesellschaft und Kunst*) têm a ver com o complexo de Édipo, núcleo de todas as neuroses.¹⁹⁰

Este complexo é referido desde o início da psicanálise, cujo destino nos comove porque poderia ter sido o nosso, e, para Lacan, o Édipo Rei de Sófocles realiza os sonhos da

¹⁸⁹ Ibid., p. 132.

¹⁹⁰ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu* (1913[1912]), *E.S.B.*, v. XIII, p. 155. In: Band IX, p.439.

infância, por um complexo que passa, se dissolve, pois nenhum desses amores incestuosos pode evitar o destino do recalque, a não ser em casos patológicos, e, ao mesmo tempo que ocorre o processo do recalque, surge um sentimento de culpa. E Freud fala em consciência de culpa, em sentimento de culpa, e em sentimento inconsciente de culpa, ou culpabilidade, e esta culpa é constitutiva do sujeito e está na base do que Freud chama de mal-estar na cultura.

Essas descobertas da psicanálise sempre tiveram uma grande repercussão, sendo desenvolvidas por inúmeros outros psicanalistas, como Pfister, em Zurique, que despertou nos professores religiosos e de formação secular o interesse por estes temas, demonstrando a importância das teses da psicanálise e o ponto de vista psicanalítico para a educação.¹⁹¹

Outro ponto importante a se destacar no mal estar atual da cultura diz respeito aos problemas da psicologia social, e aos da educação: a relação do sujeito com o pai.

Nesta conexão, Freud alude ao problema psicológico que pode ser encontrado na raiz de muitas instituições culturais importantes: a existência simultânea de amor e de ódio para com os mesmos objetos. Ambivalência emocional que pode ser um fenômeno fundamental de nossa vida afetiva, e que pode ter sido adquirida pelos indivíduos em conexão com o complexo paterno, e, como ele denomina, o complexo-pai (*Vaterkomplex*).

Em sua normalidade, a função do complexo de Édipo é de sublimação, assumindo o indivíduo uma frustração libidinal para depois transcender a si mesmo numa sublimação normativa, ou seja, numa reformulação identificatória do sujeito, e, para Lacan, o ideal do eu pode ter uma função apaziguadora na conexão da sua normatividade libidinal com uma normatividade cultural, ligada à imagem do pai desde o alvorecer da história.¹⁹²

E é esta imagem do pai que se encontra em declínio, na atualidade, problematizada, e os debates que marcam os destinos da civilização na contemporaneidade têm acentuado este declínio da *imago* paterna.

As formas dos sintomas mudam, como temos acompanhado, impelidas pelas transformações que vão ocorrendo nas relações entre os homens, e que repercutem no Outro social, e, para Santiago, não se precisa acompanhar essa avalanche ideológica em defesa da família, em defesa dos desígnios atuais da paternidade. No entanto,

não é difícil notar como alguns psicanalistas se sentem compelidos a aceitar o desafio de responder a essa demanda social, principalmente quando ela se apóia sobre a questão da saúde mental ou das condições reais de desamparo

¹⁹¹ FREUD, Sigmund. *Dois verbetes de enciclopédia* (1923[1922]), *E.S.B.*, v. XVIII, p. 306.

¹⁹² LACAN, Jacques. *Escritos. A agressividade em psicanálise* (1948), p. 119.

da infância. (...) Acredita-se que, na ausência do pai, diante de sua omissão e impotência para ocupar o lugar de chefe de família, a função da autoridade paterna – essencial para a transformação da criança em ser social – poderia ser assegurada pela via da lei jurídica. Contudo, essa iniciativa e empreendimento também revelaram sua ineficácia.¹⁹³

O psicanalista não participa desse debate para consentir com as diversas medidas sociais que visam salvar o pai, uma vez que a interferência do Estado moderno deixa de se ocupar exclusivamente dos assuntos públicos para também atuar no domínio da vida privada, parecendo claro a Santiago que essa interferência do Estado se exprime pela interpelação de que os diversos organismos da sociedade civil venham suprir a omissão, ou mesmo a irresponsabilidade de alguns pais na modernidade, e nessa tarefa de gestão das desordens familiares, o Estado dá provas, muitas vezes, de uma intromissão sem limites na esfera da vida privada, e, por mais subversivo que possa ser,

tratar-se-ia, antes de tudo, de buscar manter o irredutível da função paterna, visto ser mediante esse ponto que o desejo advém para cada sujeito. E, nessa interlocução com as outras formas de discurso o psicanalista também formula sua própria demanda, a saber, o direito de examinar o que um pai foi para uma criança em cada caso, pois um pai só se julga um a um.¹⁹⁴

Esta expressão é citada de Laurent, ‘um pai só se julga um a um’, ao dizer que os psicanalistas não estão aí para salvar o pai, mas para trazer o seu ‘nome’, o nome do pai, para a consideração científica. Afirmando ainda que, se o motivo for imperioso, pode-se mesmo justificar a demanda de mais proteção social para o desamparo da criança diante da omissão dos pais, da mãe e do pai, e, acentua que nos países de língua latina, assiste-se ao mesmo movimento, justificado de outra forma, pois se trata aí de uma defesa do homem, do pai, e o psicanalista é frequentemente convocado para sustentar essa espécie em extinção, principalmente se se supõe ser ele um psicanalista lacaniano.

Laurent desenvolve toda uma relação com a saúde pública e a sociedade numa afirmação renovada de fazer a psicanálise existir no mundo que aí está e no futuro:

A distinção entre Estado e sociedade civil é a nossos olhos especialmente

¹⁹³ SANTIAGO, Jésus. *Pontos para uma investigação sobre a família*. (1987), p. 39

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 40

útil na época que vivemos, época de um duplo movimento: de um lado, os mercados se tornando cada vez mais comuns ao ponto de serem globais; de outro, os Estados que lutam através de leis, intervenções administrativas, operações policiais, ou guerras, para reconquistar sua legitimidade e não serem absorvidos pela administração das coisas. Esta configuração complexa define um estado de cultura que jamais se mostrou tão globalizante. (...) aquilo que agora chamamos cultura está obsedada por um apelo à ordem mundial que fixaria a distribuição do sujeito da ciência nos espaços regidos pelo mercado e diria como é que os antigos significantes mestres devem, aí, encontrar seu lugar. Nesses apelos à ordem, multiformes, devemos distinguir o fim dos anos 80 e os anos 90, como aqueles quando a Saúde Pública tornou-se, da mesma forma que a felicidade no século XVIII, um problema moral e político agudo.¹⁹⁵

O lugar da psicanálise, tomada por seu lado terapêutico, passa a ser interrogado diferentemente das maneiras pelas quais ela devia até então sua inserção na cultura, e são estudadas as definições que a sociedade dá ao corpo do sujeito através da aparelhagem seja jurídica, técnica ou erótica, e por intermédio do gozo que é legítimo se tirar desse corpo, aquilo que se nomeia como costumes, bem como as relações entre os sistemas de parentesco e a distribuição dos Nomes do pai, da mãe e do filho, três registros em que se é chamado a opinar. O modo de prova da psicanálise está à altura da angústia do nosso tempo?

Laurent acentua que é a prova pelo desejo definido por Freud, e que há nos sonhos de retorno à ordem e à paz das famílias, uma aporia fundamental: civilização e pulsão não se opõem de forma simples, como o instinto se opõe à sua domesticação.

Nada de parecido no que diz respeito ao homem, mas uma transposição mais sutil, onde a pulsão nutre, ela própria, a civilização e suas exigências de renúncia, encontrando por aí uma satisfação mais secreta. O mal-estar não vem de exigências contrárias à pulsão, mas do fato de que nas próprias exigências, a satisfação do superego está presente. Ela aí está, tanto mais que a exigência da virtude é tirânica, radical e puritana. É assim que a própria pulsão vem contribuir à referida civilização e que ela a ajuda de modo intenso a constituir o catálogo imperioso, inconsistente e sempre incompleto das obrigações legais e morais, impossíveis de serem cumpridas na sua integralidade. (...) mesmo que se constitua a vontade universal da civilização, pronta a incluir na história comum todas as figuras do Outro, todas as que tinham sido até então, denunciadas como bárbaras. É na civilização que vem se alojar a barbárie, todo o horror pulsional descoberto na pulsão de morte. Ela vem operar no cerne daquilo que se sonha fora do alcance e dedicado ao ideal de uma ordem social universal. O psicanalista percebe que é vão querer renunciar às pulsões, assim como ingênuo querer um retorno a boa natureza pulsional, uma vez que essa é má.¹⁹⁶

¹⁹⁵ LAURENT, Éric. *Estado, Sociedade, Psicanálise. A Psicanálise no Séc. XXI*. (1994), p. 11.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p.15

Acharam que poderiam resolver esse impasse atribuindo ao psicanalista a tarefa de denunciar a insuficiência de gozo nesse mundo e de militar em defesa de um abrandamento da repressão social educativa, e, para Laurent, a verdadeira questão que se colocava a Freud era aquela da impossível obediência à norma social: “não se trata apenas de querer uma sociedade menos “repressiva” e de se adotar uma postura anti-educativa, mas antes, de darmos os meios de saber distinguir a loucura de uma norma”.¹⁹⁷

Os argumentos que se ouve contra Freud são dos mais diversos, e movem-se em muitas direções, como o de que ele foi bom para uma época passada, a era vitoriana, quando havia repressões sexuais, proibições e a psicanálise ajudava a ter uma vida sexual ativa, normal, contra as autoridades familiares e a internalização da culpa, sendo que a vida hoje aparece completamente diferente, e muito mais permissiva.

Uma reflexão mais apurada feita por psicanalistas constata que atualmente é ainda pior: as pessoas não se sentem hoje culpáveis de transgredir proibições senão, ao contrário, de não transgredir, de serem incapazes de gozar, e o problema é que este imperativo do supereu de se ter que gozar é muito mais forte. Os exemplos mostram como as pessoas são ordenadas a não sentir dor, a não culpar e a não se sentirem culpadas, a despeito de estarem portando uma problemática emocional considerável, ou são instigadas a cumprir os mais diversos ditames na idéia de que poderão tamponar o vazio e a tristeza que uma depressão causa.

Este imperativo do supereu de se ter que gozar é muito atual e um exemplo esclarecedor desta suposta liberalidade e permissividade foi a vivida no Brasil no meio de uma grave crise aérea dos aeroportos das grandes cidades, e capitais, numa série de grandes atrasos, prejuízos, e transtornos, quando se ouviu de uma importante figura pública, candidata à reeleição de um estado brasileiro, palavras de cunho imperativo que foram tomadas como uma ofensa fazendo com que ela não se reelegesse pelo voto popular, apesar de todos os seus recursos e chances: ‘relaxem e gozem’.

Paradoxalmente, a psicanálise permite o não gozar, o chorar, o viver o sofrimento de um luto, uma perda, uma tristeza, passar por uma dor emocional ou moral, vencer uma dor física de cunho psicológico, para em seguida superá-los, e muitos dos problemas de hoje em dia é que não está sendo permitido o não gozar. Resulta problemático quando a permissão se transforma em dever, pois o importante é se ter a permissão de não gozar, porque só podemos gozar se está permitido também o não gozar, e temos este terrível mandato do supereu em todos os níveis, expresso no conhecido: desfrute, tenha sexo, relaxe e goze.

¹⁹⁷ Ibid., p.17

Laurent mostra-se enfático ao afirmar que para situar a posição do inconsciente freudiano no campo da cultura de nosso tempo nada melhor do que partir das novas formas de ataque que ele sofre, pois não há um dia, um mês, um ano, sem que um jornalista, um universitário, ou um cientista, especialmente nos países de língua inglesa, não publique algo sobre o tema: os fatos recentes nos permitem criticar Freud.

Como a psicanálise está agrupada pelo Estado no rol das psicoterapias que concorrem à Saúde Pública, ela não tem escapado de tentativas de avaliação, e, para Laurent, mais além dos métodos quantitativos, lhe são cobradas as estatísticas e os resultados, como os obtidos nas terapias de grupo, tentando mostrar que Freud não era um ‘laboratório’ sério.

Para Laurent, Freud jamais pretendeu um tal título, ao contrário: “a partir do seu positivismo inicial manteve uma questão aberta que Lacan formulou da seguinte maneira: O que seria uma ciência que incluísse a psicanálise? ”.¹⁹⁸

3.5 Psicanálise e educação: amor e solidariedade

Freud escreve o *Futuro de uma Ilusão*, em 1927, e em 1934 é lançada no Brasil sua tradução com o subtítulo de *Psicanálise das Religiões*, pelo empenho do professor Afrânio Peixoto, diretor da Biblioteca de Cultura Científica - Sociologia e Política do Rio de Janeiro, que possibilitou a impressão deste livro e a sua divulgação.

Freud inicia chamando a atenção para a questão do saber, e do conhecimento:

Quanto menos um homem conhece do passado e do presente, tanto mais inseguro vem a ser o seu juízo (*Urteil*) sobre o futuro, e exatamente por esse juízo as suas expectativas subjetivas (*subjektiven*) representam valor de difícil avaliação, mostrando-se elas serem dependentes de fatores meramente pessoais de experiência individual, do seu maior ou menor otimismo de atitude para com a vida, tais como lhe permitem o seu temperamento, o êxito ou o fracasso.¹⁹⁹

¹⁹⁸ Ibid., p.18

¹⁹⁹ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão* (1927), v., XXI, p.15.

Desprezando a diferença entre cultura e civilização, Freud exprime que a vida humana tem se elevado muito acima das condições animais e diferido da vida deles, e a cultura humana (*Die menschliche Kultur*) abrange, de um lado, todo o saber (*Wissen*) e poder (*Können*) que o homem conquistou, para dominar as forças da natureza e aproveitar-lhe os dons para satisfação das suas necessidades, e por outro lado, todas as normas e regulamentos necessários para regular as relações dos homens entre si e a repartição das riquezas disponíveis. Essas duas direções da cultura não são independentes uma da outra; primeiro, porque as relações recíprocas dos homens sofrem a influência profunda da quantidade compatível de satisfação das pulsões (*Triebbefriedigung*) com os bens existentes.

Segundo, porque cada um pode ele próprio vir a funcionar como um bem para o outro, utilizando a sua força de trabalho ou tomando-o como objeto sexual (*Sexualobjekt*); e, por fim, em terceiro lugar, porque cada indivíduo é virtualmente inimigo da cultura, e embora ela seja de interesse comum, é sentido como demasiado pesado o sacrifício que ela exige das pessoas para tornar possível uma vida em sociedade, e decorre daí muitos dos atos de violência, vandalismos e comportamentos anticulturais, antieducativos, e antiecológicos.

Sendo assim, não é só o meio ambiente que precisa de cuidados e de preservação, mas também a própria cultura que tem de ser defendida dos próprios homens, e as normas culturais, suas instituições, mandamentos e recursos se colocam a serviço desta tarefa, da preservação da memória social, pois as criações humanas são de fácil destruição, muitas delas já foram perdidas, e a ciência e a técnica que as construíram podem ser aplicadas também para o seu aniquilamento e a sua destruição.

Muito se tem dito e pesquisado sobre as novas tecnologias e os formatos de armazenamento, e tem-se visto que a escolha dos conhecimentos e artefatos que uma sociedade deixa para a posteridade não só resulta dos critérios e das políticas públicas que ela desenvolve para definir a importância daquilo que será transmitido, como também depende ainda mais das mídias de armazenamento de que ela dispõe e está disposta a aprimorar e salvar para as gerações futuras, em nome de sua própria sobrevivência, e evolução. Deste modo, com mais ou com menos avanços, e repressões, a cultura será sempre produtora de mal-estar, não só pelos artefatos, objetos, e dispositivos que produz e que se tornam, e tentam tornar os homens, obsoletos da noite para o dia, a cada dia, como pelo mal-estar encontrar-se ligado ao fato do homem ser um animal que pensa e que fala, um ser falante, atrelado ao real, ao imaginário, e ao simbólico, portanto produtor de sintomas, de mal-entendidos, uma vez que já nasce banhado no mal-entendido da própria linguagem, que pode servir também para uma comunicação sensata, a que se considera como sendo aquela do

diálogo, e mesmo um possível diálogo não deixa de não ter problemas e produzir, por seu turno, animosidades e mal-entendidos.

Como visto, o mal-estar na cultura pode ser concebido de várias maneiras, seja nos imperativos culturais tão difíceis de serem seguidos à risca, como vimos, ou nas sérias restrições ou imposições às exigências pulsionais, em menos ou mais opressões, uma vez que homens, mulheres e crianças não dispõem de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tendo que efetuar uma distribuição conveniente, adequada, sadia, normal, e nem sempre conseguida, da sua libido em todos os seus investimentos e contra-investimentos.

Quanto ao emprego da palavra educação, Freud usa o termo ‘*Erziehung*’ no sentido mais geral de educação, e como formação, num sentido mais genérico que inclui a educação como criação, da forma como um ser foi criado. E educação pode ter para ele uma conotação de cultura, como expressa no seu caso clínico de Frau Emmy, de quarenta anos, cujos sintomas e personalidade lhe interessaram de tal forma que Freud dedicou ao trabalho grande parte do seu tempo e decidiu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para recuperá-la, elogiando a sua coerência, que revelava um grau inusitado de educação, e de inteligência.

Considerava que as pessoas podiam ser mais ou menos educadas, e o tema da educação nunca o abandonou ainda que não tivesse escrito um tratado sobre a educação de forma específica, e até tenha se desculpado pelo pouco tempo que se dedicou à pedagogia.

Atribuía aos pais, aos familiares, às escolas, à sociedade, a educação dos filhos, das crianças, dos adolescentes, e dos jovens, de cuja atribuição e controle, por vezes se apresentavam, em sua opinião, muito ou pouco rigorosa, mais ou menos eficiente, aludindo ao que faz questão aos métodos educativos e não duvidando de que seja sempre possível haver transmissão de algo que não seja anônimo, de um saber, embora se tratando sempre de um saber faltoso, posto que o saber absoluto falta, sempre há uma falha no saber.

Ao escrever sobre o sentido moral dos sonhos, Freud refere-se à ‘*Anthropologie*’ de Kant, de 1798, quando diz, citando Kant, que os sonhos parecem existir a fim de nos indicar nossas naturezas ocultas e revelar-nos, não o que somos, mas o que poderíamos ter sido se tivéssemos sido educados diferentemente. Neste sentido pode-se falar em educação enquanto formação (*Bildung*). A psicanálise logo passa a tornar-se referência, como vimos na carta de Einstein, e mesmo um patrimônio cultural da civilização ocidental, embora nunca tenha vivido um casamento com a pedagogia tal como o que se pôde dizer ao que se assistiu com Marcuse, nos anos 50, considerado como “as núpcias da psicanálise e da crítica social”.²⁰⁰

²⁰⁰ ASSOUN, Paul-Laurent. *A escola de Frankfurt*, p.78

Como fundador da psicanálise, gênio da humanidade, e crítico da cultura, o nome de Freud vem quase sempre ligado, associado, justamente, ao nome de Nietzsche e ao de Marx, como reconheceu Horkheimer: “o pensamento de Freud é uma destas *Bildungsmächte* (modos de formação) sem as quais nossa filosofia não seria o que ela é”.²⁰¹

A própria ‘formação’ da Teoria Crítica está, segundo Assoun, intimamente associada à posição analítica, numa solidariedade dita crítica e problemática que poderia encontrar o seu sentido na questão do sujeito, podendo-se dizer o mesmo da pedagogia, acrescentamos, sendo muitas as incursões pedagógicas no sentido do estudo da questão do sujeito, da sua subjetividade, e, em sua especialidade, da aprendizagem e da educação.

Neste contexto, vale lembrar a ação de um pedagogo brasileiro, o escritor, pensador, e educador Paulo Freire que muito se referiu à questão do sujeito, e do sujeito oprimido, reprimido, e à questão da subjetividade colocada seja do ponto de vista consciente quanto inconsciente, considerando também, modernamente, o sujeito do ponto de vista linguístico, além de ter tratado da questão do amor, da solidariedade, criando um método de alfabetização para adultos, principalmente dirigida a quem ainda não sabe ler nem escrever, que tem como bússola e lema ‘o aprender a dizer sua própria palavra’.²⁰²

Paulo Freire sempre teve a psicanálise em alta conta, citando em seus livros alguns estudiosos de Freud como Althusser, Marcuse, Erick Fromm, e, muitas das idéias psicanalíticas são encontradas em seus escritos, como a do homem inconcluso, consciente de sua inconclusão, dentre outras concepções.

Sendo pedagogo, no sentido da palavra pedagogia enquanto ciência da educação, os métodos educacionais de Paulo Freire fazem fama nacional e internacionalmente, e, segundo especialistas, os seus métodos educacionais constituem em forte auxílio aos países em dificuldades, ou em desenvolvimento, com uma proposta inovadora de uma educação escolar, formal, instituída, eficiente e solidária.²⁰³

A palavra solidariedade pode ter vários empregos e significados, e o que a define é a qualidade do ser solidário, que vai desde a partilha do sofrimento do outro ou se propõe a diminuí-lo, solidarizando-se com ele, quanto ao que responsabiliza a cada um dos muitos devedores pelo pagamento total de uma dívida.

Freud utilizou a palavra solidariedade (*die Solidarität*) ao estudar *Totem e tabu*, que tem como subtítulo, ‘alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos

²⁰¹ Ibid., p.77

²⁰² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p.93

²⁰³ WEYER, Adam. *Paulo Freire: Pädagogik der Solidarität*, p. 66

neuróticos’, ao tentar situar o surgimento do conceito de Deus quando este assume o controle da vida religiosa, sendo que para Freud o deus de cada um é formado à semelhança do pai, e que, no fundo, para ele, Deus nada mais é que um pai glorificado:

O sentido (*Der Sinn*) do ato é o mesmo: santificação por meio da participação numa refeição comum. O sentimento de culpa, que só pode ser aliviado pela solidariedade (*die Solidarität*) de todos os participantes, persiste também.²⁰⁴

Interessante esta perspectiva de Freud, esta sua leitura psicanalítica, segundo a qual a solidariedade alivia um sentimento de culpa, (*das Schuldbewusstsein*), ou seja, a consciência da culpabilidade, referindo-se, neste caso, a antiga refeição totêmica repetindo-se sob a forma original de sacrifício.

A preocupação de Freud com uma possível aplicação da psicanálise à educação é sempre citada pelos pesquisadores, principalmente na conferência em que ele faz menção a este tema, talvez a mais extensa explanação sobre as relações entre a análise e a educação, mas de modo algum a única, onde Freud confessa que desse assunto ele se ocupou muito pouco, embora reconheça a importância das aplicações da psicanálise à educação:

O reconhecimento de que a maioria das nossas crianças atravessa uma fase neurótica no curso do desenvolvimento impõe medidas de profilaxia. Pode-se levantar a questão de saber se não seria adequado vir em auxílio de uma criança com a análise, embora ela não mostre sinais de algum distúrbio, como forma de salvaguardar sua saúde, do mesmo modo como atualmente vacinamos as crianças contra difteria, sem esperar para ver se contraíram a doença.²⁰⁵

Indicar uma análise para uma criança que não mostra nenhum sinal de distúrbio, além daqueles sintomas normais da infância, que não apresente nenhum sintoma tido pelo analista como um sintoma analítico, o que, por si só, justificaria uma entrada em análise, não faz sentido e nem há condições, segundo Freud, para a realização de um tal projeto.

A questão é colocada por Freud em outros termos, o chamado dilema educacional que – se por um lado, graças a educação, a criança pode atingir o controle das pulsões, pois seria inviável a liberdade de por em prática, sem restrição, todos os seus impulsos, visto que

²⁰⁴ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu* (1913[1912]), v., XIII, p.175.

²⁰⁵ FREUD, Sigmund. *Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise* (1933[1932]), p. 181

as próprias crianças sofreriam grave prejuízo, que se exteriorizaria, em parte, imediatamente, e, em parte, nos seus anos subseqüentes, por outro lado, como ressalta Célio Garcia, a própria psicanálise nos ensinou ser esta repressão fonte de manifestações neuróticas.²⁰⁶

Deste modo, paradoxalmente, a educação inibe, proíbe, reprime e suprime, os impulsos das pulsões e isto ela procurou fazer, e faz, em todos os períodos da história, seja de uma forma ou de outra, e,

este é um dilema que a educação tem que escolher seu caminho entre o Sila da não interferência e o Caríbidis da frustração. A menos que o problema seja inteiramente insolúvel, deve-se descobrir um ponto ótimo que possibilite à educação atingir o máximo com o mínimo de dano. Será, portanto, uma questão de decidir quanto proibir, em que hora e por que meios.²⁰⁷

Devemos levar em conta, lembra Freud, que nossa perspectiva educacional tem disposições muito diferentes, de modo que é quase impossível que o mesmo método educacional possa ser uniformemente bom para todas as crianças, e, sabemos o quanto são difíceis os problemas com os quais o educador se defronta, e com os quais ele tem que lidar, como os de ter que reconhecer a individualidade constitucional de cada criança, nomeando uma a uma, em sua subjetividade, e singularidade, dispensando-lhe atendimento individualizado, e dando-lhe a quantidade exata de amor, quer dizer, de manifestação da pulsão de vida, e, ao mesmo tempo, mantendo um grau eficaz e seguro de autoridade.

Freud lembra ainda, e o faz de diversas formas e enfaticamente, que o processo educacional é um, tratando-se de pedagogia, de ciência da educação, enquanto que o processo psicanalítico é outro, tratando-se do inconsciente do sujeito que dele toma ciência.

A única preparação adequada para a profissão de educador é a de uma sólida formação, que para Freud não deixa de incluir uma formação analítica, e a análise pessoal de professores e educadores lhe parece ser a medida profilática mais eficiente do que a da análise das crianças como medida de profilaxia, e o mesmo se pode dizer de uma indicação de análise para os pais das crianças, quando for o caso, lembrando que a educação não pode deixar de considerar a particularidade da constituição pulsional ser ela, em si mesma, rebelde.

Freud ressalta nas suas *‘Novas Conferências Introdutórias’* que a educação desempenhará o seu papel se tornar os educandos tão sadios e eficientes quanto possível.

²⁰⁶ GARCIA, Célio. *Psicanálise e Educação. A psicanálise escuta a educação.* p. 27.

²⁰⁷ FREUD, Sigmund. *Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise* (1933[1932]), p. 182.

Conclusão

Delimitamos o nosso trabalho de pesquisa ao estudo do conceito de pulsão em psicanálise, objeto da nossa pesquisa, com a finalidade de responder a pergunta do que vem a ser ‘pulsão’ para o ser humano, e o que a distingue de ‘instinto’ para os outros seres animais, e qual a conexão entre o conceito de pulsão e a educação, norteados o nosso estudo na análise e na elaboração dos conhecimentos que obtivemos ao longo deste percurso, sabendo das limitações desta nossa investigação, como das que se impõem a toda pesquisa.

Partimos de três questões-chaves: como conceber o conceito de pulsão em psicanálise? Como as pulsões compõem o aparelho psíquico do sujeito? Qual a conexão entre as pulsões e a educação?

Para a realização desta pesquisa apoiamos-nos na conceitualização teórica dos principais textos de Freud, e nos trabalhos de alguns dos seus comentadores, além de termos feito uso de exemplos literários e de exemplos derivados dos relatos clínicos, para responder às indagações e atender aos objetivos desta pesquisa em situar as diversas manifestações pulsionais do sujeito, e os transtornos pulsionais encontrados na clínica, e na vida cotidiana, quando também pudemos estabelecer a diferença entre o termo pulsão (*Trieb*) para o ser humano e o instinto (*Instinkt*) para os outros seres animais.

Ao responder à pergunta do que quer dizer pulsão, encontramos a definição de que a pulsão é uma força constante, que tem como energia a libido, e por finalidade a busca de satisfação que ela alcança por diversos meios e que se traduz numa descarga da tensão, no baixar da excitação, sendo a pulsão um conceito limite entre o psíquico e o corporal, ou seja, o mental e o somático, sendo pulsão a representação psíquica das excitações vindas do interior do corpo, força contínua e intra-somática, diferente das excitações vindas do mundo externo.

E, destacamos quatro dos seus termos: o impulso, o alvo, o objeto e a fonte da pulsão, e quatro dos seus principais destinos, ou suas vicissitudes, os caminhos pelos quais as pulsões podem passar ao longo do desenvolvimento e da vida: a inversão da pulsão ao seu contrário; a volta da pulsão contra a própria pessoa; o recalque; e a sublimação da pulsão.

Ainda que a pulsão possa ser traduzida por instinto, alcançamos um dos nossos objetivos ao demonstrar a distinção feita por Freud entre os dois termos, e, qualificamos como instinto um comportamento animal hereditário, próprio de uma espécie, num desenvolvimento já formado e adaptado ao seu objeto útil, e, pulsão para o que é próprio do ser humano, ser de

linguagem, de inconsciente demonstrável em suas formações como no sonho, nos chistes, nos sintomas, e nas psicopatologias de todo dia, o sintomático da vida cotidiana.

A pesquisa buscou uma resposta que não estava pronta de antemão, e demonstrou numa passagem dos textos de Freud o que explicitou a diferença que ele introduz entre pulsão e instinto, quando diz que para os peixes que migram para a desova, e os pássaros que voam em migração, e, possivelmente, tudo o que qualificamos como manifestação do instinto (*Instinkt*) em animais, realiza-se sob as ordens da compulsão à repetição no homem, que exprime a natureza conservadora das pulsões (*Triebe*).

As questões que foram levantadas referem-se às hipóteses preliminares formuladas do como e do porque o recalque e a sublimação da pulsão são considerados processos que possibilitam ao sujeito investir a sua energia libidinal, psíquica, em atividades como a educação, a invenção, a arte, enfim, a vida social, cultural e civilizada.

De fato, pudemos confirmar a existência da relação entre o recalque e a sublimação da pulsão e o construir civilizatório, incluindo aí a educação, pela capacidade psíquica do sujeito de fazer um desvio do seu alvo sexual direto, mudando de objeto para dirigir-se no sentido de outros alvos que proporcionem prazer, satisfazendo assim a pulsão que alcança a sua finalidade, enquanto que no recalque a pulsão sofre uma transformação, passando ao estado de recalçamento, portanto sendo inibida quanto ao seu alvo, que seria o de ter obtido satisfação com um determinado objeto se não tivesse havido uma interdição.

Assim, constatamos a hipótese de que há uma vinculação entre a pulsão sexual parcial e a possibilidade do sujeito de submeter-se ao processo cultural, e pudemos confirmar que as pulsões do sujeito, quando sublimadas, e também quando recalcadas, capacitam-no a empregar as suas energias para efetuar contribuições importantes às realizações culturais.

As pulsões sofrem o destino do recalque se são incompatíveis com que o sujeito busca como um padrão para si, levantando obstáculo contras as suas próprias pulsões e efetuando modificações nas suas manifestações, por submeter-se às restrições impostas externamente pelas representações culturais, morais e éticas e internalizadas por ele.

Deste modo, confirmamos a hipótese de que tanto o recalque quanto a sublimação da pulsão constituem um aspecto do desenvolvimento cultural, e possibilitam ao sujeito a sua inserção no social, posto que a própria civilização é construída através da renúncia à satisfação pulsional, assim como a educação é alcançada, em certa medida, à custa das repressões das pulsões, e ambas, cultura e educação, exercem uma opressão externa que o sujeito internaliza, mediado pelo eu que impõe o recalque da pulsão, ou desvia a pulsão para uma sublimação, havendo assim uma possível troca, adiamento, ou transformação de alguns

prazeres diretamente sexuais por outros mais exequíveis, possíveis, aceitos, tanto externa quanto internamente.

Cumprimos um objetivo específico da pesquisa ao demonstrar as diversas fases e transformações pelas quais passam as pulsões, ficando estabelecido que o conceito de sexual em psicanálise é amplo, abrangente, e abarca muitas atividades que podemos chamar de sexualizadas, investidas de libido, portanto libidinizadas pela energia psíquica do desejo, por proporcionarem satisfação, e que vão além da relação estrita com os órgão genitais.

Constatamos, com efeito, que desde a tenra infância existem certos sinais de atividade corporal qualificada de sexualizada, observados na primeira fase oral, quando a oralidade predomina, e o objeto visado pela pulsão oral é o seio da mãe que alimenta.

Depois, a criança ingressa numa segunda fase, a sádico-anal, de pulsão anal, quando as satisfações são buscadas nas tendências agressivas da libido, e nas funções de excreção, de mordidas, sendo o sadismo uma mistura de impulsos libidinais e destrutivos.

Na terceira fase, a fase de pulsão fálica, o que é colocado em pauta e chama mais à atenção é o órgão masculino, de símbolo fálico, o falo, e o menino, aos dois ou três anos, ingressa nesta fase com as suas fantasias ligadas à mãe, sofrendo as interdições desta impossibilidade, pela ameaça de castração, o que inaugura para ele o período de latência.

A menina não receia a perda do pênis, pois não o tem, mas reconhece também a sua falta nela, e reage ao fato de não ter recebido um, passando a invejá-lo, e a diferença entre os sexos encontra também para ela uma expressão psicológica, passando a sua mãe a não ter a importância que tinha antes, sendo substituída, como objeto de seu amor, pela figura do pai com o qual passa a se identificar, e o seu complexo de Édipo é também recalçado, e a sexualidade infantil aproxima-se do seu declínio junto com o 'Édipo' que também se dissolve.

Assim, para o menino a ameaça de castração dá fim ao seu complexo de Édipo, e, para a menina, ao contrário, é a falta que a inclina para o lado do pai, complexo que é recalçado também por sua impossibilidade.

Estes processos evolutivos alcançam o seu máximo quando a criança entra no período de latência, e passa a se interessar por outras atividades. A organização da sexualidade completa só será alcançada na puberdade, na quarta fase, a fase genital, voltando a florescer o interesse pelo sexual.

Na pesquisa deixamos claro que a sexualidade da criança diz respeito às crianças, que o seu conteúdo é eminentemente infantil, havendo sérias e graves consequências para ela se vier a sofrer qualquer tipo de atentado, e de crime por abuso sexual, por parte de adultos.

Além das conexões já mencionadas no estudo entre pulsão e educação, do ponto de vista da normalidade, vimos os casos patológicos no crime de incesto pelo adulto quando da patologia do complexo de Édipo, e encontramos uma consideração das mais importantes e esclarecedoras de Freud quanto à responsabilidade dos pais, e dos adultos, e da própria sociedade, em garantirem por todos os meios a proteção da infância da criança, haja vista que uma criança precisa ser resguardada de vir a sofrer qualquer tipo de abandono, negligência, violência, e agressão, e, principalmente, de crime sexual, seja ele uma sedução, ou abuso, depravação, ou mesmo corrupção, com conseqüências sérias para o seu desenvolvimento:

Não podemos dizer em que medida de atividade sexual na infância poderia ser descrita como normal e não prejudicial ao seu posterior desenvolvimento. O caráter das manifestações sexuais (infantis) revelou-se predominantemente masturbatório. A experiência nos permitiu comprovar que as influências externas de sedução podem fazer surgir prematuras interrupções do período de latência e até a revogação do mesmo, produzindo-se o resultado de conservar (fixar) na criança uma pulsão sexual polimorficamente perversa. Comprovamos ainda que esta prematura atividade sexual prejudica a educabilidade da criança.²⁰²

Assim, a educabilidade da criança depende de que ela tenha uma infância normal, que ela possa viver as fases de sua organização libidinal infantil resguardada da interferência externa de sedução por adulto, prevista como crime por lei, que venha interromper, prematuramente, o seu período de latência, e até a revogação do mesmo, e precisa ser amparada para não ser prejudicada em nenhuma das suas etapas por nenhum tipo de atentado que venha resultar em sintomatologias graves, manifestadas seja na atualidade dos acontecimentos, ou no futuro, além do que a sua desproteção constitui um grave desrespeito ao seu ser de criança, ao ser infantil, como para qualquer ser, com conseqüências para a sua educabilidade, como assinala Freud, e a sua saúde física e emocional.

Vimos, no *Projeto*, o relato do sintoma de *Emma* em forma de compulsão de não poder sair mais sozinha à rua devido a uma vivência de quando tinha oito anos, onde ficou demonstrado que algo vivido na infância pode converter-se, no 'só depois', posteriormente, em grande angústia e pânico, pois os fatores causadores de uma neurose remontam à infância e à sexualidade, e sexualidade também no sentido mais amplo que engloba todas as fases da pulsão, e as fantasias das recordações da infância ou são reinvestidas na puberdade transformadas em sintomas, ou os sintomas patológicos podem surgir na própria atualidade da

²⁰⁸ FREUD, SIGMUND. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), p. 238.

infância. O estudo do conceito de pulsão (*Trieb*) na psicanálise, que tivemos a chance de examinar, nos levou à afirmação do que constatou Freud, ou seja, de que as pulsões estão presentes no sujeito desde o bebê, a criança, o jovem, e o adulto, sendo que pulsão faz parte da realidade do inconsciente, e o funcionamento delas revela o âmbito da afetividade, e amplia o conceito de sexualidade por serem pulsões sexuais parciais, sendo a pulsão definida como uma força constante que permeia toda a atividade psíquica, o que nos conduziu a refletir sobre os efeitos que causam os transtornos pulsionais nas estruturas clínicas, seja na neurose, na psicose, e na perversão, quando nos detivemos nos casos de melancolia por termos tido a oportunidade de demonstrar aí, de forma mais elucidativa, os graves distúrbios pulsionais.

Assim, partimos do conceito de pulsão, considerado como fundamental, e esta constatação nos levou a investigar a sua importância nas formulações do aparelho psíquico composto de pulsões, das quais só tomamos conhecimento através dos representantes das suas representações, que pode se traduzir em sonhos, em sintomas, em significantes, mesmo que se apresente como um oooó, aaaaá, do balbuciar de um bebê.

Encontramos, na teorização de Freud, um aparelho psíquico estruturado em inconsciente, pré-consciente, e consciente, e nas estruturas do eu, do supereu e do isso, sendo que estas três últimas instâncias, ou sistemas, foram acrescentadas num segundo momento da teoria, sobrepondo-se àquelas, assim como o dualismo pulsional inicial em pulsões do eu, as de autoconservação, e as pulsões sexuais foi modificado, e transformado no dualismo final de duas pulsões básicas: a pulsão de vida, *Eros*, e a pulsão de morte.

Refletimos sobre a complexa questão que levantou Marcuse de que Freud teria deixado em suspenso o dualismo pulsional final, e constatamos que no ‘Esboço de Psicanálise’, no “*Abriss*”, obra publicada postumamente, Freud resolve o impasse pulsional englobando em *Eros*, as pulsões de vida, tanto as pulsões do eu, de autoconservação, quanto as pulsões sexuais, situando a destrutividade em separado como a expressão da pulsão de morte. Assim, o retorno à teoria da pulsão empreendido por Lacan respeita a formulação freudiana ainda que considere a existência de uma só pulsão que porta em si, as suas duas faces, tanto a sexualidade quanto a morte, ou seja, o dualismo defendido por Freud.

Averiguamos a metapsicologia dos fenômenos psíquicos que inclui o ponto de vista tópico, os lugares, ou instâncias, de onde partem os investimentos, e contra-investimentos das energias libidinais; o econômico, da quantidade de energia em circulação; e o dinâmico, no conflito entre a energia pulsional do desejo e a defesa que parte do eu e que se esforça em manter a representação da pulsão, incompatível, recalçada.

Neste extenso campo de investigação, novos problemas surgem e sempre se anunciam com novas interrogações, formulações, e questionamentos, e a nossa pesquisa se pautou na tentativa de formalizar um saber sobre a pulsão, fazendo uma conexão entre psicanálise e educação, buscando dar conta das principais perguntas, e objetivos levantados por nossa investigação, para a confirmação das nossas hipóteses, numa tentativa de poder fazer uma reflexão própria.

Referências bibliográficas

Obras de Freud consultadas:

- FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 10 v.
- . Entwurf Einer Psychologie, Scanné à partir de l'édition de S. FISCHER Aus den Anfängen der Psychoanalyse, 1887-1902, pp 297-384, 1975.
- . Das Unbehagen in der Kultur - Abriss der Psychoanalyse (1930[1929]). Germany: Fischer-Bucherei, 1958.
- . Studienausgabe erschien ursprünglich. Germany: Fischer Verlag, 1969-1979. Band I – X.
- . Zwei Krankengeschichten. Germany: Fischer Verlag. Main, 1996.
- . O Futuro de uma Ilusão (Psicanálise das Religiões). Rio de Janeiro: Guanabara, 1934.
- . Projeto de uma Psicologia. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. Notas Críticas. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969 a 1979. 24 v.
- . A psicopatologia da vida cotidiana (1901), v. VI.
- . Fragmentos da Análise de um caso de Histeria (1905[1901]), VII.
- . Cinco lições de Psicanálise (conferências). (1910[1909]), v. XI.
- . O Interesse Científico da Psicanálise (1913), v. XIII.
- . Estudos Sobre a Histeria (1893-1895), v. II.
- . O Mal-Estar na Civilização (1930[1929]), v. XXI.
- . Projeto para uma Psicologia Científica (1950[1895]), v. 1.
- . A Interpretação dos Sonhos (1900), v. IV e V.
- . As Pulsões e suas Vicissitudes (1915), v. XIV.
- . Psicologia das Massas e Análise do Eu. (1921), v. XVIII.
- . Um Estudo Autobiográfico (1925[1924]), v. XX.
- . Rascunho G - Melancolia (1895), v. I.
- . Conferência XXXII. Angústia e vida pulsional. (1932), v. XXXII.
- . O Inconsciente (1915), v. XIV.
- . O Recalque (1915), v. XIV.
- . Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), v. VII.

- Conferência XXV. A Angústia (1917), v. XVI
- As transformações das pulsões exemplificadas no erotismo anal. (1917) v. XVII.
- Caráter e erotismo anal (1908), v. IX.
- A Organização Genital Infantil (1923), v. XIX.
- Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos (1909), v. X.
- Algumas reflexões sobre a Psicologia do Escolar (1914), v. XIII.
- A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910), v. XI.
- Leonardo da Vinci Uma Lembrança da Sua Infância (1910), v. XI.
- Totem e Tabu (1913[1912]), v. XIII.
- Sobre O Narcisismo: Uma Introdução (1914), v. XIV.
- História de uma Neurose Infantil (1918[1914]), XVII.
- Cinco Conferências de Psicanálise (1909), v. XI.
- Conferência XXVI. A Teoria da Libido E O Narcisismo, (1915-17), v. XVI.
- Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica (1933), v. XXI.
- Conferência XXXIV. Explicações, Aplicações e Orientações (1933[1932]), v. XXII.
- A dissolução do Complexo de Édipo (1924), v. XIX.
- O futuro de uma ilusão (1927), v. XXI.
- Dois Verbetes de Enciclopédia (1923[1922]), v. XVIII.
- Esboço de Psicanálise. Desenvolvimento da função sexual (1940[1938]), v. XXIII.
- O Estranho (1919), v. XVII.
- Reflexões para os tempos de Guerra e Morte (1915), v. XIV.
- Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917), v. XVII.
- Além do Princípio do Prazer (1920), v. XVIII.
- O Eu e o Isso (1923), v. XIX.
- Por que a Guerra? (1933[1932]),v XXII.

ASSOUN, Paul-Laurent. A Escola de Frankfurt. São Paulo: Ática, 1991.

BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAMARGO, Sabrina Gomes. La mélancolie et le passage à l'acte suicidaire: un étroit rapport? 2006-2007. 87 f. Master de Psychanalyse. Université Paris 8, Paris.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

—— As Encruzilhadas do Labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- ECO, Humberto. Como se faz uma Tese. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GARCIA, Célio. Psicanálise e educação. A psicanálise escuta a educação. In: Eliane Marta Teixeira Lopes (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 11- 33.
- GARCIA-ROZA. O Mal radical em Freud. Rio de Janeiro: Zahar. 1990.
- JONES, Ernest. A vida e a obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 3 v.
- LACAN, Jacques. O Seminário 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (1964), Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- . O Seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, (1954-[1955]), Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- . O Seminário livro 3: as psicoses (1955-56), 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- . O Seminário livro 4: a relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- . O Seminário livro 7: a ética da psicanálise (1960-[1959]), Rio de Janeiro: Zahar, 1988
- . O Seminário livro 10: a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- . O Seminário livro 23: o sintoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- . Escritos. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Escritos. Funções da psicanálise em criminologia, (1950), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Escritos. A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise (1955), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Escritos. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1958), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Escritos. A instância da letra ou a razão desde Freud (1958), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Escritos. A direção do tratamento e os princípios do seu poder (1958), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Escritos. A ciência e a verdade (1966), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- . Outros Escritos. Discurso de Roma. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAURENT, Éric. Estado, Sociedade, Psicanálise. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. Opção Lacaniana. São Paulo: Eolia, p. 11-20. Nov.1994.

- LOPARIC, Zeljko. O Conceito de *Trieb* na Psicanálise e na Filosofia. In: Machado (org.) 1999.
- MARCUSE, Herbert. Cultura e Psicanálise. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- . Eros e Civilização. 8 ed. São Paulo: Guanabara, 1969.
- MEYER, Adam. Paulo Freire: Pädagogik der Solidarität. Wuppertal: Verlag, 1974.
- MEZAN, Renato. Freud A Trama dos Conceitos. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2003.
- . Freud Pensador da Cultura. São Paulo: Brasiliense. 1997.
- MASSON, J. M. (org.). A correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904. Carta abril. 1895. Rio de Janeiro: Imago, p. 128-9, 1986.
- MILLER, Jacques-Alain. La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- MONZANI, Luiz Roberto. Freud. O Movimento de um Pensamento. 2 ed. São Paulo: Unicamp.1989.
- OSMYR Faria Gabbi Jr. Projeto de uma Psicologia - Notas Críticas. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- RICOUER, Paúl. Freud: una interpretacion de la cultura.8 ed. España: Siglo veintiuno.1990.
- RIMBAUD, Arthur. Poésies complètes. Paris: Gallimard, 1960.
- ROBINSON, Paul A. A Esquerda Freudiana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ROUANET, Sergio Paulo. Os dez amigos de Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SAGAN, Françoise. Bom Dia Tristeza. 6 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1958.
- SALOMÉ-ANDRES, LOU. Das > Zweideutige < Lächeln der Erotik. Texte zur Psychoanalyse, Germany: Kore, 1990.
- . Carta aberta a Freud. São Paulo: Landy, 2001.
- SANTIAGO, Jesús. Pontos para uma investigação sobre a família. O Mal-Estar no Fim do Século XX – In: Cabeda, Sônia (org.). Seminário Interdisciplinar - Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS - DPTO. Ciências Humanas e Filosofia, 1997, p. 38-44.
- STRACHEY. Nota do Editor Inglês- Das Unbewusste - O Inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

VIEIRA, Marcus André. A Ética da Paixão. Uma Teoria Psicanalítica do Afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.